

***“Arte, outra vez, stôr? Que seca!” – o desenvolvimento da
sensibilidade estética e artística no ensino da História***

Miguel Ângelo Gil Paulino

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário**

Versão corrigida e melhorada após Defesa Pública

Junho de 2022

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada apresentado para o cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizado sob orientação científica da Professora Doutora Raquel Pereira Henriques, professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, coorientação da Professora Doutora Mariana Pinto dos Santos, professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora do Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa, e supervisão local da Prática de Ensino da responsabilidade do Professor João Francisco Gonçalves Gaspar, docente de História no Agrupamento de Escolas Monte da Lua – Escola Secundária de Santa Maria.

“ARTE, OUTRA VEZ, STÔR? QUE SECA!” – O DESENVOLVIMENTO DA SENSIBILIDADE ESTÉTICA E ARTÍSTICA NO ENSINO DA HISTÓRIA

MIGUEL ÂNGELO GIL PAULINO

RESUMO

Durante o seu quotidiano, o ser humano contacta, ainda que involuntariamente, com a Arte. Aquele que se predispõe a entrar em diálogo com ela pode submergir num *mundo* marcado pelas narrativas da época histórica em que foi produzida, nomeadamente os valores simbólicos, culturais e pelos gostos que marcavam aquela sociedade. Para além desta carga histórica, os objetos artísticos possuem, também, uma dimensão estética que apela aos sentidos e aos sentimentos de cada ser humano.

A utilização das Artes Visuais em História revela-se necessária, uma vez que os objetos artísticos podem ser considerados fontes para a construção do conhecimento histórico (possibilitando o desenvolvimento da empatia histórica) e permitem o desenvolvimento da argumentação e da produção de juízos estéticos. O presente Relatório resulta de uma reflexão teórica sobre aspetos da Teoria da Arte, da Estética e da Educação Estética e Artística, e da realização de atividades que promovem o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística, aplicadas durante a Prática de Ensino Supervisionada em História, que teve lugar no Agrupamento de Escolas Monte da Lua – Escola Secundária de Santa Maria, no ano letivo 2019/2020. Com este trabalho, pretende-se analisar a importância que a Arte tem na formação do indivíduo e o contributo das disciplinas de História A e História da Cultura e das Artes para o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística.

Palavras-chave: Artes Visuais, História da Arte, Estética, Juízos Estéticos, Educação Estética e Artística

“ART, AGAIN, TEACHER? BORING!” – DEVELOPING THE AESTHETIC AND ARTISTIC SENSIVITY IN THE HISTORY CLASS

MIGUEL ÂNGELO GIL PAULINO

ABSTRACT

During their daily lives, human beings come into contact, albeit involuntarily, with Art. Those who are willing to enter dialogue with it can submerge into a world marked by the narratives of the historical period in which it was produced, namely the symbolic and cultural values and tastes that marked that society. Besides this historical charge, the artistic objects also have an aesthetic dimension that appeals to the senses and feelings of each human being.

The use of Visual Arts in History proves to be necessary since artistic objects can be considered sources for the construction of historical knowledge (allowing the development of historical empathy) and allow the development of argumentation and the production of aesthetic judgements. This report results from a theoretical reflection on aspects of Art Theory, Aesthetics and Aesthetic and Artistic Education, as well as the implementation of activities that promote the development of aesthetic and artistic sensitivity, applied during the Supervised Teaching Practice in History, which took place in Agrupamento de Escolas Monte da Lua – Escola Secundária de Santa Maria, in the 2019/2020 school year. This work intends to analyse the importance of Art in the formation of each student and evaluate the contribution of História A and História da Cultura e das Artes to the development of aesthetic and artistic sensitivity.

Keywords: Visual Arts, Art History, Aesthetics, Aesthetics Judgements, Aesthetic and Artistic Education

“Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós; deixam um pouco de si e levam um pouco de nós.”

Antoine de Saint-Éxupéry, *O Príncipezinho*

À minha avó, Maria Luciana, e aos meus sobrinhos, João Pedro, Margarida e Martim.

Um agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a prossecução deste trabalho, em especial ao Professor João Gaspar, professor cooperante da Escola Secundária de Santa Maria, e às Professoras Raquel Pereira Henriques e Mariana Pinto dos Santos, orientadoras deste trabalho.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	3
I.1. Os contributos da História da Arte e da Estética	3
I.2. A Educação Estética e Artística	6
CAPÍTULO II	13
II.1. O Currículo Português e a Arte	13
II.2. O <i>Programa de Educação Estética e Artística</i> e o <i>Plano Nacional das Artes</i> ...	16
II.3. O contributo da disciplina de História para o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística.....	19
CAPÍTULO III	24
III.1. Estratégia didática e metodológica	24
III.2. Caracterização da escola, das turmas e da relação dos estudantes com a Arte	25
III.3. “Vamos começar hoje a <i>dar Arte!</i> ”: Modernismo na disciplina de História A	27
III.4. Visita de Estudo ao Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian – Atividade desenvolvida com as turmas 12.º M e 12.º N	33
III.5. Visita de Estudo Virtual ao Palácio Nacional de Sintra.....	43
CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
ANEXOS	i
APÊNDICE DOCUMENTAL.....	xxxviii

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dimensões da Educação Artística, de acordo com a UNESCO (2006)	9
Figura 2: Os Estádios de Desenvolvimento Estético: Abigail Housen (1983) e Michael Parsons (1987).....	11
Figura 3: Respostas ao item “Gosta de Arte?” do inquérito por questionário realizado às turmas atribuídas ao Professor João Gaspar.....	26
Figura 4: Resultados obtidos nos itens 29 e 30 do inquérito por questionário, relacionados com a importância das atividades realizadas na sala de aula	31
Figura 5: Amostra de respostas obtidas ao item 7 do guião de visita de estudo realizada à Fundação Calouste Gulbenkian (12.º M e 12.º N).....	34
Figura 6: Tipologias de apreciação estética segundo Bjarne Funch	35
Figura 7: A apreciação estética feita pelos estudantes da turma 12.º M.....	36
Figura 8: A apreciação estética feita pelos estudantes da turma 12.º N.....	38
Figura 9: A importância das visitas a museus e de trabalhos de reflexão sobre objetos artísticos, segundo as turmas 12.º M e 12.º N.....	42
Figura 10: Os espaços do Palácio Nacional de Sintra que os alunos da turma 10.º P mais gostaram e menos gostaram.....	45
Figura 11: Contributo da visita de estudo virtual para a sensibilização para a Arte e preservação do património, segundo a turma 10.º P	49

LISTA DE ANEXOS E APÊNDICE DOCUMENTAL

Anexo 1: Planificação anual de conteúdos a lecionar e atividades a realizar com as turmas 10.º P e 12.º M	i
Anexo 2: Inquérito por questionário realizado às turmas atribuídas ao Professor João Gaspar	iii
Anexo 3: Amostra das justificações ao item “Gosta de Arte (concretamente, Artes Visuais)?” do inquérito por questionário realizado às turmas.....	viii
Anexo 4: Ficha de Avaliação Diagnóstica de História A, realizada no dia 3 de outubro de 2019, aplicada à turma 12.º M	ix
Anexo 5: Planificações de aulas da turma 12.º M, na semana de 7 de outubro a 11 de outubro de 2019	x
Anexo 6: Excertos do <i>PowerPoint</i> utilizado na leção dos conteúdos sobre a arte europeia no século XIX à turma 12.º M, na aula de 8 de outubro de 2019.....	xiv
Anexo 7: <i>PowerPoint</i> com as reproduções de objetos artísticos utilizados na Atividade de Motivação do dia 9 de outubro de 2019	xvi
Anexo 8: Critérios de classificação dos trabalhos de grupo sobre Modernismo (12.º M) – componentes escrita e oral	xvii
Anexo 9: Itens do inquérito por questionário, realizado à turma 12.º M, sobre as atividades realizadas em sala de aulas.....	xviii
Anexo 10: Guião da visita de estudo realizada ao Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, com as turmas 12.º M e 12.º N, a 12 e 13 de dezembro de 2019	xix
Anexo 11: Item do inquérito por questionário, realizado às turmas 12.º M e 12.º N, sobre as visitas de estudo realizadas.....	xx
Anexo 12: Planificações de aulas da turma 10.º P, na semana de 9 de março a 13 de março de 2020.....	xxi
Anexo 13: Excertos do <i>PowerPoint</i> utilizado na leção dos conteúdos sobre Arquitetura Gótica e o Manuelino em Portugal à turma 10.º P, nas sessões de 9 a 13 de março de 2020.....	xxv
Anexo 14: Guião da Visita de Estudo Virtual ao Palácio Nacional de Sintra, com a turma 10.º P, realizada no dia 22 de junho de 2020.....	xxviii
Anexo 15: Questionário sobre a Visita de Estudo Virtual ao Palácio Nacional de Sintra (10.º P)	xxx

Anexo 16: Formulário <i>A sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra</i> , a ser preenchido após a visita livre aos espaços do Palácio	xxxii
Anexo 17: Formulário <i>A sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra (II)</i> , a ser preenchido no final da Visita de Estudo Virtual	xxxiv
Anexo 18: Respostas das amostras obtidas de alunos que tiveram novas experiências estéticas após a visita de estudo	xxxv
Imagem 1: Obra escolhida pela aluna MA, 12.º M	xxxviii
Imagem 2: Obra escolhida pelo aluno AR, 12.º M	xxxix
Imagem 3: Obra escolhida pela aluna BS, 12.º M	xl
Imagem 4: Obra escolhida pelo aluno BR, 12.º N	xli
Imagem 5: Obra escolhida pela aluna CF, 12.º N	xlii
Imagem 6: Obra escolhida pelo aluno FD, 12.º N	xliii

INTRODUÇÃO

No seu quotidiano, o ser humano está em contacto, ainda que involuntariamente, com os objetos artísticos. Seja num museu ou fora dele, estes objetos encerram uma componente narrativa que carrega a época histórica em que foram concebidos e produzidos. Compreender essa narrativa é conhecer os valores de uma sociedade que inspirou a atual. Para além desta função como fonte histórica, a Arte¹ estimula o desenvolvimento da cognição sensível, contribuindo para colocar os sentidos e os sentimentos do indivíduo na construção do conhecimento, e é importante para diversificar as formas de comunicação, tanto ao nível simbólico como criativo.

No Ensino Regular português, apesar de algumas disciplinas do currículo integrarem conteúdos relacionados com a Arte, parece prevalecer uma considerável importância da Educação Artística, mais relacionada com os aspetos técnicos e evolutivos da Arte, tendo a Educação Estética, que prevê a utilização do objeto artístico “(...) por forma a potenciar o conhecimento sobre a arte, o exercício crítico sobre as manifestações artísticas e a formação do gosto. (...)”², pouco destaque. Para colmatar as deficiências existentes, e tendo em conta as potencialidades da Arte no desenvolvimento integrado dos indivíduos (pessoal e social), foi criado o *Programa de Educação Estética e Artística*, em 2010, que veio a ser incluído, em 2019, no *Plano Nacional das Artes*. No que concerne aos documentos curriculares, o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, publicado em 2017, veio reforçar a importância do desenvolvimento da área de competências relacionada com a Sensibilidade Estética e Artística. Através da Cultura e das Artes, os estudantes conseguem desenvolver o pensamento crítico e criativo, que os ajudará a “respeitar a experiência do outro, a ser mais recetivo[s] à sua cultura, à sua interpretação do mundo, promovendo a partilha, a

¹ A natureza deste Relatório não permite contemplar uma reflexão exaustiva em torno de alguns conceitos, como *Arte*. Far-se-ão algumas notas de rodapé ao longo do trabalho que apelam para uma leitura crítica de determinados conceitos. Em relação a *Arte*, será utilizado como conceito operativo para designar as Artes Visuais, justificando-se com o foco das manifestações artísticas trabalhadas nas disciplinas de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

² CASTEL-BRANCO, Ana Cristina, “A formação estética no contexto do sistema educativo português” in *GEOPOLIS: revista de filosofia e cidadania*, n.º 6, Lisboa, Gabinete de Estudos de Filosofia Ética, Política e Religiosa, 1999, pp. 10-23, p. 16.

argumentação, o conhecimento de critérios de juízo de gosto e da sua evolução histórica.”³.

Por estas razões, urge compreender se os estudantes gostam de Arte e como a entendem, para que se possam promover atividades que fomentem o seu gosto. Seguidamente, pretende-se, também, avaliar como as disciplinas de História – no caso deste trabalho, as disciplinas de História A e de História da Cultura e das Artes – podem contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística. Para tal, far-se-á uma análise das atividades realizadas durante a Prática de Ensino Supervisionada em História, na Escola Secundária de Santa Maria, e da sua relevância para a prossecução dos objetivos referidos. Importa salientar que estas atividades que aqui se propõem não se constituem como únicas nem restritas às disciplinas de História (3.º Ciclo, História A, História B e História da Cultura e das Artes), pelo que se deve optar, sempre que possível, por um trabalho multidisciplinar e transdisciplinar para o desenvolvimento da Sensibilidade Estética e Artística.

O Capítulo I apresenta uma reflexão teórica sobre aspetos relacionados com a História da Arte, a Teoria da Arte, a Estética e a Educação Estética e Artística. O Capítulo II procura relacionar as reflexões feitas no capítulo anterior com os documentos curriculares do sistema de ensino português, das disciplinas de História e os programas educativos que promovem o envolvimento da Escola com a Arte. Por fim, o Capítulo III diz respeito à relevância de algumas atividades realizadas durante a Prática de Ensino Supervisionada em História para a concretização dos objetivos deste trabalho.

³ *Plano Nacional das Artes*, Lisboa, Ministério da Educação e Ministério da Cultura, 2019, p. 18.

CAPÍTULO I

A importância da Arte e da Estética na formação do indivíduo

I.1. Os contributos da História da Arte e da Estética

O nascimento da História da Arte: a *ciência* historiográfica

Desde os primórdios, o ser humano utilizou a sua capacidade imaginativa e a destreza física para a produção de imagens e objetos que, mais tarde, vieram a ser classificados como manifestações artísticas. Durante várias épocas, a produção destes objetos era, por exemplo, uma expressão da religiosidade de quem os produziu: desde as Vénus às imagens sacras das igrejas medievais, a presença do númen era uma característica constante e que *ligava* o indivíduo ao objeto artístico. Contudo, foi a partir do *Renascimento* dos séculos XV e XVI que, através da valorização e recuperação da Antiguidade Clássica⁴, a Arte *nasce* para ser contemplada.

No século XVI, as *Vidas*⁵ publicadas por Giorgio Vasari introduzem uma narrativa evolutiva da Arte. Este artista considerava que o sucesso da arte florentina estava relacionado com o aprimorar da Arte Clássica (greco-romana) e reflete-o na sua obra, escrevendo a biografia de artistas do período supramencionado e da sua contemporaneidade, e compilando as técnicas utilizadas. Dois séculos depois, Johann J. Winckelmann considerou ser necessário analisar a evolução da Arte desde a Antiguidade Clássica, com o objetivo de dealbar a arte sua contemporânea marcada pelos excessos do barroco e do rococó⁶ – era o surgimento de uma *História* por estilos, em que se analisava o contexto e as várias causas do nascimento, maturação e declínio de um estilo

⁴ Os termos *Renascimento* e *Antiguidade Clássica* estão associados a uma visão *ocidental* da História e da História da Arte. É importante sinalizar estes conceitos para que se proceda a uma análise mais crítica e rigorosa que permita abarcar múltiplas perspetivas.

⁵ As *Vidas* referem-se à obra de Giorgio Vasari, *Le Vite de' più eccellenti pittori, scultori, ed architettori*, publicada, numa primeira edição, em 1550, sendo parcialmente reescrita e aumentada numa segunda edição, data de 1558.

⁶ Cf. PREZIOZI, Donald, *The Art of Art History*, Oxford, Oxford University Press, 2009, p. 14. A proposta apresentada por Winckelmann encontra-se na sua obra mais proeminente, *Geschichte des Kunst des Alterhums*, publicada em 1764.

artístico. Nascia, com estes dois autores, a *História da Arte*, embora esta só se tenha desenvolvido como disciplina *científica* no século XIX.

Para os historiadores da Arte, os objetos artísticos são as fontes necessárias para o seu trabalho, por serem elementos de transmissibilidade de conhecimentos. As obras de arte⁷ podem contribuir para o devir da sociedade: ao estarem munidas de uma componente narrativa, estas permitem um aprofundamento de conhecimentos podendo, igualmente, estar ao serviço de diversas instituições para a transmissão de valores e ideologias⁸. O século XX foi marcado pelo surgimento de várias teorias sobre a Arte, que possibilitaram a diversificação e a ampliação do espectro dos estudos historiográficos, como o caso dos *queer studies*. A importância desta diversificação justifica-se com a necessidade de aprofundar diferentes perspetivas, de modo a evitar, idealmente, um só tipo de discurso⁹, marcadamente eurocêntrico.

A Estética e a importância do conhecimento sensível

Para além da componente de transmissão de conhecimento, as obras de arte podem, também, impelir às sensações e aos sentimentos dos indivíduos, promovendo a construção do conhecimento através dos sentidos e das emoções. A tradição europeia conferiu sempre especial importância à base lógica na construção do conhecimento, preterindo o conhecimento sensível e o contributo das sensações e das emoções na construção da individualidade de cada pessoa¹⁰. Foi no século XVIII que surgiu, através

⁷ À semelhança de outros conceitos, *obra de arte* é utilizado como referente aos objetos produzidos pelos seres humanos, que posteriormente são classificados como Arte. Porém, é necessário aludir a um pensamento crítico e analisar a ontologia da obra de arte, de modo a discerni-la de um objeto comum. Cf. PEREIRA, Severino António Ribeiro, *Acerca da Obra-de-Arte*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Dissertação de Mestrado em Filosofia, especialização em Estética, policopiado), 2015, p. 47.

⁸ Cf. MANSFIELD, Elizabeth, *Art History and its institutions. Foundations of a discipline*, London, Routledge, 2002, p. 2.

⁹ Os conceitos “arte” e “história”, utilizados em conjunto, perpetuam uma narrativa baseada nas culturas *ocidentais* que tendem a desvalorizar práticas artísticas que não se integram nos seus parâmetros. Cf. HARRIS, Jonathan, *Art History. The Key Concepts*, Oxon, Routledge, 2006, p. 24. Porém, esta desvalorização também se verifica com a tentativa de uniformizar as metodologias da História da Arte, aplicando-as a todos os contextos artísticos. Cf. ELKINS, James, *Is Art History Global?*, New York, Routledge, 2007, pp. 3-4.

¹⁰ Cf. PREZIOZI, Donald, *op.cit*, p. 55.

de Baumgarten, o argumento de que o conhecimento sensível é análogo ao conhecimento racional – e que embora distintos, poderão ter a mesma validade.

Etimologicamente, Estética deriva do grego *aesthesis*, que significa a percepção através dos sentidos e dos sentimentos. É no século XVIII que surge como uma área específica do conhecimento, que acabou a ser disputada entre a Filosofia e a História da Arte, com a publicação da *Aesthetica*, por Alexander Gottlieb Baumgarten. Este filósofo defende a existência de uma capacidade cognitiva relacionada com o pensamento sensível, uma característica da perfeição inerente da sensibilidade humana para captar e produzir beleza. A esta faculdade da mente, Baumgarten atribuiu a designação de *analogon rationis*¹¹. É importante ter em consideração que, na sua contemporaneidade, a ideia canónica em relação à função da arte é a da imitação, pelo que o sentido de *beleza*¹² reside na reprodução da perfeição das coisas e das pessoas, sendo concebida pelo gosto (via subjetiva).

Em contacto com a obra de arte, cada pessoa consegue formular juízos, sejam eles lógicos ou estéticos. A formulação de um juízo estético resulta da experiência estética, isto é, quando o indivíduo se impele a contactar com um objeto artístico. A natureza dos juízos estéticos difere entre Baumgarten e Kant, seu contemporâneo. Para o primeiro, os objetos artísticos possuem características estéticas que os tornam belos, como as formas e as cores, por exemplo; a qualidade estética em suposta evidência deveria ser reconhecida por qualquer ser humano, o que tornaria o juízo estético objetivo. Porém, Kant, na *Crítica da Faculdade de Juízo*, considera que o sentimento de prazer/desprazer de cada pessoa influencia na emissão destes juízos¹³, apesar de reconhecer as qualidades estéticas do objeto artístico; por esta razão, para si, o juízo estético é subjetivo. Sendo juízos subjetivos, não pretendem impor uma verdade

¹¹ MARCOS, Maximiliano Hernández, “El sentido interno, tópica natural de la invención en A. G. Baumgarten” in *Philosophica*, n.º 44, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014, pp. 65-91, pp. 85-88.

¹² É importante refletir que o conceito de *beleza* é herdado da tradição renascentista. A Arte Moderna e vanguardista rejeitou estes ideais de beleza, rompendo com o entendimento tradicional da função da arte: embora algumas obras possam ser descritas como belas, não foram produzidas com essa intenção, enquanto outras foram produzidas com a intenção de chocar e de provocar os valores da Academia. Cf. HARRIS, Jonathan, “Beauty” in *op. cit.*, pp. 40-42.

¹³ Cf. KANT, Immanuel, *Crítica da Faculdade do Juízo* (trad. António Marques e Valério Rohden), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017, p. 103.

universal, mas aspiram a uma universalidade, no sentido em que todos os indivíduos conseguem entendê-lo devido “à condição geral partilhada por todos os seres humanos, que é a capacidade de sentir e de comunicar sentimentos de prazer.”¹⁴.

Estas duas áreas disciplinares, a História da Arte e a Estética, contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências da sensibilidade estética e artística. Pese embora as limitações decorridas da gestão e dos documentos curriculares, como adiante se esmiuçar, a História da Arte fomenta a criação de cidadãos com uma formação humanística mais ampla, com vista à valorização do património nacional e regional, promove o desenvolvimento das economias, do turismo, da originalidade e criatividade dos *designers* e artesãos¹⁵. Tradicionalmente, a Estética procurou refletir sobre o belo e sobre a capacidade de o ser humano emitir juízos sobre o belo e a sua capacidade artística. Por isto, apela à sensibilidade e à racionalidade de cada indivíduo, mediante a experiência decorrente do contacto com as obras de arte, permitindo a tomada de consciência das suas sensações e sentimentos, bem como a possibilidade de formular juízos. No trabalho com qualquer uma destas áreas disciplinares, deve-se ter em conta uma análise crítica, uma vez que determinados conceitos se encontram datados.

I.2. A Educação Estética e Artística

A centralidade da Arte no processo pedagógico do Ser Humano

A Arte pode ter um papel significativo na aprendizagem do ser humano. Se por um lado, o indivíduo aprende e experimenta as componentes técnicas associadas a uma (ou várias) manifestações artísticas, por outro pode refletir sob as obras de arte, desconstruindo ideias e conceitos estabelecidos pela sociedade e aprendendo sobre os seus sentimentos e emoções. Idealmente, a Arte pode contribuir para a moralização do ser humano, tornando-o mais consciente, crítico e empático com o mundo que o rodeia.

¹⁴ HÖGE, Hölder, “Estética experimental: origens, experiências e aplicações” in FRÓIS, João Pedro (coord.), *Educação Estética e Artística. Abordagens transdisciplinares*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 38.

¹⁵ CALADO, Margarida, “Porque ensinar História da Arte” in *Matéria-Prima. Práticas Artísticas no Ensino Básico e Secundário*, n.º 1 (1), Lisboa, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes – Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2013, pp. 56-62, pp. 56-58.

Porém, a educação pela estética através da Arte perdeu significância, tendo sido recuperada em finais do século XVIII graças às reflexões de Friedrich Schiller. O frenesim político de finais deste período, gerado pela influência das *Luzes* na eclosão da Revolução Americana e da Revolução Francesa, provocou o desânimo de alguns filósofos, como Schiller, por considerarem que a liberdade tão almejada pelos iluministas foi deturpada, originando a carnificina e a desordem com as lutas liberais. Era necessário *regenerar* a sociedade e seria através da Arte que isso se conseguiria. Através de uma educação estética, orientada para a beleza, conseguir-se-ia atingir um ser humano respeitador da moral e dos valores da sociedade¹⁶. A proposta de Schiller sobre a educação estética apresentava laivos platónicos, pois “(...) a arte que deve ser usada para a educação deve ser a arte bela, portanto uma arte com fortes componentes morais, com virtudes e ensinamentos honestos, bons, corretos e dignos de exaltação.”¹⁷. Idealmente, esta educação pela beleza conduziria a um Ser Humano Absoluto, “que fizesse um uso equilibrado da emoção, da razão, da sua liberdade e da moral (...)”¹⁸.

A proposta deste filósofo é idílica, mas com potencialidades, como defende Ana Nunes. Não obstante uma tentativa de valorização dos aspetos subjetivos e emocionais ao longo do século XIX, com o desenvolvimento da teoria da empatia e da Estética Experimental¹⁹, será no século XX que a Educação Estética ganha maior significância com a proposta de Herbert Read.

A centralidade na Arte na Educação: o contributo de Herbert Read

Herbert Read atesta que a Arte deveria ser a base da educação dos indivíduos. Através dela, promover-se-ia uma educação para a individualidade, valorizando o potencial de cada pessoa²⁰, de modo a alcançar uma combinação significativa e

¹⁶ É importante contextualizar a filosofia de Schiller para se compreender a sua proposta de defesa da Arte na moralização do ser humano, marcadamente influenciada pela Antiguidade Clássica. Nesse período, Platão e Aristóteles defendiam a importância que a produção artística e a educação para a beleza tinham para a moralização dos indivíduos, embora ambos discordassem quanto aos fundamentos da Arte.

¹⁷ NUNES, Ana, *A Educação Estética de Schiller na Contemporaneidade: o uso da arte para uma educação moral*, Lisboa, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras (Dissertação de Mestrado em Filosofia, policopiado), 2013, p. 41.

¹⁸ *Idem*, p. 50.

¹⁹ Cf. HÖGE, Hölger, *op.cit*, p. 45.

²⁰ READ, Herbert, *Educação Pela Arte*, Lisboa, Edições 70, 2020, pp. 17-18.

simbiótica com o meio no qual esta se encontra inserida²¹. Na osmose que defende entre Arte e Educação, Read destaca a importância para a Educação Estética. Durante o processo de crescimento dos indivíduos, muitas vezes não se dá atenção às alterações sentimentais e emocionais que cada um de nós faz do mundo – e é nesse plano que a Educação Estética poderá ter um papel de extrema relevância:

Deve compreender-se desde o início que o que tenho em mente não é meramente a “educação artística” como tal, que deveria ser denominada, mais propriamente por educação visual ou plástica; a teoria de a desenvolver abrange todos os modos de auto-expressão, literária e poética (verbal), assim como musical e auditiva, e forma uma abordagem integral da realidade que deveria chamar-se educação *estética* – a educação daqueles sentidos em que se baseiam a consciência e, finalmente, a inteligência e raciocínio do indivíduo humano.²²

Estando relacionada e envolvida com as capacidades de percepção, sensação e pensamento do ser humano, a Arte pode ter um papel de destaque no trabalho dos sentimentos e das emoções. A forma e a cor são exemplos que Read apresenta sobre como a Arte pode ativar essas funções dos seres humanos, uma vez que interferem com os sentidos²³. As reações provocadas pelos elementos técnicos de um objeto artístico podem potencializar o conhecimento das emoções e dos sentimentos de cada indivíduo. Através deste trabalho para esta componente mais psicológica, forma-se um indivíduo mais consciente de si mesmo e empático com o ambiente que o rodeia.

De acordo com a sua obra, pioneira para o trabalho da Educação Estética a partir do século XX, a centralidade da Arte na educação dos indivíduos não se deve circunscrever a um conhecimento e experimentação da componente técnica das manifestações artísticas – a representação, as formas, as linhas, as cores, o ritmo, os suportes e os meios; pressupõe uma relação mais íntima, individual e consciente com os objetos artísticos. É, portanto, necessário ter em conta que Educação Estética e Educação Artística não são sinónimos, embora estejam diretamente relacionadas.

²¹ *Ibidem*.

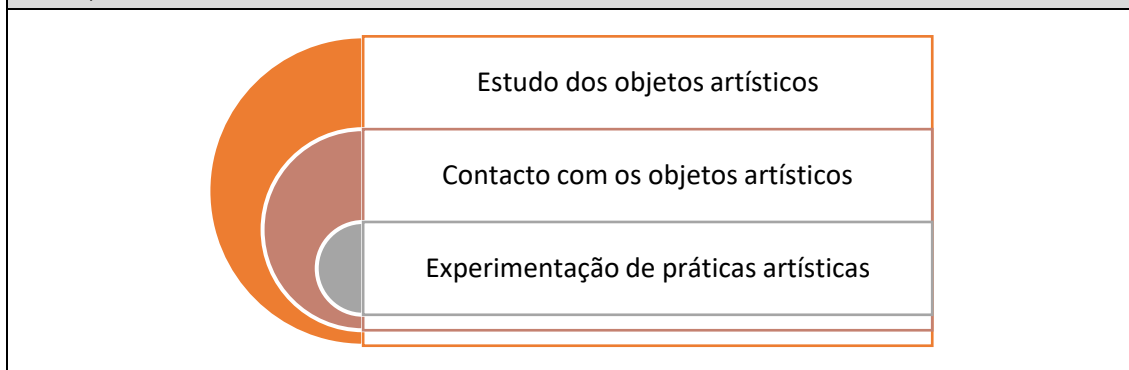
²² *Idem*, p. 20.

²³ *Idem*, p. 29.

Uma Educação Estética ou uma Educação Artística? As potencialidades da Educação Estética e Artística

Não existe uma definição concreta para Educação Artística, deambulando-se entre a ideia da *educação através da arte* e *educação das artes*²⁴. Na *Conferência Mundial sobre Educação Artística*, realizada em 2006, na cidade de Lisboa, a Educação Artística teve um importante destaque. O acesso à Arte é uma função básica da educação e que deve ser garantida pela Escola. A **Figura 1** permite-nos observar as dimensões da Educação Artística, de acordo com as conclusões resultantes desta Conferência:

Figura 1: Dimensões da Educação Artística – UNESCO, *Conferência Mundial sobre Educação Artística*, Lisboa, 2006²⁵



A Educação Artística contempla uma dimensão mais técnica e experimental da Arte, nomeadamente quanto à sua evolução ao longo do tempo (relacionada com a História da Arte), à contemplação e à experimentação artística. Apesar de o contacto com os objetos artísticos apelar à fruição, pode-se, geralmente, subvalorizar a importância deste processo e das suas potencialidades para o indivíduo. Por esta razão urge, também, uma Educação Estética, que deve ser reforçada e alicerçada com a Educação Artística.

A Educação Estética prima pela experiência do indivíduo no contacto direto com o objeto artístico, nomeadamente pela interação promovida entre as características do

²⁴ FERREIRA, Tânia Sofia Afonso, *O Programa de Educação Estética e Artística – PEEA (2010-2017): O lugar da Expressão Plástica no Currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico*, Lisboa, Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas-Artes (Dissertação de Mestrado em Educação Artística, policopiado), 2019, p. 23.

²⁵ *Roteiro para a Educação Artística. Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*, Lisboa, Comissão Nacional da UNESCO, 2006, p. 11.

objeto com o *mundo interior* da pessoa²⁶, moldado, sobretudo, pela sua vivência em sociedade, pela família e pela escola. A aliança entre a Arte, a percepção, os sentidos e os sentimentos permite experimentar diversas formas de comunicação artística, que apelam à criatividade e à livre expressão dos indivíduos. O envolvimento dos estudantes com a Arte permitirá, também, o desenvolvimento intelectual, emocional e social: ao se proporem a uma experiência estética, sensações e pensamentos surgirão, possibilitando ao aluno a expressão e exploração dos mesmos, o aumento da sua confiança e da capacidade de argumentação, sendo benéficos para a sua autoimagem. A formulação e expressão dos seus argumentos contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico e da emissão de juízos estéticos e de gosto. Esta atividade crítica deve, sempre que possível, ser seguida de uma componente crítica e investigativa de aspetos relacionados com a Filosofia e com a História da Arte.

A aposta na Educação Estética e Artística não deverá ficar circunscrita no tempo e/ou a um conjunto de disciplinas relacionadas com as Artes, como o caso da Educação Visual ou de Desenho A²⁷. O trabalho com os objetos artísticos deve ser continuado durante a escolaridade e envolver as diversas disciplinas. O contacto permanente e estimulado com as obras de arte permitirá o desenvolvimento de estádios estéticos, à semelhança do que é defendido por Jean Piaget, permitindo a cada estudante o aprofundamento da sua relação com a Arte. Para Arnheim, citado por Joaquim Luís Coimbra e Luís Rocha, a arte contribui para a mente humana, pelo que “não deve excluir o raciocínio analítico, fazê-lo é sucumbir a um preconceito romântico, ou seja, a arte pode ser pensada e não apenas desfrutada.”²⁸.

²⁶ Cf. FRÓIS, João Pedro, “Educação Estética” in *Portefólio*, n.º 7, Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2012, pp. 64-65, p. 64.

²⁷ Cf. LACERDA, Teresa; GONÇALVES, Elsa, “Educação estética, dança e desporto na escola” in *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 9, n.º 1, Porto, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2009, pp. 105-114, p. 111. Neste artigo, as duas autoras expõem como se pode desenvolver a sensibilidade estética na disciplina de Educação Física. A dança, manifestação artística desenvolvida no artigo, interliga a imaginação, os afetos e a expressão, valorizando a criatividade de cada estudante para além da execução/reprodução.

²⁸ ROCHA, Luís; COIMBRA, Joaquim Luís, “As teorias do desenvolvimento da compreensão estética de Michael Parsons e Abigail Housen e as suas implicações educativas” in *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, n.º 5, Porto, Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2006, pp. 79-111, p. 80.

Os estádios de desenvolvimento estético propostos por Abigail Housen (1983) e Michael Parsons (1987)

O diálogo promovido durante a experiência estética suscitou o interesse de alguns teóricos sobre a relação entre o observador e o objeto artístico. Os estudos com maior significância neste campo são os de Abigail Housen (1983), relacionado com as concepções que as pessoas têm da arte, e os de Michael Parsons (1987), acerca da forma como as pessoas compreendem as obras de arte²⁹. Para ambos, todos os indivíduos têm capacidades cognitivas para observar, indagar, interpretar e refletir sobre uma obra de arte: estes passos cognitivos promovem um campo de desenvolvimento em cadência que correspondem aos estádios estéticos, à semelhança da proposta de Jean Piaget – o desenvolvimento das pessoas através de estádios que se relacionam uns com os outros numa lógica de totalidade³⁰. O quadro da **Figura 2** sintetiza as propostas dos dois autores.

Figura 2: Os Estádios de Desenvolvimento Estético – comparação entre as propostas de Abigail Housen (1983) e Michael Parsons (1987)³¹		
Estádios	Abigail Housen	Michael Parsons
I	Narrativo/Descritivo O observador é um contador de histórias, destacando os aspetos mais concretos e utilizando os seus sentidos e associações pessoais para o desenrolar da estória. Os julgamentos são baseados na sua vivência.	Preferência O observador é estimulado pelos aspetos formais e associa a representação às suas experiências de vida. Não tem consciência do ponto de vista de outra pessoa
II	Construtivo O observador utiliza a sua estrutura lógica (conhecimentos, valores, percepções) no seu contacto com a obra, demonstrando maior interesse pelas intenções do artista quando as suas emoções adquirem profundidade.	Beleza e Realismo O observador interessa-se pelo tema e pela qualidade da representação, que é a base do juízo estético. Há uma compreensão implícita da variedade de percepções e pontos de vista.
III	Classificador O observador apresenta uma atitude analítica e crítica da obra de arte, tentando enquadrá-la num período artístico. O mundo pessoal e interior do observador é preterido à explicação e	Expressividade O observador convoca o peso da experiência no contacto com o objeto artístico. Para si, a criatividade, a originalidade e a força dos sentimentos do

²⁹ Cf. *Idem*, p. 83.

³⁰ Cf. *Idem*, p. 93.

³¹ Tabela construída a partir da análise de *Idem*, pp. 84-91.

	racionalização da obra de arte, para uma correta classificação.	artista são valorizados. Os juízos emitidos não são objetivos.
IV	Interpretativo O observador explora a tela e faz o levantamento de significados do que vê, estando consciente da possibilidade de reinterpretações/ reformulação das suas interpretações.	Estilo e Forma O observador relaciona a obra de arte num conjunto de obras que partilham relações estilísticas.
V	Recreativo O observador envolve-se mais intimamente e prolongadamente com a obra de arte, que é vista de múltiplas perspetivas, e reconstrói-a para si.	Autonomia O observador julga criticamente os conceitos e os valores por trás da valorização social da Arte, no sentido da responsabilidade social pela busca da verdade.

O desenvolvimento destes estádios implica um contacto prolongado com as obras de arte, pois “a compreensão estética [torna-se] qualitativamente diferente ao longo do ciclo vital.”³². Abigail Housen e Michael Parsons entram em desacordo quanto a alguns estádios, resultado dos objetivos dos seus estudos e da metodologia adotada durante a aplicação dos mesmos. Por considerarmos que os estádios de desenvolvimento destes autores implicam um envolvimento mais continuado com os objetos artísticos, situação que não possível garantir durante a aplicação prática do nosso estudo em contexto de Prática de Ensino Supervisionada, recorreremos às tipologias de apreciação artística estabelecidas por Bjarne Funch para as respostas obtidas a um exercício realizado após a visita de estudo das turmas de 12.º Ano ao Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. Adiante, neste trabalho, abordaremos a proposta deste autor.

³² Cf. *Idem*, p. 93.

CAPÍTULO II

O Currículo Educativo Português e a relação com a Arte

II.1. O Currículo Português e a Arte

A análise sobre a integração da Arte no sistema educativo português será iniciada com a publicação da *Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei de Bases)*. Neste documento, pedra basilar no sistema de ensino português, encontram-se referências ao contacto dos estudantes com a Arte e ao desenvolvimento da sensibilidade estética e artística como objetivos a serem cumpridos durante o Ensino Básico³³. Nos últimos trinta anos, foram publicados outros documentos que sublinham a importância da Arte no conhecimento lógico, no conhecimento sensível e no aprimoramento do desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo.

Em 1986, a publicação da *Lei de Bases* definiu a estrutura do sistema educativo português, do 1.º Ciclo do Ensino Básico até ao Ensino Superior. A composição deste texto legislativo inclui referências à inclusão da Arte no Ensino, refletindo algumas das orientações filosófico-pedagógicas do Plano Nacional de Educação Artística³⁴. Por exemplo, para o Ensino Básico, um dos objetivos é “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões (...), sentido moral e sensibilidade estética”³⁵. Para Ana Cristina Castel-Branco, a Escola tem como deveres contribuir para a defesa da identidade nacional através da consciencialização do património cultural, preparar para uma reflexão sobre valores espirituais, estéticos, morais e cívicos, e facultar aos jovens conhecimentos necessários à compreensão das manifestações estéticas, artísticas e culturais. Nesse sentido, considera que a *Lei de Bases* não explicita a forma como a educação estética e artística deve ser implementada, o que terá levado “a uma

³³ À data da publicação da *Lei de Bases do Sistema Educativo*, a escolaridade obrigatória não previa, ainda, o Ensino Secundário. De acordo com o documento, nesse ciclo de estudos, um dos objetivos é providenciar conhecimentos para a compreensão de manifestações estéticas e culturais. Cf. Artigo 9.º, alínea b) in Lei n.º 46/86, *Diário da República*, n.º 237, 1.ª Série, 14 de outubro de 1986, p. 3070.

³⁴ Cf. CASTEL-BRANCO, Ana Cristina, *op. cit.*, p. 15. O Plano Nacional de Educação Artística surgiu da reunião de uma comissão ministerial constituída em 1978 e presidida por Manuela Perdigão. O objetivo do Plano Nacional de Educação Artística era, sobretudo, incentivar a experimentação artística e a sua associação à expressão pessoal de cada pessoa.

³⁵ Artigo 7.º, alínea a) in Lei n.º 46/86, *op.cit.*, p. 3069.

sobreposição conceptual entre educação artística e educação estética, com clara desvirtualização da segunda.”³⁶. Tão importante como a educação artística, que se pode caracterizar pela sua componente mais técnica e experimental (a execução dos objetos artísticos), é a educação estética, que se refere “à reflexão sobre a arte e à utilização do produto artístico como produto pedagógico, por forma a potenciar o conhecimento sobre a arte, o exercício crítico sobre as manifestações artísticas e a formação do gosto.”

³⁷. Porém, Ana Cristina Castel-Branco considera outros fatores que contribuíram para esta desvalorização da Educação Estética em Portugal: o privilégio pela expressão e produção artística, com pouca exploração da reflexão em torno da Arte; a inclusão da disciplina *História da Arte* somente no curso de Artes Visuais³⁸; e a insuficiente formação dos docentes para explorarem questões da educação da arte pela arte, para a arte, e educação estética. Os anos que se seguiram à publicação deste artigo foram profícuos para a produção de mais documentos que versaram sobre a Arte e a sua relação com o ensino português, como adiante se exemplificará.

O Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, publicado em 2001, compila e clarifica as competências a desenvolver durante a Educação Básica, contemplando um trabalho conjunto das diversas áreas curriculares. Um dos princípios e valores das *Competências Essenciais* prende-se com o desenvolvimento do sentido de apreciação estética do mundo, que resultará, idealmente, na utilização de saberes culturais para a compreensão da realidade, da linguagem artística na difusão de meios e modos de comunicação, e na realização de atividades de forma criativa³⁹. A área disciplinar de Educação Visual é, pelos seus objetivos, aquela que privilegia o

³⁶ CASTEL-BRANCO, Ana Cristina, *op.cit.*, p. 16.

³⁷ *Idem*, p. 18.

³⁸ À data da produção deste artigo (1999), a disciplina de *História da Arte* encontrava-se circunscrita aos estudantes do agrupamento de Artes Visuais. Em 2004, resultado do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março, surgiu a disciplina *História da Cultura e das Artes* como oferta formativa específica para os Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas, e para os Cursos Artísticos Especializados. Atualmente, o Decreto-Lei n.º 55/2018 prevê que os estudantes do Ensino Secundário possam optar por um percurso formativo próprio “através da permuta e da substituição de disciplinas” que integrem a oferta disciplinar da escola – quer isto dizer que, por exemplo, um estudante de Ciências e Tecnologias poderá optar por uma disciplina bienal do curso de Artes Visuais que seja ofertada pela escola. Cf. Artigo 16.º, ponto 1, Decreto-Lei n.º 55/2018, *Diário da República*, n.º 129, 1.ª Série, 6 de julho de 2018, p. 2934.

³⁹ Cf. *Currículo Nacional do Ensino Básico, Competências Essenciais*, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2001, pp. 15-16.

desenvolvimento destas competências, pois centra-se no desenvolvimento de diversas dimensões do sujeito: *fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação*. Para além da experimentação plástica, pretende-se, também, que os estudantes reflitam sobre o *papel* da Arte e das suas potencialidades na expressão do sentimento e do conhecimento⁴⁰. O contacto com os objetos artísticos é imprescindível para abordar diferentes modos de expressão artística, reconhecendo as influências culturais, sociais e históricas nessas obras, bem como a relação e trocas de influências entre períodos artísticos⁴¹. No que concerne à disciplina de História, atribui-se um pendor eminentemente instrumentalista à Arte, pois propõe como experiência de aprendizagem “a representação plástica de situações e episódios históricos, monumentos, etc.”⁴². Considero que, nesta disciplina, um trabalho mais continuado com obras de arte, onde se promova a exploração e a reflexão sobre a Arte, poderá contribuir para a empatia histórica: a compressão e explicação de algo num contexto, que apela à noção de multiperspetiva, colocando na equação as (possíveis) reações de um passado com as reações de um presente (o dos estudantes)⁴³.

Apesar de estes documentos apresentarem o reconhecimento que consideramos necessário à Arte e às suas potencialidades, é necessário, ainda, insistir nas competências relacionadas com a sensibilidade estética e artística. O *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* é disso exemplo. Publicado em 2017, a liberdade no sistema educativo é entendida como forma de manifestação da individualidade de cada estudante⁴⁴, respeitando os seus valores e as suas especificidades em relação ao grupo-turma. A preocupação primordial é o desenvolvimento integrado dos estudantes, o que significa centrar a atenção na pessoa e na dignidade humana, consideradas valores fundamentais. Desta forma, mais do que valorizar o conhecimento científico de cada área disciplinar, pretende-se o desenvolvimento de competências que dotem cada estudante de ferramentas

⁴⁰ *Idem*, p. 158.

⁴¹ *Idem*, p. 162.

⁴² *Idem*, p. 102.

⁴³ Cf. MELO, Maria do Céu de, “E Miguel Ângelo criou o homem: um estudo sobre a compreensão e interpretação visual na aula de História” in *Espaço Pedagógico. Práticas Pedagógicas*, vol. 14, n.º 1, Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, 2007, p. 135.

⁴⁴ Cf. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017, p. 5.

fundamentais para o seu futuro – por exemplo, o desenvolvimento do pensamento crítico numa altura em que as *fake news* estão em ebulição nos diversos meios de comunicação.

De entre as diversas áreas de competências apresentadas no *Perfil dos Alunos*, salientamos as referentes à *sensibilidade estética e artística*. A sensibilidade estética e artística desenvolve-se através de uma série de processos de experimentação das técnicas artísticas, da interpretação dos objetos artísticos, relacionando-os com a época histórica em que se inserem e as influências artísticas. A compreensão dos diferentes processos e técnicas, bem como a compreensão da Arte e dos objetos artísticos, permitem o desenvolvimento de critérios estéticos para o juízo estético e para o gosto – os estudantes devem ser capazes de reconhecer as especificidades e intencionalidades dos artistas, experimentar processos e técnicas de arte, apreciar criticamente as realidades artísticas e valorizar as diferentes formas de expressão.⁴⁵ Através destes objetivos, conseguir-se-á promover o desenvolvimento de juízos estéticos e de gosto devidamente fundamentados, que partem do conhecimento empírico e do conhecimento sensível de cada estudante.

Apesar da sua disposição genérica neste documento, as disciplinas de História, pela sua natureza epistemológica, permitem atingir os descritores acima enumerados, contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística. Verifica-se, assim, uma crescente importância da educação artística e da educação estética, com uma necessária correlação de forças que há muito se almeja no sistema educativo português. As *Aprendizagens Essenciais*, que adiante se abordarão, refletem a integração destas áreas de competências no desenrolar dos conteúdos programáticos das diversas disciplinas de História (e não só).

II.2. O Programa de Educação Estética e Artística e o Plano Nacional das Artes

Não obstante algumas inconsistências quanto ao envolvimento da Arte no sistema educativo, a criação do *Programa da Educação Estética* (2010) e do *Plano Nacional das Artes* (2019) auxiliariam o enriquecimento das experiências de educação,

⁴⁵ *Idem*, p. 28.

atendendo às potencialidades da Arte no desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo.

Assente numa política de valorização da Cultura e das Artes, a criação do *Programa de Educação Estética e Artística* (PEEA) justifica-se com o enriquecimento das experiências de educação no que concerne à experimentação estética e artística. Partindo da premissa de um maior envolvimento das Artes no quotidiano dos indivíduos e das finalidades do PEEA, a insistência das Artes no sistema educativo possibilita uma pedagogia mais criativa e libertadora, capaz de criar dinâmicas sociais mais enriquecedoras e potenciadoras do *interior* do indivíduo (emoções, pensamento crítico e criativo), não apenas no sentido metafísico. Para tal, é necessário assegurar que os professores estão dotados de ferramentas e conhecimentos para conseguirem atribuir um maior protagonismo às Artes no sistema de ensino português, nomeadamente num maior envolvimento dos objetos artísticos com os conteúdos programáticos e com as competências a desenvolver nas diversas disciplinas do currículo português⁴⁶.

Para um maior envolvimento dos estudantes e dos professores com as Artes, é necessário, acima de tudo, acompanhar os docentes, de forma continuada, com ações de formação. Tal como Ana Cristina Castel-Branco já havia identificado no seu artigo, anteriormente mencionado neste trabalho, uma das consequências da desvirtualização da Educação Estética no ensino português passa pela parca formação dos docentes nesta área. No entanto, o estabelecimento de relações entre a escola e a comunidade educativa, numa ótica de envolvimento com instituições culturais e autarquias e da relação com a cultura local, serão, também, objetivos a cumprir e que podem facilitar o processo de um maior protagonismo das Artes no sistema educativo.

Apesar dos pressupostos do PEEA e de outros programas específicos (como, por exemplo, o Plano Nacional de Leitura), a Resolução de Conselho de Ministros n.º 42/2019, de 21 de fevereiro, aprovou a criação do *Plano Nacional das Artes*. Este Plano agrega todos os Programas e Planos anteriormente criados, como o PEEA, promovendo um envolvimento mais sustentado de todas as Artes (não apenas as Artes Visuais, como

⁴⁶ Cf. “Finalidades” in Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, *Programa da Educação Estética e Artística* [Online], disponível em <http://educacaoartistica.dge.mec.pt/>.

é o cerne deste trabalho) para enriquecerem a tomada de consciência individual e social de cada pessoa, numa sociedade cada vez mais intercultural e na qual se perspetiva uma convivência tolerante e respeitadora entre todos. Veja-se que “assim, educar para a cidadania, para a transformação social, para o bem-estar coletivo, é impossível se a educação não abarcar a dimensão artística e patrimonial.”⁴⁷. Para tal, é defendida uma valorização das artes, quer pela sua função utilitária e processo criativo, quer pela importância da atitude estética. Apela-se, portanto, a uma utilização lúdica e desprendida da arte, associada ao prazer, ao jogo e à criatividade⁴⁸. A educação para a educação estética, ou seja, para a exploração e compreensão dos sentimentos, permite uma ampliação dos pontos de vista que não devem ser ignorados, mas explorados e pensados:

Uma relação permanente com as artes e o património de diferentes culturas, ensina, também, a respeitar a experiência do outro, a ser mais recetivo à sua cultura, à sua interpretação do mundo, promovendo a partilha, a argumentação, o conhecimento de critérios de juízo de gosto e da sua evolução histórica.⁴⁹

Para cumprir os objetivos previstos no *Plano Nacional das Artes*, foi delineado um plano de ação estratégica que se encontra dividido em três eixos: Política Cultural; Capacitação; Educação e Acesso. Estes três eixos pretendem, sumariamente, estreitar as relações entre a comunidade educativa, os municípios e os espaços culturais, comprometendo-se com uma maior ligação da sociedade às artes. Para além disso, promove, também, o desenvolvimento de estudos científicos sobre a Educação Estética e Artística, em articulação com as instituições de Ensino Superior, e a publicação dos resultados destes estudos em suportes acessíveis a todas as pessoas. Previu-se, também, a construção de uma plataforma digital onde se pode aceder a recursos pedagógicos e didáticos para se trabalhar com os estudantes, divididos por ciclos de ensino. A definição de estratégias nestes três eixos prevê a dotação de estruturas e a formação dos docentes nas diversas áreas das Artes, o que facilitará, idealmente, o trabalho com a Arte de uma forma mais continuada e mais diversificada.

⁴⁷ *Plano Nacional das Artes*, p. 11.

⁴⁸ Cf. *Idem*, p. 17.

⁴⁹ *Idem*, p. 18.

II.3. O contributo da disciplina de História para o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística

Os documentos anteriormente apresentados são a coluna vertebral das áreas disciplinares do currículo português. Por excelência, as disciplinas relacionadas com as Artes Visuais (Educação Visual, Educação Tecnológica, Desenho A) são aquelas que, pela sua natureza, maior contributo têm para o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística. Porém, as disciplinas de História podem, também, contribuir para o desenvolvimento dessas competências, uma vez que constam nos conteúdos programáticos temas relacionados com a História da Arte. Por conseguinte, propõe-se um maior envolvimento da Arte para o trabalho dos conteúdos previstos nos referenciais curriculares das diversas disciplinas de História e avaliar o contributo destas para o desenvolvimento das competências já mencionadas.

O Programa de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico (1991) e as Metas Curriculares de História (2014/2015)

O Programa da disciplina de História do 3.º Ciclo foi homologado em 1991. Na matriz de objetivos gerais de História, a sensibilidade estética e a criatividade artística são consideradas competências transversais a todos os domínios temáticos. Acresce a isto as propostas de estratégias metodológicas que, muitas vezes, apontam para um trabalho multidisciplinar com as disciplinas de Educação Visual e de Educação Tecnológica.

Durante a leitura dos objetivos específicos, relacionados com cada subunidade, é possível constatar o elenco de vários objetivos de aprendizagem relacionados com a Arte, nomeadamente a relação dos objetos artísticos com o contexto histórico em que se inserem. No entanto, há uma insistência na valorização dos aspetos estéticos da Arte Clássica⁵⁰ e da Arte Renascentista⁵¹. Em mais nenhum ponto do programa se salienta a importância do desenvolvimento da sensibilidade estética como um objetivo específico de uma subunidade – por exemplo, no 8.º Ano, para o subtema *Absolutismo e Mercantilismo numa sociedade de ordens*, aparece apenas uma sugestão metodológica,

⁵⁰ Cf. *Programa de História do Ensino Básico – 3.º Ciclo. Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem*, Vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999, p. 20.

⁵¹ Cf. *Idem*, p. 44.

a proposta de “apreciação directa (através de visitas de estudo a monumentos ou a museus) ou indirecta de obras de arte do barroco europeu e português, metropolitano e colonial.”⁵². Esta proposta, entre outras para as artes dos séculos XVIII e XIX, reforçam a função utilitária que a Arte pode ter, na sua aceção como fonte histórica. No 9.º ano, as propostas passam, também, pelo conhecimento dos movimentos artísticos, pelas visitas de estudo a coleções de arte e reproduções de obras de arte⁵³. Esta focalização na Arte Clássica e na Arte Renascentista no Programa de 3.º Ciclo poderá ser pouco enriquecedora, dadas as implicações que teve para o desenvolvimento da Estética enquanto disciplina e à apreciação e formulação dos juízos de gosto.

Por sua vez, as *Metas Curriculares* de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico, publicadas em 2013/2014, definem os conteúdos fundamentais atualizados cientificamente que devem ser trabalhados com os estudantes. Quanto aos objetivos específicos, há um reforço da dimensão técnica e formal da arte, destacando-se a caracterização dos diversos estilos artísticos. Apesar deste documento clarificar os objetivos de aprendizagem da disciplina de História, verifica-se uma intensificação do carácter tecnicista das artes, que pode colidir com o número de tempos letivos existentes para o desenvolvimento dos conteúdos programáticos e das competências essenciais.

Os Programas de História A e de História B (2001/2002)

Os programas das disciplinas de História A (para os alunos que optaram por Línguas e Humanas) e de História B (para os alunos dos cursos de Ciências Socioeconómicas) entram em concordância quanto às finalidades, aos objetivos e às competências a serem desenvolvidas. Para este relatório, coteja-se a importância da capacidade de reflexão, a sensibilidade e o juízo crítico, a capacidade de autocrítica, de abertura à mudança e o aprofundar da sensibilidade estética e da dimensão ética, clarificando opções pessoais. As sugestões metodológicas gerais são, também, iguais para as duas disciplinas. A análise e comentário crítico de fontes, o estabelecimento de relações casuísticas e comparativas, e a procura por metodologias que incentivam a autonomia de trabalho acabam por ter um papel de relevo devido à metodologia científica da disciplina histórica e ao grau de escolaridade. Para este caso, importa

⁵² Cf. *Idem*, p. 49.

⁵³ Cf. *Idem*, p. 68.

programar a realização de tarefas que estimulem capacidades de intervenção crítica e de fruição estética. Naturalmente, o espírito das duas disciplinas, apesar de similar em determinados aspetos, é relativamente diferente quanto à sua adequação aos cursos científico-humanísticos: enquanto em História A se prevê um estudo mais alargado da História da Europa nas suas diversas áreas (política, economia, sociedade, cultura), desde a Grécia Antiga até ao século XXI, em História B há um maior foco na História Social e Económica da Europa entre os séculos XV e XXI. Por esta razão, os conteúdos relacionados com a Arte são menos densos na disciplina de História B.

Em História A, os conteúdos relacionados com a Arte têm um maior destaque, sobretudo o período da Arte Clássica e o da Arte Renascentista. Posteriormente, só as artes da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX voltam a ter tamanho protagonismo. Como propostas de atividade, pode ler-se a realização de visitas de estudo a museus e fundações, privilegiando o contacto direto com as obras de arte, e a produção de um arquivo com reproduções de obras de arte e apreciações pessoais dos alunos, como uma forma de os alunos explorarem a obra de arte com os seus sentimentos e emoções. Por sua vez, no programa da disciplina de História B, os conteúdos programáticos relacionados com a História da Arte apenas encontram lugar no 11.º ano de escolaridade. Destes conteúdos, apenas o Modernismo Português constitui conteúdo de aprofundamento. Uma das situações de aprendizagem propõe a análise de excertos de documentos representativos das ruturas culturais do início do século XX. No entanto, este trabalho pode ficar comprometido por não se abordar conteúdos sobre a Arte no 10.º ano (exclui-se, apenas, duas sugestões de trabalho – uma sobre o Barroco e outra sobre o Romantismo). Contrariamente ao programa de História A, não é proposta nenhuma atividade de comentário de peças de arte selecionadas pelos estudantes. O trabalho de conteúdos relacionados com a Arte precisa de alguma consolidação na disciplina de História B, nomeadamente no que concerne a algum domínio da linguagem artística.

O Programa de História da Cultura e das Artes (2004)

Criada em 2004, a disciplina de História da Cultura e das Artes é, pela sua essência, a que mais privilegia o contacto com os objetos artísticos e o trabalho das áreas da sensibilidade estética e artística. A criação desta disciplina, no quadro da reforma do

sistema educativo promulgada pelo Decreto-Lei n.º 74/2004, passou a *reequilibrar as forças* na relação dos indivíduos com as obras de arte. Quer isto dizer que o cerne desta disciplina passou a ser o enquadramento da arte como o produto de uma cultura, em que se analisam as interações entre a arte e a cultura – reduzir-se-ia, assim, a carga meramente tecnicista da antiga disciplina de *História da Arte*, importando, agora, a relação intrínseca entre Arte e Cultura. Apesar de o programa se focar iminentemente na História da Cultura e na História da Arte Ocidental, a abordagem e inclusão de uma perspetiva internacional dependerá do professor. Através do contacto *in loco* com as obras de arte, da promoção do contacto com as produções artísticas e do trabalho com fontes históricas diversificadas e coevas, conseguir-se-á, em linhas breves, a qualificação e a diversificação da formação cultural e artística, promovendo a preservação e a valorização do património cultural e artístico e evidenciando uma atitude crítica enquanto recetor de objetos artísticos.

As Aprendizagens Essenciais de História, História A, História B e História da Cultura e das Artes (2018)

As *Aprendizagens Essenciais*, homologadas em 2018 pelo Ministério da Educação, são um documento que identifica os conhecimentos imprescindíveis, as capacidades e as atitudes, numa ótica de desenvolvimento de competências úteis para o crescimento integrado do indivíduo e na sua relação consigo mesmo e com a sociedade, como o caso da área da sensibilidade estética e artística. De acordo com o Despacho n.º 6605-A/2021, de 6 de julho, estes documentos foram definidos, a par de outros, como o referencial curricular, revogando os Programas⁵⁴.

No caso das disciplinas de História, de História A e de História B, as *Aprendizagens Essenciais* contemplam como ações estratégicas de ensino a valorização do património histórico e natural, local, regional e europeu, e a criação de soluções estéticas criativas e pessoais. Focando a atenção nas disciplinas do Ensino Secundário, nomeadamente as dos cursos de Ciências Socioeconómicas e de Línguas e Humanidades, em História A consideram-se as temáticas relacionadas com a Arte Clássica, a Arte Renascentista e a Arte europeia de finais do século XIX e do século XX como essenciais para o

⁵⁴ Cf. Pontos 1 e 2, Despacho n.º 6605-A/2021, *Diário da República*, n.º 129, 2.ª Série, 6 de julho de 2021, p. 241(3).

conhecimento dos estudantes; em História B, apenas os conteúdos relacionados com o Modernismo em Portugal são considerados *essenciais*.

O *emagrecimento* dos conteúdos programáticos não está relacionado com a *perda* de conhecimentos que estavam integrados nos anteriores documentos curriculares, como os Programas e as Metas Curriculares. As tendências internacionais da UNESCO, nas quais se baseiam os documentos curriculares portugueses, pretendem a promoção de um *novo contrato* que canalize o conhecimento para a constante mutação do mundo⁵⁵. Neste seguimento, a pretensão do Ministério da Educação, com a definição das *Aprendizagens Essenciais* como o referencial curricular, é promover o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, uma vez que os professores podem aproveitar a redução dos conteúdos programáticos para trabalharem de forma transversal nas diversas disciplinas. Neste sentido, poder-se-á incluir a educação estética e artística no desenvolvimento destes projetos, diversificando os conteúdos propostos nas *Aprendizagens Essenciais* das disciplinas de História (manifestações artísticas de vários períodos e locais, por exemplo) e integrando o património artístico local.

⁵⁵ *Reimagining our futures together. A new social contract for education. Report from the international commission on the futures of education*, Paris, UNESCO, 2021, pp. 10-11.

CAPÍTULO III

A Prática de Ensino Supervisionada em História na Escola Secundária de Santa Maria

III.1. Estratégia didática e metodológica

A Prática de Ensino Supervisionada em História (PES) decorreu no Agrupamento de Escolas Monte da Lua – Escola Secundária de Santa Maria, entre setembro de 2019 e março de 2020, sob orientação pedagógica do Professor João Gaspar. Ao Professor Cooperante foram atribuídas três turmas de cursos científico-humanísticos: uma de Artes Visuais (10.º P) e duas de Línguas e Humanidades (12.º M e 12.º N). Na primeira reunião do Núcleo de Estágio, em setembro de 2019, ficou acordado com que turmas cada Professor Estagiário iria trabalhar – no meu caso, o trabalho foi desenvolvido com as turmas 10.º P e 12.º M – e quais os conteúdos a lecionar e atividades a realizar com as turmas ao longo do ano letivo⁵⁶.

As atividades realizadas durante a PES circunscreveram-se, sobretudo, à sala de aulas, através da realização de atividades de motivação, de trabalho entre pares e em grupo e à estimulação de uma participação ativa dos estudantes, para além da leção de conteúdos. Atendendo aos objetivos deste relatório, privilegiámos, sempre que possível, o contacto direto com os objetos artísticos, através da realização de visitas de estudo a museus e a monumentos, acordadas pelo Núcleo de Estágio: à Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Arte Moderna e à Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, com as turmas 12.º M e 12.º N⁵⁷, e ao Museu Nacional de Arte Antiga e ao Palácio Nacional de Sintra, com a turma 10.º P. Contrariamente ao previsto, e devido aos constrangimentos impostos pelo quadro pandémico da COVID-19⁵⁸, foi impossível a realização da visita de estudo ao Museu Nacional de Arte Antiga e ao Palácio Nacional de Sintra. Não obstante, e mediante os desafios colocados pelo Ensino a Distância,

⁵⁶ Consultar Anexo 1, pp. i-ii.

⁵⁷ Neste relatório, optou-se por analisar a visita de estudo ao Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian devido à sua execução por parte dos Professores Estagiários, embora não se considere irrelevante a condução da visita à Fundação Arpad-Szenes – Vieira da Silva pelo Serviço Educativo da fundação.

⁵⁸ Cf. Art. 9.º, Decreto-Lei n.º 10-A/2020, *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 52, 13 de março de 2020, p. 22-(6).

optou-se pela realização da visita ao Palácio Nacional de Sintra através da sua adaptação à realidade virtual.

Para o cumprimento dos objetivos previstos neste trabalho, foi necessário recorrer a formulários de atividades e à realização de um inquérito por questionário, construído na plataforma *Microsoft Forms*⁵⁹, sobre a relação que os estudantes têm com a Arte, a importância que lhe atribuem, e uma avaliação das atividades realizadas por mim, enquanto Professor Estagiário, durante a PES.

III.2. Caracterização da escola, das turmas e da relação dos estudantes com a Arte

O Agrupamento de Escolas Monte da Lua, situado no município de Sintra, integra onze escolas do ensino pré-escolar, básico e secundário, com sede na Escola Secundária de Santa Maria. No total, este Agrupamento é composto por mais de 3500 alunos, que habitam nas freguesias abrangidas pelo agrupamento (Santa Maria e São Miguel, São Martinho, São Pedro de Penaferrim e Colares) e nas freguesias vizinhas (Algueirão-Mem Martins, São João das Lampas, Terrugem, Pero Pinheiro e Montelavar)⁶⁰. A Escola Secundária de Santa Maria⁶¹, localizada na Portela de Sintra, tem uma proximidade privilegiada com o património cultural e natural da vila de Sintra e com uma rede de transportes viável e funcional, que permite a acessibilidade a outros concelhos. Desde logo, a localização da escola é um aspeto a salientar, por possibilitar eficazmente e mais facilmente a realização das atividades propostas no Núcleo de Estágio.

As turmas atribuídas ao Professor João Gaspar totalizavam 78 estudantes – a turma 10.º P era composta por 29 estudantes, a turma 12.º M por 24 estudantes e a turma 12.º N por 25 estudantes. Desde início, importou-nos perceber qual a relação que os estudantes tinham com a Arte, pois é fundamental para refletir sobre a importância das atividades realizadas na PES, sobre o desenvolvimento da sensibilidade estética e

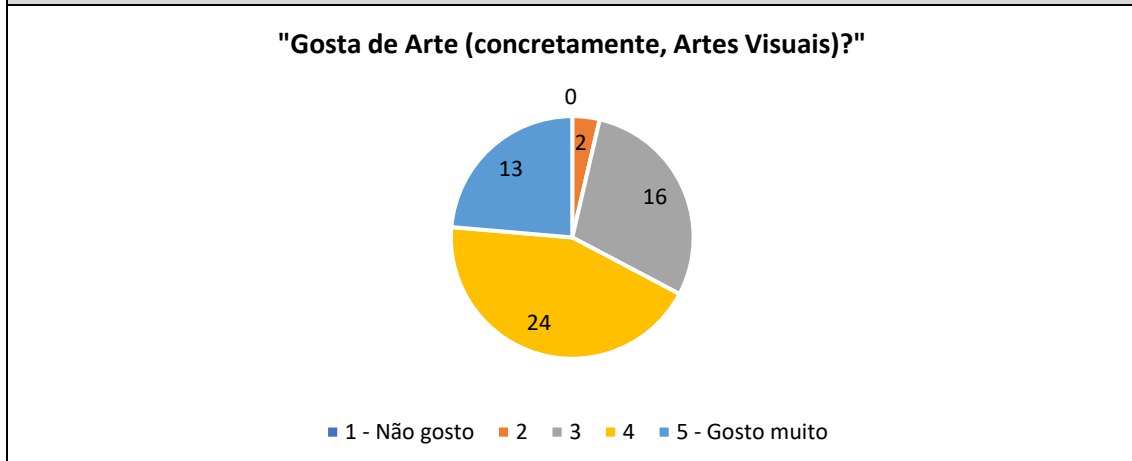
⁵⁹ Consultar Anexo 2, pp. iii-vii.

⁶⁰ Cf. *Uma escola para o mundo. Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Monte da Lua. 2017-2020*, Portela de Sintra, Agrupamento de Escolas Monte da Lua, 2019, pp. 12-13.

⁶¹ Anualmente, a Escola Secundária de Santa Maria é frequentada por mais de 1500 estudantes do Ensino Secundário Regular, Ensino Profissional, Educação e Formação de Adultos e Português para Falantes de Outras Línguas.

artística. O gráfico da **Figura 3** apresenta a compilação dos dados obtidos nas três turmas⁶² relativamente ao item “Gosta de Arte (concretamente, Artes Visuais)?”.

Figura 3: Respostas ao item “Gosta de Arte?” do inquérito por questionário realizado às turmas atribuídas ao Professor João Gaspar



Através da informação do gráfico, depreende-se que há um gosto generalizado pela Arte. Porém, considerámos também importante perceber os resultados obtidos a esta pergunta; neste seguimento, ao item “Justifique, de forma coerente, a escolha que fez no intervalo do item anterior [“Gosta de Arte?”]”, a maioria das respostas apresentadas refere a expressão dos sentimentos como uma das razões pelas quais gostam de Arte. Outras respostas referem a importância da Arte como meio de evasão e lazer, a crítica que as peças de arte podem conter e o facto de o ser humano viver rodeado de Arte. Tendo em conta a miríade de respostas apresentadas, optámos por salientar a justificação de duas alunas, cujo gosto pela arte se inscreve no nível 3 do intervalo apresentado no inquérito (**Figura 3**)⁶³. Para estas alunas, o seu gosto pela Arte é condicionado pela forma como esta área é trabalhada na escola: a instrumentalização desta temática para provas de avaliação condiciona o seu interesse. Apesar de não apresentarem uma justificação extensiva sobre essa razão, será importante para refletir sobre a forma como se encara a Arte no currículo português. Neste seguimento, as próximas páginas apresentam algumas das atividades realizadas nas disciplinas de

⁶² Dos 78 estudantes das três turmas atribuídas ao Professor João Gaspar, apenas 55 responderam ao inquérito por questionário, uma vez que não estiveram presentes nas sessões e/ou não quiseram responder, mesmo sendo em suporte digital.

⁶³ Consultar Anexo 3, p. viii.

História A e de História da Cultura e das Artes durante a PES, que poderão contribuir para o desenvolvimento das competências já mencionadas.

III.3. “Vamos começar hoje a *dar Arte!*”: Modernismo na disciplina de História A

O início da observação das aulas do Professor Cooperante coincidiu com a aproximação do trabalho dos conteúdos da subunidade 1.4 do Programa de História A – *Mutações nos comportamentos e na cultura* –, que integra as vanguardas culturais e artísticas da primeira metade do século XX, com a turma 12.º M. Este tema foi lecionado pelo Professor Estagiário, respeitando o acordado na primeira reunião do Núcleo de Estágio.

Nas reuniões de Núcleo de Estágio que antecederam o início da leção, discutiram-se as planificações das aulas⁶⁴ e os recursos didáticos construídos. Nas aulas lecionadas a esta turma, o Professor Estagiário optou por trabalhar diametralmente as subunidades do Módulo 7 relacionadas com as Artes Visuais do mundo *ocidental* na primeira metade do século XX – *As vanguardas: ruturas com os cânones das artes e da literatura; Tendências culturais em Portugal: entre o naturalismo e as vanguardas; e As preocupações sociais na literatura e na arte*⁶⁵ – com o objetivo de comparar estilos artísticos⁶⁶ e as diferenças regionais e temporais, relacionando com o devir histórico. Porém, a leção destes conteúdos implicou a abordagem da arte europeia na segunda metade do século XIX, considerada aprendizagem essencial de 11.º ano de História A⁶⁷, uma vez que os estudantes demonstraram ter um parco conhecimento sobre esse período. Para a abordagem da arte na segunda metade do século XIX, optou-

⁶⁴ As planificações das primeiras aulas lecionadas à turma 12.º M tiveram em conta as conclusões obtidas após a realização de uma Ficha de Avaliação Diagnóstica sobre a Arte europeia na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Consultar Anexo 4, p. ix.

⁶⁵ Consultar Anexo 5, pp. x-xiii.

⁶⁶ A essência deste trabalho não permite uma reflexão sobre o conceito “estilo”, embora “the art historical study of style and its constitutive elements (...) tends theoretically to place visual-formal analysis at the forefront of its concerns, sometimes – usually unintentionally – making peripheral or secondary questions of meaning.” – HARRIS, Jonathan, “Style” in *op.cit.*, p. 305.

⁶⁷ Cf. *Aprendizagens Essenciais. História A. 11.º Ano*, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2018, p. 13.

se pela exposição dos conteúdos e análise de fontes históricas, com recurso ao *PowerPoint*⁶⁸.

O trabalho dos temas adstritos à arte da primeira metade do século XX foi também realizado em sala de aulas, com atividades de motivação, exposição de conteúdos e participação dos estudantes, e realização de um trabalho em grupos. Adiante, analisar-se-á apenas o contributo de uma das atividades de motivação e do trabalho em grupos para a concretização dos objetivos deste relatório.

Atividade de motivação na primeira aula com a turma 12.º M

A primeira aula lecionada, no dia 8 de outubro de 2019, começou com a realização de uma atividade de motivação, antecedida do trabalho dos conteúdos sobre a arte europeia na segunda metade do século XIX. O desenvolvimento desta atividade pretendia estimular os estudantes para o trabalho de aspetos da História da Arte e aferir a formulação de juízos de gosto.

Os estudantes começaram por visualizar imagens de algumas pinturas do século XV ao século XX⁶⁹ e no final do exercício teriam de escolher uma delas, justificando a sua escolha oralmente. A maioria dos estudantes nomeou as pinturas *O Beijo*, de Gustave Klimt, e *Retrato de Dora Maar*, de Pablo Picasso. As justificações apresentadas prendiam-se com aspetos técnicos e formais das duas obras – cores utilizadas, formas de representação (os apaixonados entrelaçados n’*O Beijo* e a desconstrução em diversos planos no *Retrato de Dora Maar*) –, e aspetos temáticos, como o caso da paixão na pintura de Klimt. Confessamos a existência de um pré-conceito em relação às escolhas das pinturas por parte dos estudantes: assumimos que os exemplos de Leonardo da Vinci, Caravaggio e Jean-Honoré Fragonard seriam os mais escolhidos, por questões técnicas e estéticas – nomeadamente por se aproximarem ao que é habitualmente considerado como *belo*. Expressa a admiração momentânea do Professor Estagiário no momento desta atividade, os estudantes confessaram ter tido dificuldade em escolher uma pintura porque o tempo previsto para a visualização de cada uma era muito reduzido, acabando por optar pela representação que melhor se lembravam, não sendo

⁶⁸ Consultar Anexo 6, pp. xiv-xv.

⁶⁹ Consultar Anexo 7, p. xvi.

necessariamente a que mais haviam gostado. Após este exercício, estabeleceu-se um diálogo com os estudantes sobre a importância da Arte, bem como um levantamento de ideias sobre o *belo* – o que é? O que pode ser belo? O que não pode ser belo? Estas ideias prévias dos estudantes seriam convocadas para o trabalho da arte ocidental na segunda metade do século XX, que estava previsto para o 3.º Período, mas que não se veio a concretizar devido ao cancelamento das aulas presenciais.

A construção do conhecimento sobre Modernismos europeus

A planificação destes conteúdos pelo Professor Estagiário previu, desde logo, o desenvolvimento de trabalhos em grupos, com o objetivo de avaliar a capacidade de trabalhar em equipa, de pesquisa e seleção de informação, e o espírito crítico dos estudantes. A turma foi dividida em grupos de trabalho, cada um com quatro elementos, e foi atribuída a cada grupo uma corrente artística europeia das primeiras décadas do século XX⁷⁰. Num bloco de 100 minutos, cada grupo devia pesquisar informações sobre a corrente artística, que tinha sido atribuída, no manual, nomeadamente nas fontes históricas, e num sítio digital da *Internet*. Com a informação recolhida e compilada, deviam produzir um texto-síntese sobre a corrente artística, concretamente as suas características (temáticas, técnicas e formais), cronologia e principais artistas, e uma apresentação oral⁷¹, em que caracterizaram as propostas e linguagens estéticas da corrente tendo por base um objeto artístico. Os objetos artísticos escolhidos foram retirados do manual adotado pela escola, verificando-se a inexistência de diversificação de exemplos, que poderiam ter sido, talvez, um fator motivacional durante a apresentação oral.

O desenvolvimento desta atividade em grupos pecou em vários aspetos, que deverão ser tidos em atenção. Relativamente à natureza científica destes conteúdos, a opção tomada em trabalhar movimentos artísticos⁷² que constam no programa da

⁷⁰ As correntes artísticas que foram atribuídas a cada grupo de trabalho foram ao encontro das que se encontram elencadas no Programa de História A do 12.º Ano: Expressionismo, Cubismo, Abstracionismo, Futurismo, Dadaísmo e Surrealismo. Cf. *Programa de História A 10.º, 11.º e 12.º Anos*, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2001-2002, pp. 49-50.

⁷¹ Consultar Anexo 8, p. xvii.

⁷² O conceito “Movimento” foi utilizado de forma leviana, pelo que urge, futuramente, privilegiar a atitude crítica destes conceitos. Como salienta Jonathan Harris, Movimento “(...) remains in large part an imposed,

disciplina adensou o discurso eurocêntrico da História da Arte e dos Modernismos, que toma Paris como a capital da cultura e da arte. Para além da cronologia estabelecida pelos estudantes (e também pelo Professor Estagiário no decorrer das aulas lecionadas) ser redutora e dar conta do desenvolvimento artístico nos principais centros culturais e artísticos europeus, não foram tidas em conta os diversos contextos de desenvolvimento artísticos e as diversas concepções do que é ser moderno⁷³. No que diz respeito à organização do trabalho de grupo e ao tempo disponível, o bloco de 100 minutos disponível não foi suficiente para os estudantes desenvolverem um trabalho com atitude crítica quanto às informações sobre o movimento artístico atribuído e sobre os conceitos e noções desta temática. Por sua vez, a escolha de objetos artísticos que se encontravam disponíveis no manual está relacionada com uma estratégia de gestão de recursos num curto espaço de tempo, dificultando a promoção de uma atitude estética e crítica – alguns dos exemplos escolhidos tinham informações adicionais no manual, que facilitavam a compreensão dos estudantes. A análise de um objeto artístico não deve ser irrelevante nem apressada, pois é fundamental ter em conta vários aspetos, como as técnicas utilizadas, os materiais, o contexto em que é produzido, a(s) intenção(ões) da(o) artista e possíveis interpretações.

Reflexões sobre as atividades de motivação e de grupo

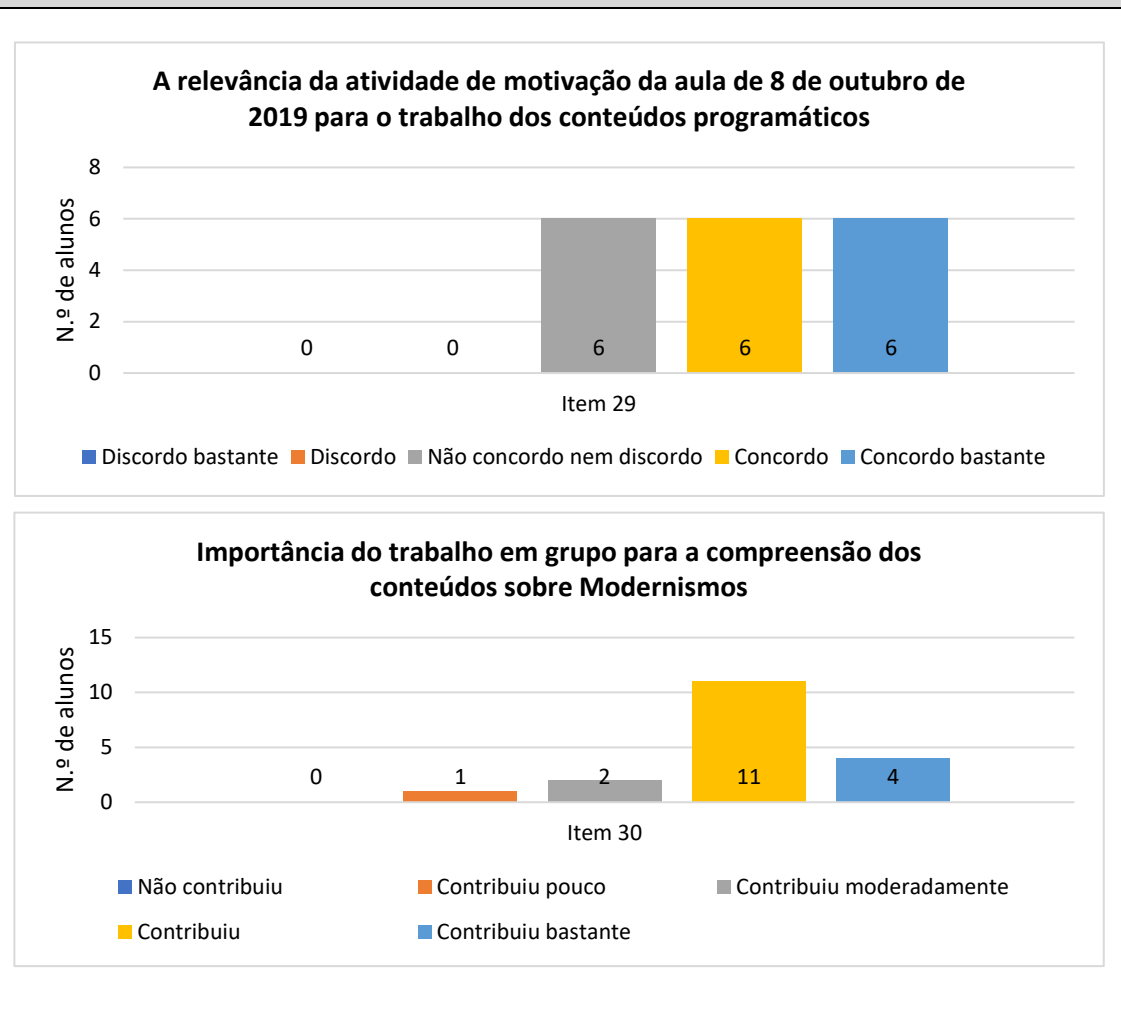
Com o objetivo de compreender se as atividades realizadas em sala de aula contribuíram para o envolvimento dos estudantes com a arte, teve-se em conta os resultados obtidos ao inquérito por questionário feito sobre a avaliação das atividades realizadas pelo Professor Estagiário, nomeadamente aos itens 29 e 30⁷⁴. Os resultados obtidos são apenas uma amostra da turma (18 resultados em 24 alunos inscritos), uma vez que nem todos os estudantes preencheram o inquérito *online*. O gráfico da **Figura 4** apresenta os resultados obtidos aos dois itens atrás mencionados.

art historical designation, running the risk of conflating artists and artworks according merely to the values of the persona claiming some connection between them.” HARRIS, Jonathan, “Movement” in *op.cit.*, pp. 201-202.

⁷³ Cf. HARRISON, Charles, “Modernism” in NELSON, Robert, SHIFF, Richard, *Critical Terms for Art History*, Londres, The University of Chicago Press, 2003, pp. 188-189.

⁷⁴ Consultar Anexo 9, p. xviii.

Figura 4: Resultados obtidos nos itens 29 e 30 do inquérito por questionário, relacionados com a importância das atividades realizadas na sala de aula.



De acordo com os resultados, há uma concordância generalizada quanto à importância da atividade de motivação para o trabalho dos conteúdos relacionados com a arte. Não obstante o interesse em realizar uma atividade de motivação como a que se apresentou nestas páginas, é preciso atender-se às condições logísticas em que se realiza, ao cuidado com o tempo conferido para a visualização e apreciação do objeto artístico (contrariamente ao que aconteceu neste caso). Com a definição de pouco tempo para a observação da pintura, dificultou-se um dos tipos de apreciação estética e artística indicados por Bjarne Funch: a apreciação visual, em que se contempla o objeto sem atender às suas intenções ou funções⁷⁵. A realização de uma atividade deste género em contacto direto com os objetos artísticos trará uma experiência mais rica

⁷⁵ Cf. FUNCH, Bjarne Sode, "Tipos de Educação Estética e a sua aplicação na educação de Museu" in FRÓIS, João Pedro (coord.), *op.cit*, pp. 110-111.

quando comparada com a reprodução desses mesmos objetos em sala de aula. O impacto criado pela contemplação da *Guernica* no Museu Reina Sofía, por exemplo, é consideravelmente diferente da contemplação da mesma obra em sala de aula – a dimensão da obra, a narrativa museológica e a ligação entre as várias salas de um museu permitem uma experiência estética e artística mais intensa:

A sala de um museu é um lugar de experiências múltiplas e de múltiplos encontros: com o Belo, com a História, com os outros, mas sobretudo connosco. Porque nesse silêncio que de repente surge entre nós e uma obra de arte que nos confronta e convida à contemplação inicia-se um outro tipo de diálogo. Um diálogo íntimo, onde nos colocamos inteiros, mas que concretizamos sonhos (...) ⁷⁶.

Por seu turno, a construção do conhecimento histórico-artístico por parte dos estudantes, através de trabalhos de grupo, poderá ser outra metodologia a ter em consideração, tendo em conta os resultados obtidos – 15 estudantes consideraram que contribuiu para essa construção. Importa ter em conta que apesar de o Programa e das Aprendizagens Essenciais de História A de 12.º Ano se focarem essencialmente na História Europeia e do Mundo Ocidental, urge uma reflexão mais crítica sobre alguns conceitos ligados à História da Arte, como o caso do *Modernismo*. Assim, poder-se-á contribuir para o desenvolvimento de competências previstas no *Perfil dos Alunos*, nomeadamente o pensamento crítico e a sensibilidade estética e artística, com a desconstrução de conceitos tomados como inalteráveis e com o conhecimento, ainda que restrito, de outras realidades culturais e artísticas.

⁷⁶ LOPES, Adelaide; GONÇALVES, Ana Rita, *et. al*, “Contemplar” in CARVALHO, José Alberto Seabra; SOROMENHO, Miguel, *Museu das Descobertas* (Catálogo de Exposição no Museu Nacional de Arte Antiga), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2019, p. 16.

III.4. Visita de Estudo ao Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian – Atividade desenvolvida com as turmas 12.º M e 12.º N

O museu é comumente conhecido como o espaço onde estão guardados e conservados objetos artísticos, que se consideram ter um inestimável valor, com o objetivo de serem exibidos para o público⁷⁷. A relação que se pode estabelecer no contacto com o objeto artístico, no momento da fruição, possibilita uma exploração de sentidos e interpretações que permitem enriquecer a experiência estética. Além do estímulo do conhecimento sensível, esses objetos contribuem para a compreensão de um contexto espaço-temporal, através do conhecimento sobre o(a) autor(a), as intenções e as técnicas utilizadas, por exemplo. O valor atribuído a estes intensifica a importância que os museus podem ter na consciencialização do indivíduo e na relação deste com a sociedade. O espaço museológico será, portanto, elementar para o desenvolvimento das competências relacionadas com a sensibilidade estética e artística.

Embora não se preveja uma análise extensiva sobre o impacto da narrativa museológica e museográfica no conhecimento de uma determinada época histórica, importa evidenciar que os museus são, também, lugares de produção de discursos de poder e de narrativas nacionais. Considerando apenas que os museus são espaços de conhecimento, adensa-se a aura arquivística que lhes é inerente – onde importa a organização das peças segundo uma ordem cronológica. Por esta razão, Claire Bishop defende uma *museologia radical*⁷⁸, onde o museu deve ser “an active historical agent that speaks in the name not of national pride or hegemony but of creative questioning and dissent”⁷⁹, sobretudo numa época em que é urgente contextualizar criticamente e debater aspetos relacionados com o passado histórico e a sua convocação para a justificação do orgulho nacional. Neste sentido, consideramos que são imprescindíveis as visitas de estudo a museus e a promoção de atividades mais dinâmicas e que

⁷⁷ HARRIS, Jonathan, “Museum” in *op.cit*, p. 205.

⁷⁸ Na sua obra *Radical Museology*, Claire Bishop apresenta uma reflexão em torno do que é arte contemporânea nos museus de Arte Contemporânea, destacando o exemplo de três museus europeus – o Van Abbemuseum (Eindhoven, Países Baixos), o Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (Madrid, Espanha) e o Muzej sodobne umetnosti Metelkova (Ljubljana, Eslovénia) – quanto ao trabalho que têm feito na discussão da arte e da sua relação com a história desses três países: o passado colonial e o Franquismo em Espanha, a Islamofobia nos Países Baixos, e a Guerra dos Balcãs e o fim do socialismo na Eslovénia.

⁷⁹ BISHOP, Claire, *Radical Museology*, Londres, Koenig Books, 2013, p. 59.

privilegiem o pensamento crítico, não só para uma consciencialização social do período que se vive e do devir histórico das sociedades, como para uma intensificação da experiência estética e artística.

Por estas razões, nos dias 12 e 13 de dezembro de 2019, realizaram-se as visitas de estudo com as turmas 12.º M e 12.º N, respetivamente, ao Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. A sua realização está relacionada com o desenvolvimento de competências previstas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, reforçadas nas *Aprendizagens Essenciais, História A 12.º Ano*, no que concerne ao desenvolvimento da “capacidade de reflexão, a sensibilidade e o juízo crítico, estimulando a produção e a fruição de bens culturais”⁸⁰, e com a consolidação de conhecimentos sobre Modernismo em Portugal. A condução da visita foi feita pelos dois Professores Estagiários, com supervisão e colaboração do Professor Cooperante.

Durante a visita, os estudantes deveriam registar o que os docentes iam apresentando sobre algumas das peças expostas, para posteriormente responderem aos vários itens solicitados no Guião da Visita de Estudo⁸¹, que previam a consolidação do conhecimento adquirido durante as aulas lecionadas sobre Modernismo na Europa e em Portugal. Excetua-se o item 7, cuja importância para este relatório é significativa. Neste exercício, os estudantes tinham de escolher uma das peças expostas e justificar a sua escolha, pelo que faremos uma análise às respostas obtidas para se perceber que tipo de apreciação artística e estética fizeram os alunos. Importa salientar que nem todos os estudantes destas turmas estiveram presentes na visita de estudo e, daqueles que estiveram, nem todos entregaram a resposta ao item 7 do guião (**Figura 5**), que tinha um prazo adicional em relação aos restantes itens.

Figura 5: Amostra de respostas obtidas ao item 7 do guião de visita de estudo realizada à Fundação Calouste Gulbenkian (12.º M e 12.º N)

	Número de estudantes inscritos em História A	Guiões de Visita de Estudo entregues	Respostas ao item 7 do guião da visita de estudo
12.º M	24	17	7
12.º N	23	14	13

⁸⁰ *Aprendizagens Essenciais. História A 12.º Ano*, Lisboa, Ministério da Educação, 2018, p. 5.

⁸¹ Consultar Anexo 10, p. xix.

A análise das respostas obtidas a este item será feita através da abordagem de Bjarne Funch, relativamente a tipologias de apreciação estética, à semelhança da proposta de Hugo Cardoso⁸². A tabela da **Figura 6** compila os diversos tipos de apreciação estética e artística e uma caracterização sucinta de cada um, para auxiliar a uma melhor compreensão do tipo de apreciação feita pelos estudantes.

As justificações dadas às escolhas dos objetos artísticos, por parte dos estudantes das duas turmas, serão elencadas num quadro relativo às tipologias de apreciação estética; porém, nem todas as respostas serão analisadas, salientando-se exemplos de vários tipos de apreciação.

Figura 6: Tipologias de apreciação estética segundo Bjarne Funch⁸³

Tipos de apreciação estética	Caracterização
<u>Apreciação visual</u>	Neste tipo de apreciação artística, prevê-se que o observador apenas olhe e vislumbre a obra de arte, evitando acionar o raciocínio lógico.
<u>Apreciação emocional</u>	Neste tipo de apreciação é essencial uma relação do observador com a obra de arte, experimentando-se sentimentos desencadeados pela mesma.
<u>Apreciação cognitiva</u>	A apreciação feita é condicionada pela informação que se tem sobre a obra de arte, como o título ou a data. Este processo cognitivo procura a descrição e o significado de pormenores, seguidos de sentimentos de prazer. A percepção inicial altera-se com o conhecimento da informação.
<u>Fascínio estético</u>	Compromisso pessoal com a obra de arte, tal como a atração. Para que se provoque o fascínio estético, são fundamentais uma série de condições propícias.
<u>Experiência estética</u>	Desenvolvimento de uma nova experiência no contacto com a obra de arte, contribuindo as experiências da vida e podendo interferir na nossa vida.

⁸² CF. CARDOSO, Hugo, *A apreciação estética na História da Cultura e das Artes e a construção de gráficos na Geografia – Um estudo com alunos do Ensino Secundário*. Braga, Universidade do Minho – Instituto da Educação (Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, policopiado), 2012, p. 38.

⁸³ Tabela construída a partir da análise de FUNCH, Bjarne Sode, *op.cit*, pp. 109-125.

Resultados obtidos com a turma 12.º M

A tabela da **Figura 7** apresenta os vários tipos de apreciação estética verificados na turma 12.º M, resultado das justificações apresentadas ao item 7.

Figura 7: A apreciação estética feita pelos estudantes da turma 12.º M na escolha de um objeto artístico

	Apreciação Visual	Apreciação Emocional	Apreciação Cognitiva	Fascínio Estético	Experiência Estética
ACG					
AR					
BS					
CC					
JR					
MA					
TP					

Das várias justificações sobre a escolha de determinadas peças artísticas, enquadrámos apenas uma na tipologia *Apreciação Emocional* e *Apreciação Cognitiva*. A aluna MA experienciou uma sensação de temor no contacto com uma das fotografias de José Luís Neto⁸⁴ e procurou interpretar o que viu:

A obra que mais me impressionou foram as fotografias de José Luís Neto, de 1966. Estas fotografias parecem ter representados rostos fantasmas, o que me impressionou bastante. A obra é, portanto, um pouco perturbadora e até assustadora, poderia até dizer que simbolizaria os nossos medos, e que se calhar foi isso o que mais me causou impressão e desconforto, mas também o facto de não estarem a representar alguém na sua forma natural.

MA/ José Luís Neto, *Sem Título (da série 22474)*, Papel de Fibra, 2000

Esta estudante, dentro da amostra recolhida, apresentou uma sensibilidade em relação à obra que os restantes estudantes não aparentaram mostrar. A sua ligação foi, sobretudo, emocional, pese embora ter recaído sobre um aspeto mais horrorífico. A experiência desta aluna poderia ter sido potenciada numa fase posterior, em que seria confrontada com informação sobre a série do fotógrafo. Dessa forma, a perceção da

⁸⁴ Consultar Imagem 1 in Apêndice documental, p. xxxviii.

aluna alterar-se-ia, possivelmente, com a obtenção do conhecimento sobre a peça que selecionou, podendo intensificar a sua ligação com a mesma.

Por sua vez, os estudantes AR e BS são dois exemplos de uma *Apreciação Cognitiva*, por razões distintas.

(...) A obra que mais me impressionou foi a *Porque a alma vive eternamente* de Malangatana (...). Esta obra impressionou-me porque para além de me ter chamado [à] atenção com as suas cores e formas fora do comum, achei [engraçada] a forma como o autor representou o quadro e indiciou a sua mensagem. Após uma pequena pesquisa também consegui observar que o quadro foi reproduzido através de óleo sobre tela, o que ainda me impressionou mais, pois o autor utilizou uma técnica de pintura mais tradicional.

AR [adaptado]/ Malangatana, *Porque a alma vive eternamente*, Óleo sobre Tela, 1970⁸⁵

A obra de arte que mais me impressionou (...) foi definitivamente o quadro intitulado *Guerra*, do artista português Manuel Filipe e datado de 1945. Tendo em conta a data e o título da obra é fácil perceber que esta pretende representar a Segunda Guerra Mundial, que é a minha parte preferida da História, o que contribuiu para ter escolhido esta obra como a minha predileta. (...) O que me atraiu para esta obra foi exatamente a escuridão da mesma, com a representação da morte e da destruição causadas pela guerra.

BS [adaptado]/ Manuel Filipe, *Guerra*, Mina negra sobre papel, 1945⁸⁶

O aluno AR destaca a influência das cores e das formas na escolha da obra, considerando-as “fora do normal”. Para além destes aspetos formais, também a técnica utilizada lhe causou algum espanto, uma vez que considera a pintura a óleo uma “técnica de pintura mais tradicional”. Já a aluna BS justificou a sua escolha através do possível contexto associado à representação, partindo do título e da data. A obra *Guerra*, de Manuel Filipe, foi produzida durante a vigência do regime salazarista, no qual a censura tinha um papel ativo para evitar as sublevações ideológicas contrárias às do regime. Esta obra, produto da “Fase Negra” atribuída a Manuel Filipe⁸⁷, permite falar da história do país durante o período da Segunda Guerra Mundial, período histórico de

⁸⁵ Consultar Imagem 2 in *Idem*, p. xxxix.

⁸⁶ Consultar Imagem 3 in *Idem*, p. xl.

⁸⁷ Cf. Serviço de Educação, *Manuel Filipe*, Museu do Neo-realismo [Online], disponível em <https://www.cm-vfxira.pt/pages/3977> (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021).

apreço por parte da aluna. Desta forma, constata-se que a sua experiência foi, sobretudo, cognitiva.

Resultados obtidos com a turma 12.º N

À semelhança da turma 12.º M, também se elencaram as respostas da turma 12.º N segundo a mesma proposta (**Figura 8**).

Figura 8: A apreciação estética feita pelos estudantes da turma 12.º N na escolha de um objeto artístico

	Apreciação Visual	Apreciação Emocional	Apreciação Cognitiva	Fascínio Estético	Experiência Estética
AC					
AF					
BA					
BR					
CF					
FP					
HC					
IS					
FD					
LF					
SS					
VM					
YT					

Sendo a amostra da turma 12.º N maior, optou-se por uma escolha mais filtrada das respostas que respeite a variedade de tipologias de apreciação visíveis nesta turma. Apenas os estudantes BA e IS não se encontram inseridos em qualquer tipo de apreciação artística devido à dificuldade que encontrámos em categorizar as suas justificações.

O estudante BR optou por uma instalação de Rui Toscano, *No Saying Yes*⁸⁸. O contacto com a obra intrigou-o, resultado da forma de expressão utilizada e da incompreensão sobre a intencionalidade do artista. Apesar disso, as suas sensações estiveram ao dispor da contemplação da obra, levantando-lhe uma série de indagações que não procurou descrever ou compreender no momento:

A obra que me cativou mais foi a disposição de rádios. Não sei bem porquê, mas essa obra ficou-me na cabeça desde o momento em que a vi. A obra consistia em vários rádios que estavam pendurados numa parede e formavam a palavra “No”. Ao início não me pareceu nada de especial, mas depois de refletir um pouco apercebi-me que ou foi uma ideia de génio fazer essa obra ou então de completa ignorância. Eu ponho essas duas perspetivas porque a obra é de grande simplicidade, mas de uma grandiosidade enorme. Outra curiosidade é o facto de o nome da obra ser “No Saying Yes”. Logo fica bastante difícil interpretar o que o autor da obra queria transmitir para o público.

BR/ Rui Toscano, *No Saying Yes*, Instalação Sonora, 2003

A integração da sua resposta na categoria *Apreciação Emocional* deve-se à predisposição do estudante para a contemplação da obra, ainda que não tenha compreendido a intencionalidade do artista. Após a contemplação, procurou compreendê-la através do título, mas a sua perceção não se alterou. No entanto, atribui à obra uma importância considerável e o impacto da mesma pela inquietude que, à partida, é provocada no observador.

Por sua vez, a aluna CF escolheu a obra *As Banhistas*, de Almada Negreiros⁸⁹, justificando a sua escolha com a impressão causada pelos aspetos técnicos e formais da obra que selecionou. Ao longo do seu texto, enquadra a representação no contexto histórico-cultural de Portugal na primeira metade do século XX, destacando o movimento feminista e o choque causado na sociedade da época. Por esta razão, elencou-se a experiência da aluna como *Apreciação Cognitiva*, uma vez que descreveu e procurou significados da obra. No entanto, a aluna apresenta uma argumentação sobre a sua visão da Arte. Neste sentido, optou-se, também, por considerar que a experiência da aluna se enquadra, também, no *Fascínio Estético*. Esta obra resultou de uma encomenda feita por Norberto de Araújo e José Pacheco para o café *A Brasileira* do

⁸⁸ Consultar Imagem 4 in Apêndice documental, p. xli.

⁸⁹ Consultar Imagem 5 in Apêndice documental, p. xlii.

Chiado. Seriam os modernistas portugueses, como Almada Negreiros, que tratariam da nova decoração deste café, entregando ao emblemático espaço lisboeta um espírito artístico disruptivo que não foi bem recebido pelos críticos⁹⁰. Apesar do tema tratado nesta obra de Almada ser clássico, o tratamento técnico e temático que lhe é dado conduz a um choque de mentalidades, apresentando duas mulheres sozinhas na praia – é a libertação da mulher numa sociedade machista e patriarcal dos inícios de Novecentos, com o toque antiacadémico do modernismo português. Através deste exemplo, a aluna mostrou a importância que a obra de arte pode ter para a mudança de mentalidades, através da crítica e do teor provocatório – é, por isso, que se considera que a sua observação recai, também, num *Fascínio Estético*:

(...) Sou também da opinião de que a Arte, para além de uma função recreativa, deve ainda conter um teor social – algo que capte o olhar do público e que provoque a reflexão, que transmita a sensação da mudança dos tempos ou que seja até um veículo para a mudança destes.

CF [adaptado]/ Almada Negreiros, *As Banhistas*, Óleo sobre tela, 1925

Das respostas ao item em análise, consideramos que apenas o aluno FD desenvolveu uma *Experiência Estética* no contacto com a obra de arte escolhida. As suas experiências de vida assumiram uma preponderância significativa no momento de contemplação do objeto artístico, condicionando a forma como fez a interpretação da obra:

Esta obra faz com que eu me sinta inseguro, isto porque em primeiro plano temos uma “parede” de algo que vou dar o nome de labirinto, este tomo como a zona em que me sinto seguro, confortável. De seguida, encontramos outra parede, mais escura, que desaparece antes de a outra parede a tapar, devido à pouca iluminação existente. Esta parte da obra foi a que me impressionou mais pois é daqui que vem a ansiedade de não saber o que encontro à minha frente, quer seja na vida ou num simples caminho. Esta obra trouxe ao de cima sensações que eu já tinha experienciado no passado (...)

FD [adaptado]/ Luísa Jacinto, *Threshold V*, Acrílico e Óleo sobre Tela, 2017⁹¹

⁹⁰ Cf. Centro de Arte Moderna, *As banhistas (Pintura decorativa – Café «A Brasileira» do Chiado)*, Fundação Calouste Gulbenkian [Online], disponível em https://gulbenkian.pt/cam/works_cam/as-banhistas-pintura-decorativa-cafe-a-brasileira-do-chiado-138964/ (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021).

⁹¹ Consultar Imagem 6 in Apêndice documental, p. xliii.

A série *Thresold*, composta por telas de grande dimensão e que trabalha o espaço arquitetónico, é um dos exemplos do trabalho de Luísa Jacinto. A artista tem alguma dificuldade em interpretar as suas obras, partindo apenas da necessidade que tem de se expressar. Assim, abre a possibilidade de interpretações por parte dos espectadores⁹². Seria relevante trabalhar este aspeto com os estudantes: a voz que cada pessoa tem, embora sem ter sempre um código interpretativo que conduza à produção da obra. No caso do aluno FD, a sua experiência acrescentaria mais um significado à obra.

Reflexões sobre a visita ao Centro de Arte Moderna

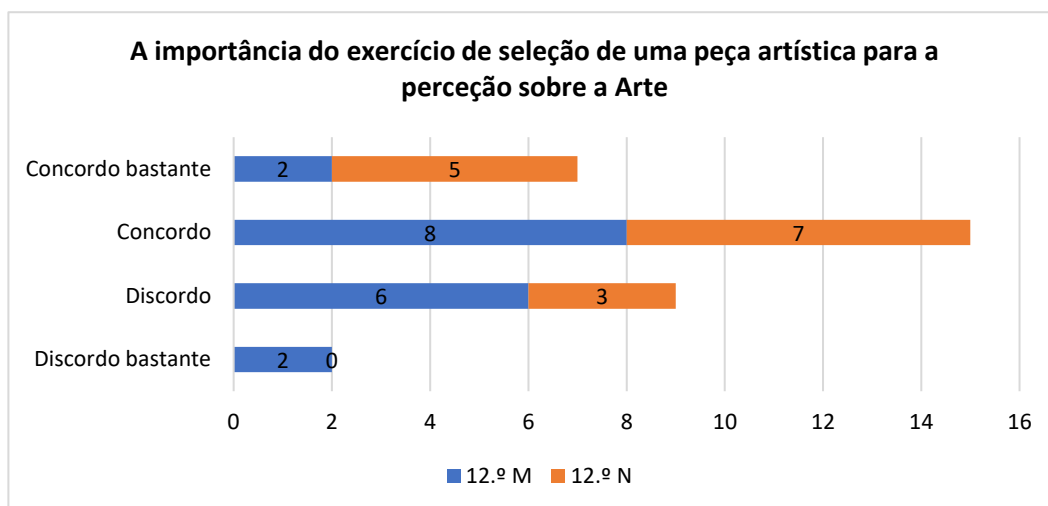
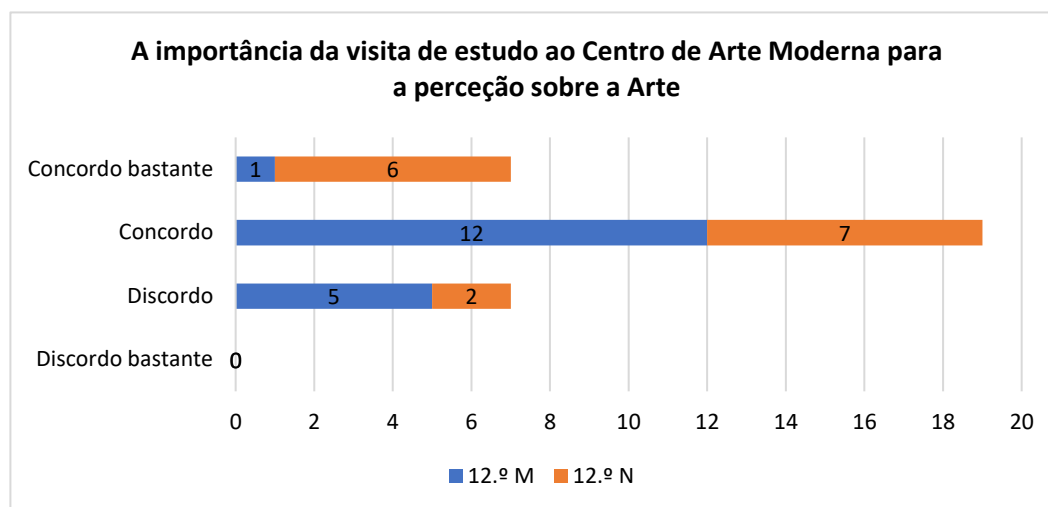
A realização de uma atividade para públicos-alvo distintos não produz os mesmos resultados, por uma miríade de fatores. Neste exemplo, os resultados de uma visita de estudo preparada para duas turmas, que trabalharam os temas relacionados com a arte europeia na primeira metade do século XX nos mesmos moldes, foram também diferentes. A predisposição para o contacto direto com os objetos artísticos será um fator que pode pesar nesta distinção de resultados. No decorrer da visita de estudo, verificámos uma maior predisposição e envolvimento dos estudantes da turma 12.º N do que da turma 12.º M, mas não podemos afirmar com certeza se este fator pesou na apreciação feita dos objetos artísticos escolhidos, uma vez que a amostra de respostas da turma 12.º M é menor.

Sobre a realização de atividades em museus, que privilegiem o envolvimento dos estudantes com os objetos artísticos, trabalhando-os a nível estético e artístico, consideramos que é de extrema relevância a sua consecução, sempre que possível. Verificámos que, segundo os estudantes (**Figura 9**), a visita ao Centro de Arte Moderna contribuiu significativamente para mudar a sua atitude para com a Arte. Relativamente ao exercício de escolha do objeto artístico e a justificação, a maioria dos estudantes concordou com a sua importância para mudar a sua atitude sobre a Arte. Porém, consideramos que, a optar-se pela realização desta atividade, os estudantes devem ser confrontados posteriormente com as obras escolhidas, com a contextualização das

⁹² Cf. COELHO, Beatriz, *Entrevista a Luísa Jacinto*, Arte Capital [Online], disponível em <http://www.artecapital.net/entrevista-241-luisa-jacinto> (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021).

mesmas e as intenções do(a) artista. É necessário repetir estas atividades (o que não aconteceu) para que a experiência estética seja potenciada.

Figura 9: A importância das visitas a museus e de trabalhos de reflexão sobre objetos artísticos segundo as turmas 12.º M e 12.º N⁹³



⁹³ Consultar Anexo 11, p. xx.

III.5. Visita de Estudo Virtual ao Palácio Nacional de Sintra

Na reunião intercalar de 1.º Período do Conselho de Turma 10.º P, realizada em outubro de 2019, a Diretora de Turma, professora de Educação Física, convidou os professores de Desenho A e de História da Cultura e das Artes para a realização de um trabalho interdisciplinar: uma visita de estudo ao Palácio Nacional de Sintra (doravante, Palácio), que fora prevista para maio de 2020. Contudo, a situação pandémica iniciada em março desse ano obrigou ao cancelamento das atividades presenciais impossibilitando a prossecução desta atividade *in loco*. Não obstante este cancelamento, o Professor João Gaspar considerou que se poderia ir avante com a realização da visita ao Palácio, embora com algumas adaptações: a realização de uma visita virtual, prevista apenas para a disciplina de História da Cultura e das Artes⁹⁴, uma vez que estavam garantidos os meios e as condições de trabalho necessários por parte dos estudantes. Pela relevância que esta atividade poderia ter para este relatório, o Professor Cooperante convidou-me para a preparação desta visita, em abril de 2020, após o término da PES devido ao quadro epidemiológico. O convite foi acedido e definiu-se a visita para o dia 22 de junho de 2020, realizada através da plataforma *Microsoft Teams* e orientada pelo Professor Cooperante. Por problemas relacionados com o acesso ao *Teams*, o Professor Estagiário não conseguiu estar presente nesta atividade.

Objetivos e caracterização da visita de estudo virtual

A concretização desta atividade foi sustentada por objetivos específicos da disciplina e pelo desenvolvimento de competências inscritas no *Perfil dos Alunos*: importava a consolidação de conteúdos subordinados ao Módulo 4 (*A Cultura da Catedral*)⁹⁵, através do exemplo de um Caso Prático – o Palácio Nacional de Sintra –, e pretendia-se a estimulação para a preservação do património nacional, o desenvolvimento da capacidade de apreciar criticamente manifestações artísticas e a formulação argumentada de juízos de gosto⁹⁶. No dia da atividade, os estudantes

⁹⁴ Cf. Art. 5.º, Decreto-Lei n.º 14-G/2020, *Diário da República*, n.º 72, 1.ª Série, 13 de abril de 2020, pp. 86-(11). Respeitando o disposto no n.º 1 do Art. 5.º, optou-se por adaptar esta visita para um modelo virtual, tendo em conta a duração imposta pelas sessões síncronas semanais do Ensino a Distância.

⁹⁵ A visita de estudo ao Palácio Nacional de Sintra previu a consolidação dos conteúdos sobre o Manuelino, trabalhados em sala de aula. Consultar Anexo 12 e Anexo 13, pp. xxi-xxvii.

⁹⁶ Cf. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, p. 21.

tiveram acesso ao guião de trabalho⁹⁷, onde constavam as tarefas a realizar e os *links* que tinham de utilizar durante a visita. Esta visita não previa uma explicação exaustiva das várias salas, pelas condicionantes acima indicadas, o que levou à opção por um trabalho mais autónomo de cada estudante, respeitando o disposto no guião. Veja-se que, em relação à terceira tarefa, os estudantes tiveram de visualizar excertos do programa *Visita Guiada* (devidamente identificados no guião) para obterem o conhecimento sobre o Palácio, contando com informações adicionadas pelo Professor Cooperante. Após a visita, teriam de responder a um questionário para verificarem as suas aprendizagens⁹⁸. Neste subcapítulo dar-se-á apenas atenção a uma tarefa: a escolha de um (ou mais) espaços do Palácio que os alunos tenham apreciado mais.

Iniciada a sessão síncrona, a primeira tarefa dos estudantes era *percorrer* as várias salas, observando as características e os detalhes de cada uma, antes de qualquer conhecimento. Terminada esta tarefa, preencheram o formulário *A sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra*⁹⁹ (doravante, primeiro formulário), que pretendia compreender a sua motivação para a visita de estudo¹⁰⁰, a formulação de juízos estéticos e, ainda, a sua perceção sobre o património. No item 5 deste formulário, os estudantes tinham de seleccionar a(s) sala(s) que mais tinham gostado durante o decorrer da primeira tarefa, justificando a sua escolha no item 6. Já no item 7, tinham de dizer qual/quais a(s) sala(s) que menos gostaram e apresentar a sua justificação. O gráfico da **Figura 10** elenca os resultados das salas mais apreciadas e menos apreciadas por parte dos estudantes:

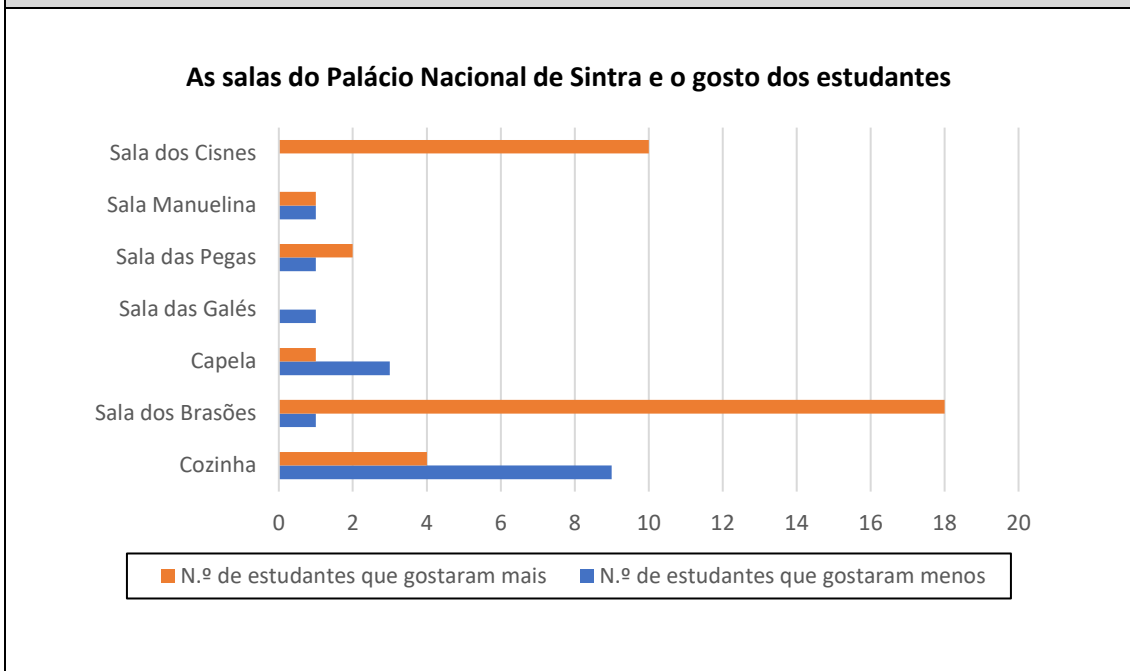
⁹⁷ Consultar Anexo 14, pp. xxviii-xxix.

⁹⁸ Consultar Anexo 15, pp. xxx-xxxi.

⁹⁹ Consultar Anexo 16, pp. xxxii-xxxiii.

¹⁰⁰ A turma 10.º P era composta por 29 alunos, mas apenas 23 estiveram presentes na sessão síncrona. 22 dos 23 alunos demonstraram interesse em visitar o Palácio, apresentando como justificações a importância do monumento para a história de Portugal, especificamente da Vila de Sintra, e o gosto em visitar museus e monumentos. Só um aluno não mostrou interesse em visitar o Palácio, mas a sua justificação não fundamenta a sua falta de predisposição, pelo que foi impossível entendermos a razão ou razões.

Figura 10: Os espaços do Palácio Nacional de Sintra que os alunos da turma 10.º P mais gostaram e menos gostaram



Os espaços de que a maioria dos estudantes mais gostou foram a Sala dos Brasões (18 escolhas), seguida da Sala dos Cisnes (10 escolhas). Para os dois espaços, as justificações apresentadas pelos estudantes foram semelhantes, relacionadas com as sensações provocadas pela extensa decoração das salas – sobretudo os tetos – e pela dimensão dos espaços:

Gostei mais da Sala dos Brasões porque o teto era bonito e interessante e o espaço era grande e muito centrado numa só mesa. Aluna LI;

Adorei a sala dos brasões pelo o seu amplo espaço e decoração no teto. O teto muito alto com uma forma interessante e com uma pintura muito linda com vários detalhes. Os azulejos na parede também são muito interessantes e decorativos. Aluna LT;

Gostei bastante da Sala dos Brasões pois é grande e o teto está repleto de decorações, brasões. É uma sala extremamente bonita. A Sala dos Cisnes é igualmente decorada, mas com cisnes. Acho o cisne um animal bastante gracioso, daí ter gostado bastante desta sala. Aluna JI.

De acordo com a abordagem de Bjarne Funch, os testemunhos destas alunas podem ser elencados na categoria de *Apreciação Visual*, pois procuraram apreciar sem acionarem o raciocínio lógico, que pudesse condicionar a sua experiência. A partir deste ponto, pretendemos perceber se a visita alterou a experiência estética e o tipo de

apreciação estética que os alunos fizeram, após terem visualizado o vídeo disponibilizado e retirado as suas dúvidas com o Professor Cooperante.

Após a obtenção do conhecimento, foi solicitado aos estudantes que preenchessem o formulário *A sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra (II)*¹⁰¹ (doravante, segundo formulário). Das amostras obtidas, salientamos três exemplos, relativos à mudança de apreciação estética¹⁰².

A aluna **TA**¹⁰³ selecionou, no primeiro formulário, a Sala dos Cisnes e a Sala dos Brasões como as que mais havia gostado num primeiro olhar, justificando a sua escolha com a decoração presente nos tetos dos dois espaços. A presença destes elementos visuais prendeu a atenção da aluna, pelo que podemos enquadrar a sua experiência num tipo de *Apreciação Visual*. Após a obtenção de conhecimento sobre os vários espaços do monumento, a aluna informou-nos da importância da atividade para a mudança de perceção. De acordo com as respostas dadas ao segundo formulário, a aluna acrescentou a Sala das Pegas ao grupo de salas de que mais gostou – a compreensão da simbologia das pegas condicionou a sua escolha, observando-se, neste caso, um outro tipo de apreciação estética: a *Apreciação Cognitiva*. Neste tipo de apreciação, o raciocínio lógico condiciona a forma como se aprecia um objeto artístico, podendo provocar sensações depois de compreendido.

A aluna **LT**¹⁰⁴ selecionou a Sala dos Brasões como o espaço que mais tinha gostado antes do início da visita, justificando a sua escolha com a dimensão e decoração da sala – o programa decorativo de D. Manuel I no teto e paredes, com os brasões e os veados, e a decoração azulejar setecentista. Vemos, neste exemplo, que os elementos visuais despertaram o interesse da aluna, que veio a ser potenciado após a obtenção do conhecimento. Conseguiu entender o objetivo de D. Manuel I ao pretender decorar o teto da Sala dos Brasões – perpetuar a linhagem da dinastia de Avis e a ideia de progressiva centralização do poder régio.

¹⁰¹ Consultar Anexo 17, p. xxxiv.

¹⁰² Consultar Anexo 18, pp. xxxv-xxxvii.

¹⁰³ *Idem*, p. xxxv.

¹⁰⁴ *Idem*, p. xxxvi.

Também a aluna **LFF**¹⁰⁵ é um outro exemplo de como o conhecimento obtido durante a visita alterou a sua apreciação estética. No primeiro formulário, selecionou a Sala dos Cisnes e a Sala dos Brasões como as que mais tinha gostado. À semelhança dos exemplos anteriores, a apreciação que fez no final da visita era já do tipo cognitivo, uma vez que compreendeu a simbologia dos cisnes, descurando a ideia de que tinham uma função meramente decorativa.

Os exemplos acima apresentados demonstram um ponto em comum: a passagem de uma apreciação estética do tipo visual para uma do tipo cognitivo, a partir do momento em que o conhecimento e o raciocínio lógico são convocados para o momento da experiência. Porém, não se identificou nenhum caso de alteração do tipo de apreciação estética, uma vez que as respostas dos estudantes aos formulários foram sucintas.

Para além de se querer entender o tipo de apreciação estética que os alunos fazem e as formas que poderão alterá-la perante um objeto artístico, também considerámos relevante a valorização e a estimulação para a preservação do património nacional. O item 8 do primeiro formulário¹⁰⁶ apresenta uma situação hipotética de uma catástrofe que teria danificado o Palácio Nacional de Sintra; os estudantes seriam convocados para participar nas obras de conservação e restauro e deviam explicar como procederiam – se à manutenção do aspeto do monumento antes do terramoto ou se faziam alterações estruturais e/ou decorativas. Quase todas as respostas dadas a este item concordavam no procedimento de restauro e conservação: a tentativa de recuperar o monumento tal como se apresentaria antes do hipotético terramoto, com o objetivo de salvaguardar a história. Nas várias respostas a este item, observamos, de certo modo, a concordância entre a opinião dos estudantes e a tese de Jorge Cordeiro acerca da herança cultural: para os estudantes, a hipotética reparação do Palácio Nacional de Sintra deveria respeitar a forma como foi deixado ao longo dos anos, dada

¹⁰⁵ *Idem*, p. xxxvii.

¹⁰⁶ Consultar Anexo 16, p. xxxiii.

a importância histórica e cultural que tem para a vila de Sintra¹⁰⁷. Apenas o aluno **BS** alteraria um espaço do Palácio: a Cozinha. Segundo o aluno,

Talvez colocasse uma estrutura mais flexível, para que se houvesse uma futura catástrofe natural, não fosse realizar tantos estragos, mantendo, assim, a estrutura sem muitos danos. Em termos de interiores, não mudaria nada sem ser o caso da cozinha ter poucos detalhes nas paredes e ser um pouco *limpa* em termos de decoração. **BS** [adaptado]

Este estudante não explicou como alteraria hipoteticamente a Cozinha do Palácio. Teria sido importante desenvolver melhor o trabalho de reflexão deste aluno, de modo a perceber a sua posição, uma vez que colide com o previsto na Carta de Veneza, de 1964, sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios: “o (...) objectivo [do restauro] é a preservação dos valores estéticos e históricos do monumento, devendo ser baseado no respeito pelos materiais originais e pela documentação autêntica. Qualquer operação desse tipo deve terminar no ponto em que as conjecturas comecem (...).”¹⁰⁸.

Consideramos relevante a realização destes exercícios de sensibilização para o património cultural, uma vez que recorrem à reflexão e questionamento dos monumentos e da sua importância para a sociedade. No momento da realização deste exercício, os estudantes ainda não tinham obtido o conhecimento sobre as diversas transformações que ocorreram no Palácio Nacional de Sintra ao longo dos vários séculos, transformações essas que resultaram de vários períodos históricos e da visão dos protagonistas perante o objeto¹⁰⁹. Teria sido mais prudente ter realizado esta atividade no final da visita de estudo, pois as reflexões poderiam ter sido mais fundamentadas.

¹⁰⁷ Cf. CORDEIRO, Jorge, “*Renascença*” Artística e Práticas de Conservação e Restauro Arquitectónico em Portugal, durante a 1.ª República, Évora, Universidade de Évora (Tese de Doutoramento em Arquitetura, policopiada), 2008, p. 75.

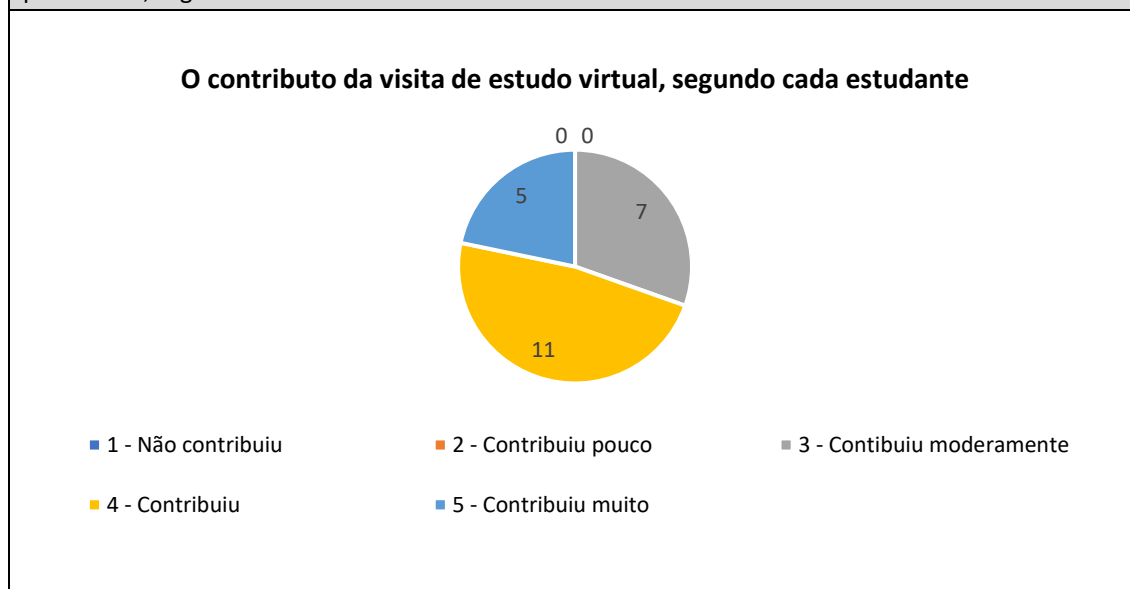
¹⁰⁸ Art. 9.º, “Carta de Veneza. Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios (1964)” in SPPC, *Cadernos SPPC*, n.º 1, Évora, s.ed., 1996, p. 3.

¹⁰⁹ Cf. LUSO, Eduarda; LOURENÇO, Paulo; ALMEIDA, Manuela, “Breve história da teoria da conservação e do restauro” in *Revista Engenharia Civil*, n.º 20, Guimarães, Departamento de Engenharia Civil da Universidade do Minho, 2004, pp. 31-44, p. 32.

Reflexões sobre a visita virtual ao Palácio Nacional de Sintra

Consideramos que a realização de visitas de estudo virtuais podem ter uma importância no contexto do ensino-aprendizagem, potenciadas pela facilidade de acesso a museus e monumentos através da *Internet* que permitem a manipulação do espaço visitado pelo utilizador. Os custos inerentes a uma visita de estudo *in loco* são um fator de extrema importância, uma vez que poderá haver Encarregados de Educação que não tenham a possibilidade de pagar; a situação toma um peso mais significativo se se pensar nas escolas das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, por exemplo. Para além da logística, a aposta nestas visitas a museus e monumentos pode resultar num enriquecimento estético e artístico através da visualização e conversa sobre objetos artísticos e/ou narrativas presentes – sejam do tempo histórico, sejam da organização museológica. O gráfico da **Figura 11** reflete o impacto que esta atividade teve para os estudantes da turma 10.º P, no que diz respeito à sua visão sobre a Arte e à sensibilização para a preservação do património.

Figura 11: Contributo da visita de estudo virtual para a sensibilização para a Arte e preservação do património, segundo a turma 10.º P



Por fim, é fundamental atentar em alguns aspetos relacionados com as limitações desta atividade. Em primeiro lugar, a realização desta visita de estudo teve de respeitar a duração prevista da aula síncrona – o tempo permitido e a modalidade de ensino a distância condicionaram a realização desta atividade. Contudo, se se considerar esta atividade para uma turma do 3.º Ciclo, o tempo disponível poderá não ser superior

a 45 minutos devido à distribuição da matriz curricular de cada escola. Em segundo lugar, o sítio da *Internet* que permitia fazer esta visita não permitia o acesso a todos os espaços do Palácio nem uma visão a 360°, dificultando a atenção em alguns pormenores ou passagens de uns espaços para outros. Em último lugar, recomenda-se que a realização destes exercícios relacionados com a sensibilização estética e artística e preservação do património sejam repetidos e conversados com os estudantes, para que a experiência acabe por ser eficaz – neste caso, as condições impossibilitaram a repetição da atividade.

CONCLUSÃO

As manifestações artísticas, desde sempre utilizadas pelo ser humano e que, mais tarde, vieram a ser consideradas Arte, têm uma dupla componente: por um lado, são fontes históricas, que possibilitam o estudo de uma época; por outro, suscitam os sentimentos e as emoções dos indivíduos, importantes para a relação consigo mesmos e com a sociedade. A Arte pode intervir no desenvolvimento pessoal e social de cada pessoa. Incluí-la na formação e na educação dos indivíduos não é uma proposta recente, embora tenha vindo a ser fortemente defendida desde o século XX.

O trabalho para os sentimentos e emoções através da Arte conheceu uma expansão considerável a partir do século XX, com o contributo de Herbert Read para uma Educação Estética e Artística. Para este autor, a comunhão entre a Educação Estética e a Educação Artística ajuda o ser humano a reagir com criatividade aos estímulos do seu meio, a tomar decisões e a assumir posições críticas na sociedade.

Porém, a Educação Estética e Artística em Portugal tem tido um papel subalterno, possivelmente pela interpretação que foi feita dos documentos curriculares e pela falta de formação dos docentes. A criação do Plano Nacional das Artes, em 2019, prevê colmatar estas situações que podem comprometer o envolvimento da Arte na formação dos estudantes. A definição das *Aprendizagens Essenciais* como documento curricular de referência, em 2021, reforça a importância do desenvolvimento das competências relacionadas com a sensibilidade estética e artística (entre outras) ao longo da escolaridade obrigatória. Desta feita, as disciplinas de História do Ensino Básico e do Ensino Secundário poderão atribuir uma maior preponderância à Arte nas suas multivalências (fonte histórica, meio de expressão visual, estética), através de uma diversificação local e temporal das manifestações artísticas, com o objetivo de evitar um discurso eurocêntrico, da valorização do património artístico local da Comunidade Escolar e de diversas atividades dentro e fora da sala de aula, atendendo sempre a uma análise crítica da Arte.

A redação deste trabalho resultou da planificação e concretização de atividades na Prática de Ensino Supervisionada, realizada na Escola Secundária de Santa Maria, que podem promover o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística, partindo das

informações dos estudantes quanto à sua relação com a Arte. As atividades propostas neste trabalho foram realizadas em contexto de sala de aula, de visita de estudo *in loco* e de visita de estudo virtual. A prossecução de todas apresentou resultados positivos para a relação dos estudantes com a Arte. Porém, consideramos que o impacto destas atividades poderia ter sido maior, em especial com as turmas do 12.º Ano. As atividades realizadas dentro e fora da sala de aula, das quais resultaram produtos importantes para este relatório, deveriam ter sido retomadas num momento posterior, aquando da leção dos conteúdos relacionados com a Arte Ocidental na segunda metade do século XX, para reflexão conjunta entre professor e estudantes, não tendo sido possível devido ao contexto pandémico. Seria nesse momento de trabalho que se recuperariam os produtos construídos pelos estudantes e se convidaria a uma atitude mais reflexiva, através do questionamento dos seus conhecimentos e fornecimento de outros que lhes pudessem provocar mudanças de pensamento mais significativas.

Por outro lado, a realização da visita de estudo virtual ao Palácio Nacional de Sintra, com a turma do 10.º Ano, apresenta-se como uma proposta alternativa às visitas *in loco*. Ao propor-se aos estudantes uma primeira visita e a seleção das salas que mais gostaram antes de qualquer informação, pretendemos analisar como é que esta pode interferir na forma como se elabora os juízos de gosto. Como se viu, alguns estudantes mudaram a sua opinião, atribuindo justificações mais significativas. Contudo, para que a realização deste tipo de visitas seja o mais enriquecedora possível, é importante garantir que os sítios digitais disponíveis facultem as ferramentas imprescindíveis para tal, como, por exemplo, ângulos de visão e formas de rotação para os vários espaços, com o objetivo de melhorar a experiência *virtual* do visitante.

Em suma, consideramos que a Arte pode promover diversas experiências de aprendizagem enriquecedoras para a aprendizagem dos estudantes. Através dela, conseguimos formar cidadãos mais tolerantes e empáticos, mais criativos e recetivos, mais conscientes de si mesmos e dos outros e, por fim, mais críticos do mundo que os rodeia. A Arte é uma *matrioska*: quanto maior a vontade de explorar, de a *abrir*, mais se desvenda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentos Curriculares

Aprendizagens Essenciais. História A. 10.º Ano, 11.º Ano, 12.º Ano, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2018. Disponíveis em <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-secundario> (consultado a 3 de setembro de 2020)

Aprendizagens Essenciais. História B. 10.º Ano, 11.º Ano, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2018. Disponíveis em <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-secundario> (consultado a 3 de setembro de 2020)

Aprendizagens Essenciais. História da Cultura e das Artes. 10.º Ano, 11.º Ano, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2018. Disponíveis em <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-secundario> (consultado a 3 de setembro de 2020)

Aprendizagens Essenciais. História. 7.º Ano, 8.º Ano, 9.º Ano, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2018. Disponíveis em <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico> (consultado a 3 de setembro de 2020)

Currículo Nacional do Ensino Básico, Competências Essenciais, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2001. Disponível em http://cefopna.edu.pt/portal/images/documentos/Curriculo_Nacional_EB.pdf (consultado a 23 de agosto de 2021)

Descola. Atividades criativas para alunos e professores 2018-2019, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa – DMC/EGEAC, 2018. Disponível em <https://www.agendalx.pt/2018/07/20/descola/> (consultado a 24 de agosto de 2021)

Metas Curriculares de História. 3.º Ciclo do Ensino Básico, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2013-2014. Disponíveis em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/metas_curriculares_hist_3_ciclo.pdf (consultado a 3 de setembro de 2020)

Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf (consultado a 3 de setembro de 2020)

Plano Nacional das Artes, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação e Ministério da Cultura, 2019. Disponível em <https://www.pna.gov.pt/> (consultado a 2 de outubro de 2020)

Programa de História A 10.º, 11.º e 12.º Anos, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2001-2002. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia_a_10_11_12.pdf (consultado a 3 de setembro de 2020)

Programa de História B 10.º Ano, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2001. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Cursos_Cientifico_Humanisticos/historia_b_10.pdf (consultado a 3 de setembro de 2020)

Programa de História B 11.º Ano, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2002. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Cursos_Cientifico_Humanisticos/historia_b_11.pdf (consultado a 3 de setembro de 2020)

Programa de História da Cultura e das Artes, Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2004. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_de_Artes_Visuais/historia_cult_artes_10_11_12_0.pdf (consultado a 3 de setembro de 2020)

Programa de História do Ensino Básico – 3.º Ciclo. Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem, Vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_hist_programa_3c_2.pdf (consultado a 3 de setembro de 2020)

Reimagining our futures together. A new social contract for education. Report from the international commission on the futures of education, Paris, UNESCO, 2021. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379707.locale=en> (consultado a 10 de fevereiro de 2022)

Roteiro para a Educação Artística. Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI, Lisboa, Comissão Nacional da UNESCO, 2006. Disponível em <https://crispasuper.files.wordpress.com/2012/06/roteiro2.pdf> (consultado a 29 de agosto de 2021)

Uma escola para o mundo. Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Monte da Lua. 2017-2020, Portela de Sintra, Agrupamento de Escolas Monte da Lua, 2019. Disponível em <https://agml.pt/index.php/projeto-educativo> (consultado a 25 de setembro de 2020)

Legislação

Carta de Veneza, *II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos*, 25-31 de maio de 1964 – [Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios]. Disponível em <http://icomos.fa.utl.pt/documentos/cartasdoutrina/sppc1.pdf> (consultado pela última vez a 13 de agosto de 2021)

Decreto-Lei n.º 74/2004, *Diário da República*, n.º 73, 1.ª Série – A, 26 de março de 2004, pp. 1931-1942 – [Estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular, bem como da avaliação das aprendizagens, no nível secundário de educação]. Disponível em <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/74-2004-210801> (consultado, pela última vez, a 3 de novembro de 2021)

Decreto-Lei n.º 55/2018, *Diário da República*, n.º 129, 1.ª Série, 6 de julho de 2018, pp. 2928-2943 – [Estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens]. Disponível em <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/55-2018-115652962> (consultado, pela última vez, a 3 de novembro de 2021)

Decreto-Lei n.º 10-A/2020, *Diário da República*, n.º 52, 1.ª Série, 13 de março de 2020, pp. 22-(2) – 22-(13) – [Estabelece as medidas excecionais e temporárias relativas à situação epidemiológica do novo Coronavírus]. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/130243053/details/normal?q=dl+10a+2020>+ (consultado a 29 de agosto de 2021)

Decreto-Lei n.º 14-G/2020, *Diário da República*, n.º 72, 1.ª Série, 13 de abril de 2020, pp. 86-(9) – 86-(19) – [Estabelece as medidas excecionais e temporárias na área da educação, no âmbito da pandemia da doença COVID-19]. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/131393158/details/normal?q=dl+14g+2020> (consultado a 29 de agosto de 2021)

Despacho n.º 6605-A/2021, *Diário da República*, n.º 129, 2.ª Série, 6 de julho de 2021, pp. 241(2)-241(3) – [Procede à definição dos referenciais curriculares das várias dimensões do desenvolvimento curricular, incluindo a avaliação externa]. Disponível em <https://dre.pt/dre/detalhe/despacho/6605-a-2021-166512681> (consultado a 5 de fevereiro de 2022)

Lei n.º 46/86, *Diário da República*, n.º 237, 1.ª Série, 14 de outubro de 1986, pp. 3067-3081 – [Estabelece as bases do Sistema Educativo Português]. Disponível em https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/222418/details/normal?p_p_auth=D688OvBC (consultado, pela última vez, a 3 de outubro de 2021)

Resolução do Conselho de Ministros n.º 42/2019, n.º 37, 1.ª Série, 21 de fevereiro de 2019, pp. 1390-1393 – [Aprova as linhas orientadoras para o Plano Nacional das Artes]. Disponível em <https://dre.pt/home/-/dre/119975746/details/maximized> (consultado a 29 de agosto de 2021)

Estudos

ALMOZARA, Paula Cristina Somenzari, “Considerações sobre o Desenho: técnica, poética e conceito” in *Domínios da Imagem*, vol. 6, n.º 10, Londrina, Laboratório de Estudos dos Domínios da Imagem na História – Universidade Estadual de Londrina, 2012, pp. 97-108. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/23450> (consultado a 15 de agosto de 2020)

BARBOSA, Fátima Maria Bezerra; PINO-JUSTE, Margarita, “A Estética como factor promotor da aprendizagem” in *Teoría de la Educación: Revista Interuniversitaria*, vol. 23, n.º 2, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2011, pp. 91-109. Disponível em <http://revistas.usal.es/index.php/1130-3743/article/view/8647/10637> (consultado a 30 de novembro de 2019)

BISHOP, Claire, *Radical Museology*, Londres, Koenig Books, 2013

CABELEIRA, Helena, “A (des)integração das artes no currículo do século XXI: apontamentos para uma história do presente” in *Matéria-Prima. Práticas Artísticas no Ensino Básico e Secundário*, n.º 5 (3), Lisboa, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes – Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2017, pp. 132-141. Disponível em <http://materiaprima.belasartes.ulisboa.pt/arquivo.htm> (consultado a 28 de agosto de 2021)

CALADO, Margarida, “Porque ensinar História da Arte” in *Matéria-Prima. Práticas Artísticas no Ensino Básico e Secundário*, n.º 1 (1), Lisboa, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes – Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2013, pp. 56-62. Disponível em <http://materiaprima.belasartes.ulisboa.pt/arquivo.htm> (consultado a 28 de agosto de 2021)

CARDOSO, Hugo Miguel Ferreira, *A apreciação estética na História da Cultura e das Artes e a construção de gráficos na Geografia – Um estudo com alunos do Ensino Secundário*, Braga, Universidade do Minho – Instituto de Educação (Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, policopiado), 2012. Disponível em

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24664> (consultado pela última vez a 14 de abril de 2020)

CARVALHO, José Alberto Seabra; SOROMENHO, Miguel, *Museu das Descobertas* (Catálogo de Exposição no Museu Nacional de Arte Antiga), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2019

CASTEL-BRANCO, Ana Cristina, “A formação estética no contexto do sistema educativo português” in *GEOPOLIS: revista de filosofia e cidadania*, n.º 6, Lisboa, Gabinete de Estudos de Filosofia Ética, Política e Religiosa, 1999, pp. 10-23. Disponível em [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13979/1/2_Forma%C3%A7%C3%A3o%20Estetica%20\(Cristina%20Castel-Branco\).pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13979/1/2_Forma%C3%A7%C3%A3o%20Estetica%20(Cristina%20Castel-Branco).pdf) (consultado pela última vez a 14 de abril de 2020)

CONCEIÇÃO, Nélcio Rodrigues, “Do Génio ao Jogo. O papel da técnica na transformação dos valores estéticos em Walter Benjamin” in *Trans/Form/Ação*, vol. 40, n.º 1, Marília/São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2017, pp. 87-108. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/issue/view/415> (consultado pela última vez a 18 de novembro de 2021)

CORDEIRO, Jorge, “*Renascença*” *Artística e Práticas de Conservação e Restauro Architectónico em Portugal, durante a 1.ª República*, Évora, Universidade de Évora (Tese de Doutoramento em Arquitetura, policopiada), 2008. Disponível em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/11082> (consultado pela última vez a 13 de agosto de 2021)

COSTA, Marco António da Silva, *Pens’ARTE e educ’ARTE – contributo da Arte no desenvolvimento da sensibilidade estética na disciplina de História*, Porto, Universidade do Porto – Faculdade de Letras (Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, policopiado), 2018. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/117191> (consultado pela última vez a 7 de agosto de 2020)

CUNHA, Mário Raul de Sousa, *Arte e Objeto Artístico na Didática da História*, Porto, Universidade do Porto – Faculdade de Letras (Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, policopiado), 2019.

Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/121651/2/344727.pdf> (consultado pela última vez a 18 de agosto de 2020)

ELKINS, James, *Art History Versus Aesthetics*, New York, Routledge, 2006

ELKINS, James, *Is Art History Global?*, New York, Routledge, 2007

FERREIRA, Ana Carmen Palhares, *Que Educadores para o Contemporâneo? Um estudo de caso no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Portugal e Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil*, Braga, Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais (Tese de Doutoramento em Estudos Culturais, Especialidade em Sociologia da Cultura, policopiado), 2018. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/56257?mode=full> (consultado pela última vez a 29 de agosto de 2021)

FERREIRA, Tânia Sofia Afonso, *O Programa de Educação Estética e Artística – PEEA (2010-2017): O lugar da Expressão Plástica no Currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico*, Lisboa, Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas-Artes (Dissertação de Mestrado em Educação Artística, policopiado), 2019. Disponível em https://repositorio.ul.pt/handle/10451/38936?locale=pt_PT (consultado pela última vez a 26 de agosto de 2021)

FRÓIS, João Pedro (coord.), *Educação Estética e Artística. Abordagens transdisciplinares*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000

FRÓIS, João Pedro, “Os Museus de Arte e a Educação: Discursos e Práticas Contemporâneas” in *Museologia.pt*, n.º 2, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação, 2008, pp. 62-75. Disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/2353> (consultado pela última vez a 25 de agosto de 2021)

FRÓIS, João Pedro, “Educação Estética” in *Portefólio*, n.º 7, Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2012, pp. 64-65. Disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/6615> (consultado pela última vez a 24 de agosto de 2021)

FRÓIS, João Pedro; WHITE, Boyd; SILVA, Carolina, *Diálogos com a arte. Experiência estética e criação de sentido*, Lisboa, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2013

HARRIS, Jonathan, *Art History. The Key Concepts*, Oxon, Routledge, 2006

KANT, Immanuel, *Crítica da Faculdade do Juízo* (trad. António Marques e Valério Rohden), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017

LACERDA, Teresa; GONÇALVES, Elsa, “Educação estética, dança e desporto na escola” in *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 9, n.º 1, Porto, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2009, pp. 105-114. Disponível em https://rpcd.fade.up.pt/arquivo/RPCD_Vol.9_Nr.1.pdf (consultado pela última vez a 21 de agosto de 2020)

LUSO, Eduarda; LOURENÇO, Paulo; ALMEIDA, Manuela, “Breve história da teoria da conservação e do restauro” in *Revista Engenharia Civil*, n.º 20, Guimarães, Departamento de Engenharia Civil da Universidade do Minho, 2004, pp. 31-44. Disponível em <http://www.civil.uminho.pt/revista/artigos/Num20/Pag%2031-44.pdf> (consultado pela última vez a 13 de agosto de 2021)

MANSFIELD, Elizabeth, *Art History and its institutions. Foundations of a discipline*, London, Routledge, 2002

MARCOS, Maximiliano Hernández, “El sentido interno, tópica natural de la invención en A. G. Baumgarten” in *Philosophica*, n.º 44, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014, pp. 65-91. Disponível em <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/25533/1/Massimiliano%20Marcos%2065-91.pdf> (consultado pela última de 25 de janeiro de 2022)

MELO, Maria do Céu de, “E Miguel Ângelo criou o homem: um estudo sobre a compreensão e interpretação visual na aula de História” in *Espaço Pedagógico. Práticas Pedagógicas*, vol. 14, n.º 1, Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, 2007, pp. 132-147. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10083/1/MiguelAngelo-literaciavisualhistorica.pdf> (consultado pela última vez a 8 de setembro de 2020)

NELSON, Robert; SHIFF, Richard, *Critical Terms for Art History*, Londres, The University of Chicago Press, 2003

NUNES, Ana, *A Educação Estética de Schiller na Contemporaneidade: o uso da arte para uma educação moral*, Lisboa, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras (Dissertação de Mestrado em Filosofia, policopiado), 2013. Disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/10951?locale=en> (consultado pela última vez a 1 de dezembro de 2021)

PALHARES, Sandra, “A Educação Artística no presente e no futuro” in *Saber & Educar*, n.º 24, Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2018, pp. 2-11. Disponível em <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/331/346> (consultado pela última vez a 14 de julho de 2021)

PEREIRA, Ana Rita de Almeida, *Aprender com a imagem: o uso didático no ensino da História*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada em História do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, policopiado), 2018. Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/58220> (consultado pela última vez a 28 de agosto de 2020)

PEREIRA, Anabela Lopes, *Artes visuais e construção de sentido: uma experiência com alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico*, Lisboa, Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas-Artes (Dissertação de Mestrado em Educação Artística, policopiado), 2013. Disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/11325> (consultado pela última vez a 28 de agosto de 2021)

PEREIRA, Severino António Ribeiro, *Acerca da Obra-de-Arte*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Dissertação de Mestrado em Filosofia, especialização em Estética, policopiado), 2015. Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/15276> (consultado pela última vez a 12 de agosto de 2020)

PREZIOZI, Donald, *The Art of Art History*, Oxford, Oxford University Press, 2009

RANA, Débora Filipe, *Arte: um intercetor da Filosofia? A imagem artística como recurso didático na aula de Filosofia*, Porto, Universidade do Porto – Faculdade de Letras (Relatório Final do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, policopiado), 2019. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/124238> (consultado pela última vez a 15 de julho de 2021)

READ, Herbert, *Educação Pela Arte*, Lisboa, Edições 70, 2020

ROCHA, Luís; COIMBRA, Joaquim Luís, “As teorias do desenvolvimento da compreensão estética de Michael Parsons e Abigail Housen e as suas implicações educativas” in *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, n.º 5, Porto, Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2006, pp. 79-111. Disponível em <https://revistas.ucp.pt/index.php/investigacaoeducacional/article/view/3284> (consultado pela última vez a 14 de janeiro de 2022)

Sítios Digitais

Centro de Arte Moderna, *As banhistas (Pintura decorativa – Café «A Brasileira» do Chiado)*, Fundação Calouste Gulbenkian [Online], disponível em https://gulbenkian.pt/cam/works_cam/as-banhistas-pintura-decorativa-cafe-a-brasileira-do-chiado-138964/ (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021)

COELHO, Beatriz, *Entrevista a Luísa Jacinto*, Arte Capital [Online], disponível em <http://www.artecapital.net/entrevista-241-luisa-jacinto> (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021)

Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, *Programa da Educação Estética e Artística* [Online], disponível em <http://educacaoartistica.dge.mec.pt/> (consultado pela última vez a 29 de agosto de 2021)

Serviço de Educação, *Manuel Filipe*, Museu do Neo-realismo [Online], disponível em <https://www.cm-vfxira.pt/pages/3977> (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021)

ANEXOS

Anexo 1: Planificação anual de conteúdos a lecionar e atividades a realizar com as turmas 10.º

P e 12.º M

	Escola Secundária de Santa Maria Planificação de atividades – 10.º P Ano Letivo 2019/2020
---	--

O Plano Anual de Atividades apresentado abaixo prevê os conteúdos programáticos selecionados pelo Professor Estagiário para trabalhar com a turma e as atividades a serem desenvolvidas dentro e fora da sala de aulas. Este Plano poderá sofrer alterações.

Mês	Conteúdos Programáticos	Atividades
Setembro	-	-
Outubro	-	-
Novembro	-	-
Dezembro	-	-
Janeiro	-	- Visita de Estudo ao Teatro Romano de Lisboa
Fevereiro	MÓDULO 4 - A Cultura da Catedral: Tronco Comum	- Lecionação de aulas.
Março	MÓDULO 4 - A Cultura da Catedral: História das Artes Visuais	- Lecionação de aulas. - Visita de Estudo ao Museu Nacional de Arte Antiga.
Abril	-	-
Maio	-	- Visita de Estudo ao Palácio Nacional de Sintra (multidisciplinar – História da Cultura e das Artes, Desenho A e Educação Física).
Junho	-	-

O Plano Anual de Atividades apresentado abaixo prevê os conteúdos programáticos selecionados pelo Professor Estagiário para trabalhar com a turma e as atividades a serem desenvolvidas dentro e fora da sala de aulas. Este Plano poderá sofrer alterações.

Mês	Conteúdos Programáticos	Atividades
Setembro	-	-
Outubro	MÓDULO 7 - As vanguardas: ruturas com os cânones das artes e da literatura. - Tendências culturais em Portugal: entre o naturalismo e as vanguardas.	- Lecionação de aulas.
Novembro	-	- <u>Visita de Estudo à Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva.</u> - <u>Visita de Estudo à Sinagoga de Lisboa.</u>
Dezembro	-	- <u>Visita de Estudo ao Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (organizada e conduzida pelos Professores Estagiários).</u>
Janeiro	-	-
Fevereiro	-	- Visita de Estudo ao Museu do Aljube – Resistência e Liberdade,
Março	MÓDULO 8 - As transformações sociais e culturais do terceiro quartel do século XX.	- Lecionação de aulas: desenvolvimento de atividades de apreciação estética na sala de aulas.
Abril	-	-
Maio	MÓDULO 9 - Permanência de focos de tensão em regiões periféricas. - Dimensões da ciência e da cultura no contexto da globalização.	- Lecionação de aulas: desenvolvimento de atividades de apreciação estética na sala de aulas.
Junho	-	-

NOTA: As atividades que se encontram sublinhadas realizar-se-ão com as turmas 12.º M e 12.º N, embora em dias diferentes.

Anexo 2: Inquérito por questionário realizado às turmas atribuídas ao Professor João Gaspar¹¹⁰

1. Idade: * ☐ Menos de 16 anos. ☐ 16-17 anos. ☐ 18-19 anos. ☐ 20 anos ou mais. 2. Género: * ☐ Feminino. ☐ Masculino. ☐ Outro.
3. Habilitações literárias da(o) Responsável Parental 1/ Encarregada(o) de Educação: * <i>Entenda por "Responsável Parental" a mãe/o pai.</i> <i>Pode seleccionar "Não aplicável" em caso de falecimento ou outra situação que remeta para a inexistência de contacto/ relação.</i> ☐ Não aplicável. ☐ Não sabe ler nem escrever. ☐ 1.º Ciclo do Ensino Básico ou Equivalente (4.º ano de Escolaridade). ☐ 2.º Ciclo do Ensino Básico ou Equivalente (6.º ano de Escolaridade). ☐ 3.º Ciclo do Ensino Básico ou Equivalente (9.º ano de Escolaridade). ☐ Ensino Secundário ou Equivalente (12.º ano de Escolaridade). ☐ Licenciatura. ☐ Mestrado. ☐ Doutoramento.
4. Habilitações literárias da(o) Responsável Parental 2/Encarregada(o) de Educação: * <i>Entenda por "Responsável Parental" a mãe/o pai.</i> <i>Pode seleccionar "Não aplicável" em caso de falecimento ou outra situação que remeta para a inexistência de contacto/ relação.</i> ☐ Não aplicável. ☐ Não sabe ler nem escrever. ☐ 1.º Ciclo do Ensino Básico ou Equivalente (4.º ano de Escolaridade). ☐ 2.º Ciclo do Ensino Básico ou Equivalente (6.º ano de Escolaridade). ☐ 3.º Ciclo do Ensino Básico ou Equivalente (9.º ano de Escolaridade). ☐ Ensino Secundário ou Equivalente (12.º ano de Escolaridade). ☐ Licenciatura. ☐ Mestrado. ☐ Doutoramento.

¹¹⁰ Nos itens 16 a 20 deste inquérito por questionário lê-se *História A*, mas deverá, também, ler-se *História da Cultura e das Artes*. Quando foi aplicado este inquérito à turma 10.º P, foi tido o cuidado de se colocar *História da Cultura e das Artes*, em vez de *História A*.

5. Habilitações literárias de Outra(o) Familiar/Encarregada(o) de Educação:

Responda a este item apenas se a(o) Responsável Parental 1 ou 2 não for Encarregada(o) de Educação.

- ☐ Não sabe ler nem escrever.
- ☐ 1.º Ciclo do Ensino Básico ou Equivalente (4.º ano de Escolaridade).
- ☐ 2.º Ciclo do Ensino Básico ou Equivalente (6.º ano de Escolaridade).
- ☐ 3.º Ciclo do Ensino Básico ou Equivalente (9.º ano de Escolaridade).
- ☐ Ensino Secundário ou Equivalente (12.º ano de Escolaridade).
- ☐ Licenciatura.
- ☐ Mestrado.
- ☐ Doutoramento.

6. Outra(o) - especifique quem:

Responda a este item apenas se tiver respondido ao item anterior.

Introduza a sua resposta

7. Profissão/ramo de atividade da(o) Responsável Parental 1: *

Escreva "Não aplicável" em caso de falecimento ou de inexistência de contacto com esta figura.

Introduza a sua resposta

8. Profissão/ramo de atividade da(o) Responsável Parental 2: *

Escreva "Não aplicável" em caso de falecimento ou de inexistência de contacto com esta figura.

Introduza a sua resposta

9. Profissão/ramo de atividade de Outra(o)

Responda a este item apenas se tiver respondido ao item 5.

Introduza a sua resposta

10. Tem alguma formação extracurricular a nível artístico (Dança, Teatro, Música, Pintura, entre outras áreas)? *

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

11. Especifique a sua área de formação extracurricular a nível artístico.

Introduza a sua resposta

12. É beneficiário de apoio da Ação Social Escolar? *

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

13. Gosta de Arte (concretamente, Artes Visuais)? *

Selecione uma opção do intervalo abaixo, tendo em conta que 1 significa "Não gosto de Arte" e 5 significa "Gosto muito de Arte".

Não gosto 1 2 3 4 5 Gosto muito
☐ ☐ ☐ ☐ ☐

14. Justifique, de forma coerente, a escolha que fez no intervalo do item anterior. *

EXEMPLO: se tiver selecionado "1" no item anterior, apresente a(s) razão(ões) para não gostar de arte.

Introduza a sua resposta

15. Considera que a Arte tem importância na sua vida pessoal? *

Selecione uma opção do intervalo abaixo, tendo em conta que 1 significa "Nenhuma importância" e 5 significa "Extrema importância".

Nenhuma importância 1 2 3 4 5 Extrema importância
☐ ☐ ☐ ☐ ☐

16. Considera importante o estudo da Arte na disciplina de História? *

Para responder a este item, tenha em conta a disciplina de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e a disciplina de História A.

Nada importante 1 2 3 4 5 Muito importante
☐ ☐ ☐ ☐ ☐

17. Qual a sua opinião quanto à inclusão da Arte no Programa das disciplinas de História? *

Para responder a este item, tenha em consideração a disciplina de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e a disciplina de História A.

Poderá selecionar mais do que uma opção.

- ☐ É importante ter conhecimento de várias áreas em História (Arte, Economia, Política...).
- ☐ A Arte é uma forma de comunicação e deve-se compreendê-la.
- ☐ A Arte possibilita a criatividade de cada pessoa.
- ☐ A Arte é uma fonte histórica.
- ☐ O trabalho das emoções de cada pessoa pode ser enriquecido com o estudo da Arte.
- ☐ Ao estudar a Arte, pode-se fazer visitas de estudos a museus ou outros espaços culturais.
- ☐ A Arte não tem qualquer utilidade.
- ☐ Outra razão.

18. Especifique "Outra razão".

Por favor, responda se tiver selecionado "Outra razão" no item anterior.

Introduza a sua resposta

19. Na disciplina de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico, a(o) sua(seu) docente abordou os conteúdos relativos às Artes Visuais nos vários períodos históricos que estudou? *

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

20. Na disciplina de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico, como é que a(o) sua(seu) docente abordou os conteúdos relacionados com as Artes Visuais com a sua turma? *

Poderá selecionar mais do que uma metodologia de trabalho.

- ☐ Aulas expositivas.
- ☐ Visitas de estudo.
- ☐ Visitas virtuais a museus/monumentos.
- ☐ Trabalhos de grupo e/ou apresentações orais.
- ☐ Exploração de obras de arte.
- ☐ Exploração e debate de conceitos artísticos.
- ☐ Escolha de obras de artes e desenvolvimento de comentários por parte das/os estudantes.
- ☐ Outras metodologias.

22. Já alguma vez frequentou espaços culturais de fruição (= desfrutar com satisfação) estética e artística? *

Exemplo: museus, fundações de arte, galerias de arte, casas de leilões de arte, entre outros.

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

23. Em que contexto frequentou espaços culturais de fruição estética e artística? *

Pode selecionar mais do que uma opção.

- ☐ Visitas de Estudo.
- ☐ Passeios em família.
- ☐ Viagem ao estrangeiro.
- ☐ Saída com amigos.
- ☐ Outro contexto.

25. Frequenta voluntariamente espaços culturais de fruição estética e artística? *

Por exemplo, ir a um museu com familiares ou com amigos(os).

☐ Sim.

☐ Não.

26. Com que frequência visita voluntariamente espaços culturais de fruição estética e artística? *

☐ Pelo menos, uma vez por semana.

☐ Quinzenalmente.

☐ Uma vez por mês.

☐ Uma vez por cada seis meses.

☐ Uma vez por ano.

27. Por que razão(ões) não visita voluntariamente espaços culturais de fruição estética e artística? *

Pode seleccionar mais do que uma opção.

☐ Preço das entradas.

☐ Prefiro investir tempo noutras atividades.

☐ Não tenho qualquer gosto ou interesse.

☐ A minha família não se interessa por Arte.

☐ Não existem espaços culturais na minha zona de residência.

☐ Dificuldade de acessibilidade (transportes públicos, por exemplo) a esses espaços.

☐ Outro motivo.

28. Especifique "Outro motivo".

Por favor, responda se tiver seleccionado "Outro motivo" no item anterior.

Introduza a sua resposta

Anexo 3: Amostra das justificações ao item “Gosta de Arte (concretamente, Artes Visuais)?” do inquérito por questionário realizado às turmas

Gosta de Arte (concretamente, Artes Visuais)? *

Selecione uma opção do intervalo abaixo, tendo em conta que 1 significa “Não gosto de Arte” e 5 significa “Gosto muito de Arte”.

Não gosto 1 2 3 4 5 Gosto muito
☐ ☐ ☒ ☐ ☐

Justifique, de forma coerente, a escolha que fez no intervalo do item anterior. *

EXEMPLO: se tiver selecionado “1” no item anterior, apresente a(s) sua(s) razão(ões) para não gostar de arte.

Não é a área que me suscita mais interesse, especialmente em contexto escolar, mas gosto de visitar museus e aprender sobre o assunto - espontaneamente, por minha vontade, e não para ter bons resultados nos testes.

Gosta de Arte (concretamente, Artes Visuais)? *

Selecione uma opção do intervalo abaixo, tendo em conta que 1 significa “Não gosto de Arte” e 5 significa “Gosto muito de Arte”.

Não gosto 1 2 3 4 5 Gosto muito
☐ ☐ ☒ ☐ ☐

Justifique, de forma coerente, a escolha que fez no intervalo do item anterior. *

EXEMPLO: se tiver selecionado “1” no item anterior, apresente a(s) sua(s) razão(ões) para não gostar de arte.

Eu adoro arte e executa-la mas não gosto das aulas e do conteúdo avaliado na minha opinião arte não é algo que possa ser avaliado pelo menos da maneira que é feito

Anexo 4: Ficha de Avaliação Diagnóstica de História A, realizada no dia 3 de outubro de 2019, aplicada à turma 12.º M

	História A Escola Secundária de Santa Maria Ficha de Avaliação Diagnóstica 12.º M 3 de outubro de 2019
Conteúdos: As artes visuais e a literatura na viragem para o Século XX. O Modernismo: vanguarda cultural na Europa e em Portugal. As preocupações sociais e políticas na arte.	

1. Selecione a opção correta.

Na Europa, na segunda metade do século XIX, surgiram novas correntes estéticas, tais como

- (A) Dadaísmo, Naturalismo e Impressionismo.
- (B) Realismo, Impressionismo e Simbolismo.
- (C) Impressionismo, Realismo e Abstracionismo.
- (D) Neoclassicismo, Romantismo e Realismo.

2. Defina modernismo.

3. Explícite duas consequências da *Exposição de Outono de 1905* para a pintura das primeiras décadas do século XX.

4. Associe cada uma das vanguardas artísticas, presentes na coluna A, às respetivas características, presentes na coluna B. Utilize cada letra e cada número apenas uma vez.

COLUNA A	COLUNA B
(1) Expressionismo (2) Cubismo (3) Futurismo	(A) Sobreposição da cor à forma, que era aplicada arbitrariamente. (B) Geometrização das formas e decomposição dos volumes em planos que se sobrepõem. (C) Valorização do dinamismo e da velocidade, pretendendo captar o movimento. (D) Utilização da realidade para a criticar, distorcer e caricaturar, recorrendo ao emprego de cores fortes. (E) Predomínio da linguagem geométrica e sóbria, verificando-se um corte total com a figuração.

5. Leia o seguinte excerto:

“Mas, neste caso, como em outros muitos, é justo confessar que os loucos não são precisamente os poetas, mais ou menos extravagantes, que querem ser lidos, discutidos e comprados; quem não tem juízo é quem os lê, quem os discute e quem os compra.”

(Júlio Dantas, “Poetas Paranóicos” em *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 19 de abril de 1915)

5.1. Justifique, com base no excerto, se Portugal acompanhou as novas tendências culturais e artísticas na Europa, no início do século XX.

6. Explique de que forma a arte foi utilizada pelos regimes autoritários europeus, no século XX.

Anexo 5: Planificações de aulas da turma 12.º M, na semana de 7 de outubro a 11 de outubro de 2019



História A

Escola Secundária de Santa Maria
12.º M

PLANO DE AULA N.º 1 8 de outubro de 2019		Elemento de Motivação: Visualização de algumas obras de arte desde o período renascentista até ao pós-modernismo		
Módulo 6.5.1 – Os caminhos da cultura				
Módulo 7.1.4.3 – As vanguardas: rutura com os cânones das artes e da literatura				
Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Experiências de Aprendizagem		Avaliação (Produto)
		Recursos	Atividades	
O interesse pela realidade social nas artes – as novas correntes estéticas na viragem do século.	Desenvolver a capacidade de reflexão, a sensibilidade e o juízo crítico, estimulando a produção e fruição de bens culturais.	Visualização de algumas obras de arte desde o período renascentista até ao pós-modernismo	Diálogo com os alunos após a visualização das imagens de obras de arte, com o objetivo de compreenderem o que é a Arte, qual a sua função e o que é o belo.	Avaliação da capacidade de argumentação dos alunos.
	Relacionar a Revolução Industrial com a renovação nas artes de finais do século XIX.	<i>Powerpoint</i> com conteúdos sobre a Arte na segunda metade do século XIX, tanto a nível mundial, como em Portugal	Apresentação dos conteúdos de 11.º Ano, com recurso ao <i>Powerpoint</i> . Dado não apresentarem muitos conhecimentos sobre os conteúdos mencionados, preferiu-se a exposição dos mesmos.	
	Caracterizar o movimento de renovação nas artes de finais do século XIX.	Excerto de um texto historiográfico sobre Manet, disponibilizado no <i>Powerpoint</i>	Leitura e análise do documento, em conjunto com os alunos.	
Portugal: o dinamismo cultural do último terço do século XIX.	Explicar o dinamismo cultural português do último terço do século XIX.	Visualização de um vídeo sobre o Realismo e o Naturalismo, disponível na Escola Virtual	Visualização de um vídeo-síntese sobre os conteúdos trabalhados.	Análise da capacidade de interpretar fontes secundárias e selecionar informação.

As vanguardas: ruturas com os cânones das artes e da literatura. O fauvismo.	Reconhecer a influência do pós-impressionistas para os artistas do Modernismo. Definir <i>Modernismo</i> e <i>vanguarda cultural</i>. Explicar a importância do <i>Salão de Outono</i> de 1905 para o surgimento de novas correntes estéticas. Caracterizar o fauvismo.	Conjunto documental 47, da página 57 do manual <i>Powerpoint</i> com os conteúdos do Modernismo. Questão da página 58 do manual.	Leitura e análise dos documentos, em conjunto com os alunos. Neste momento, e após a exploração dos conteúdos sobre a arte do final do século XIX, pretende-se que os alunos consigam pesquisar informação nos vários documentos, numa perspetiva socioconstrutivista do conhecimento. As propostas dos alunos serão escritas no quadro. A partir das suas propostas, segue-se com a exploração do <i>Powerpoint</i> e a consequente explicação dos conteúdos. Realização da questão da página 58 do manual escolar. Os alunos deverão responder por escrito à questão. Serão selecionados alunos, de forma aleatória, para lerem a sua resposta na aula e outros para entregarem a resposta ao professor. Ambas serão avaliadas. A correção da questão será feita oralmente.	Avaliação das capacidades de pesquisa e levantamento de informação de documentos de várias tipologias. Análise e avaliação das capacidades de exposição oral e escrita;
---	---	---	---	---

PLANO DE AULA N.º 2 9 de outubro de 2019				
Módulo 7.1.4.3 – As vanguardas: rutura com os cânones das artes e da literatura				
Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Experiências de Aprendizagem		Avaliação (Produto)
		Recursos	Atividades	
As vanguardas: Expressionismo, Cubismo, Abstracionismo, Futurismo, Dadaísmo e Surrealismo	Caracterizar as várias correntes artísticas do Modernismo;	Quadro escolar; Documentos das páginas 59 à 79 Dispositivos eletrónicos dos alunos para consultarem o sítio digital https://www.theartstory.org/	Realização de uma síntese da aula anterior, através da intervenção dos alunos Elaboração de trabalhos de grupo sobre as várias correntes artísticas do Modernismo. Terão de ser constituídos <u>seis grupos de trabalho</u>, um para cada corrente artística. O objetivo será cada grupo trabalhar uma corrente artística com base nos documentos disponibilizados no manual e com recurso aos dispositivos eletrónicos para a pesquisa de mais informação sobre os conteúdos. O professor deverá circular de grupo em grupo para ajudar os estudantes na seleção de conteúdos e formas de pesquisa. Os trabalhos têm de ser todos apresentados no dia seguinte pelos alunos. O trabalho é só para ser feito na sala de aula.	Aferição de conhecimentos da aula anterior e das capacidades de intervenção oral dos estudantes. Avaliar a capacidade de trabalhar em equipa, adequando comportamentos em contexto de cooperação, partilha, colaboração e competição; Analisar a capacidade de pesquisar e selecionar informação de fontes primárias e secundárias; Avaliar o espírito crítico dos estudantes na pesquisa de informação em sítios diferenciados

PLANO DE AULA N.º 3 10 de outubro de 2019				
Módulo 7.1.4.3 – As vanguardas: rutura com os cânones das artes e da literatura				
Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Experiências de Aprendizagem		Avaliação (Produto)
		Recursos	Atividades	
O Modernismo e as vanguardas culturais;	Relacionar a mudança que se operou na mentalidade da sociedade burguesa de início do século XX com a I Guerra Mundial com o corte com os cânones clássicos da arte europeia;	Powerpoint sobre o Modernismo	Apresentação dos trabalhos começados na aula anterior. Cada apresentação não deverá ultrapassar os 10 minutos; Terminadas as apresentações dos vários trabalhos dos alunos, caberá ao professor projetar um <i>Powerpoint</i> de síntese da matéria. Assim, consegue garantir que os conhecimentos ficam consolidados.	Avaliação da capacidade de trabalho em grupo e de comunicar oralmente;

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:

- COUTO, Célia Pinto do, ROSAS, Maria Antónia Monterroso, *Um Novo Tempo da História 12*, Porto, Porto Editora, 2019
- FRANÇA, José Augusto, *A Arte Portuguesa de Oitocentos*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1983
- JANSON, H. W., *A Nova História da Arte de Janson. A Tradição Ocidental* (9.ª ed.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010
- PEREIRA, Paulo, *História da Arte Portuguesa*, Vol.3, Lisboa, Temas e Debates, 1995
- PREZIOZI, Donald, *The Art of Art History*, Oxford, Oxford University Press, 2009
- VERÍSSIMO, Helena, LAGARTO, Mariana, BARROS, Miguel, *História em Perspetiva 11*, vol. 3, s.l, Edições ASA II, 2014

Anexo 6: Excertos do *PowerPoint* utilizado na leção dos conteúdos sobre a arte europeia no século XIX à turma 12.º M, na aula de 8 de outubro de 2019

Com a **Segunda Vaga de Industrialização** assistiu-se a uma série de alterações no plano económico, social, político e, também, cultural:

- Aumento da produção
- Desigualdades sociais
- Surgimento da fotografia
- Surgimento dos tubos de tinta

Influências na pintura:

- Temáticas;
- Técnicas de pintura;
- Recurso à fotografia.

3

O IMPRESSIONISMO (1872-1892)

Aspetos temáticos

- Natureza;
- Figura humana;
- Ambientes sociais (burguesia).

Claude Monet, *Impressão, Sol Nascente*, 1873, óleo sobre tela, 63 x 48 cm

6

O IMPRESSIONISMO (1872-1892)

Aspetos técnicos e formais

- Captação do instantâneo;
- Utilização de cores puras;
- Pinceladas curtas, rápidas e justapostas.

Claude Monet, *Impressão, Sol Nascente*, 1873, óleo sobre tela, 63 x 48 cm

6

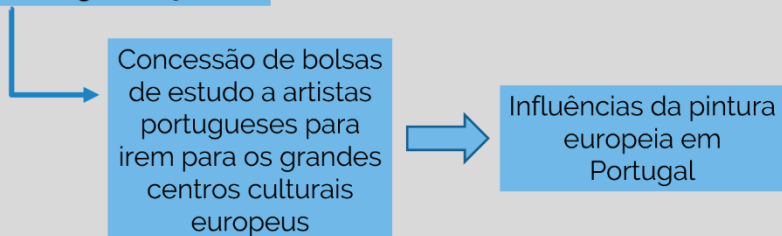


[...] O *Almoço [no Campo]* criou um escândalo enorme ao apresentar uma cena contemporânea com uma mulher nua [...]. O público sentiu-se ultrajado pelo que obviamente era a representação de uma prostituta [...]. Ao rigoroso olhar académico, Manet não sabia modelar a figura humana. [...] As figuras são dadas em recortes bidimensionais [...] por uma pincelada luxuriante, oleosa e espessa, que distribui a tinta por toda a superfície com um aspeto teatral. [...] Com *Almoço no Campo*, Manet inaugurou o que os críticos de arte do século XX viriam a designar por movimento modernista, que realça as características abstratas da pintura e que viria a durar cerca de 100 anos.

Excerto retirado de VERÍSSIMO, Helena, LAGARTO, Mariana, BARROS, Miguel, *História em Perspetiva 11*, s.l, ASA Editores II, 2014

A pintura em Portugal no final de Oitocentos

Regeneração

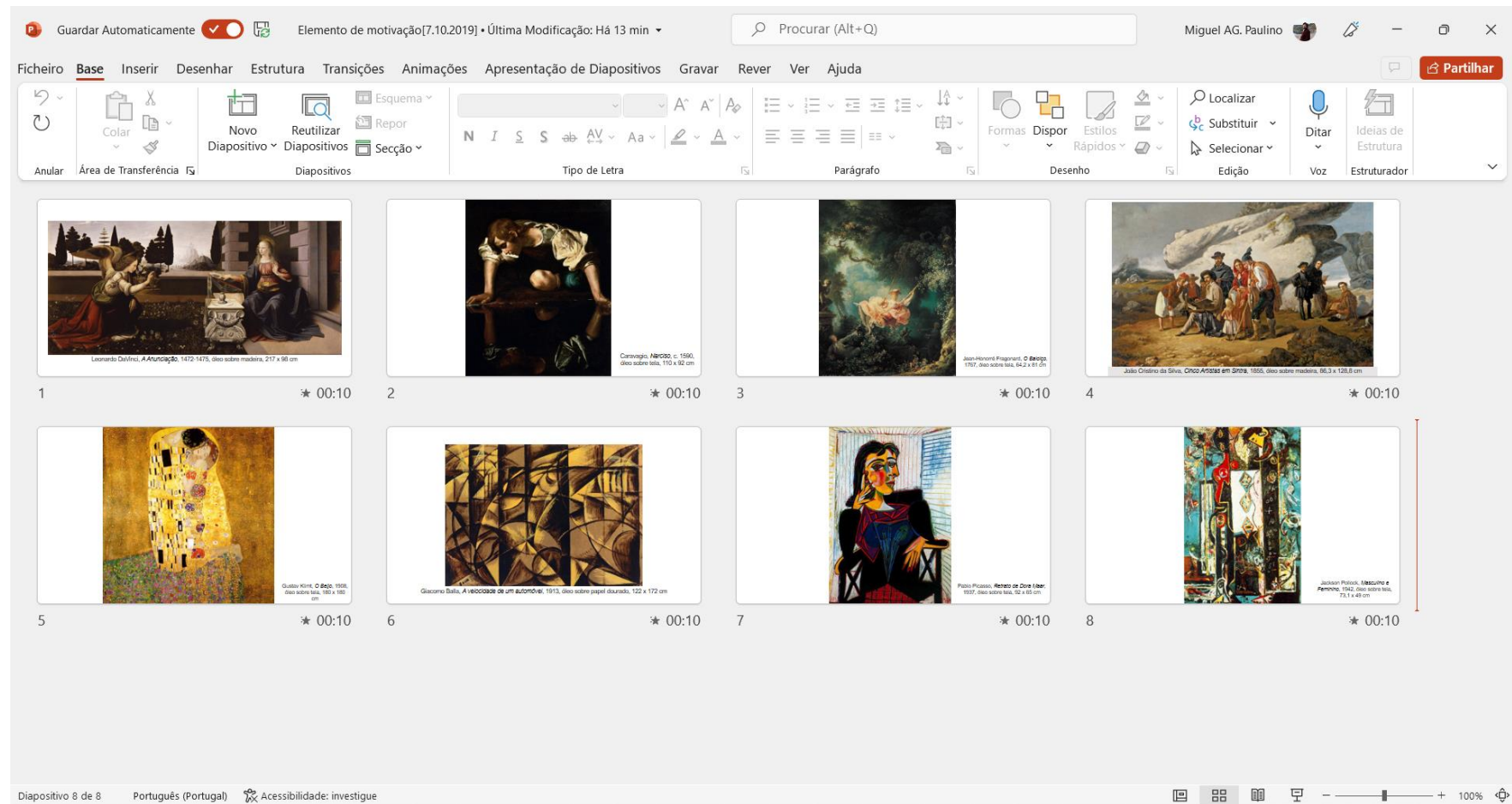


O Pós-Impressionismo

Nascimento de vários movimentos artísticos influenciados por **Manet** e os **impressionistas**

- Individualidade
- Pouca preocupação com as formas e os detalhes
- Aplicação da tinta diretamente na tela
- Pinceladas largas e rápidas

Anexo 7: PowerPoint com as reproduções de objetos artísticos utilizados na Atividade de Motivação do dia 8 de outubro de 2019



Anexo 8: Critérios de classificação dos trabalhos de grupo sobre Modernismo (12.º M) – componentes escrita e oral

		Escola Secundária de Santa Maria		
		História A		12.º M
Critérios de correção do trabalho de grupo sobre o Modernismo				
ELEMENTO	ITENS DE AVALIAÇÃO	CRITÉRIOS	COTAÇÃO	COTAÇÃO TOTAL
TEXTOSÍNTESE ¹¹¹	Movimento artístico e cultural	Respeita o tema, valorizando os aspetos mais relevantes.	40	40
		Respeita o tema com falhas pontuais ou com pouca valorização dos aspetos mais relevantes.	20	
		Respeita o tema com falhas significativas.	10	
	Estrutura e correção do texto	Texto bem estruturado, com falhas pontuais de discurso.	30	30
		Texto com falhas pontuais de estrutura e de discurso.	20	
		Texto com falhas graves de estrutura e de discurso.	10	
	Utilização do objeto artístico na relação com o tema	Relaciona o objeto artístico com o tema.	30	30
		Relaciona com falhas pontuais o objeto artístico com o tema.	20	
		Relaciona com muitas falhas o objeto artístico com o tema.	10	
APRESENTAÇÃO ORAL ¹¹²	Oralidade	Oralidade segura e objetiva.	40	40
		Oralidade clara, mas sem convicção.	20	
		Oralidade confusa e sem convicção.	10	
	Utilização de material de apoio	Sem leitura do texto de apoio durante a apresentação.	30	30
		Leitura pontual do texto de apoio durante a apresentação.	20	
		Leitura integral do texto de apoio durante a apresentação.	10	
	Criação de dinâmica na turma	Interage com a turma durante a apresentação, propiciando dinâmica de trabalho.	30	30
		Interage de forma pontual com a turma durante a apresentação.	20	
		Não interage com a turma durante a apresentação.	10	
TOTAL			200	

¹¹¹ A classificação obtida no texto-síntese será a mesma para todos os elementos do grupo, uma vez que foi produzido somente um texto por grupo.

¹¹² A classificação obtida na apresentação oral será individual, mediante a prestação de cada elemento do grupo.

Anexo 9: Itens do inquérito por questionário, realizado à turma 12.º M, sobre as atividades realizadas em sala de aulas

29. Na primeira aula lecionada pelo Professor Estagiário, abordaram-se algumas questões relativas aos conceitos relacionados com a Arte, as características da Arte e a importância da Arte. Fez-se também uma atividade de motivação em que tinha de selecionar uma pintura e justificar a sua escolha.

Considera que estas atividades foram relevantes para motivá-la(o) para o estudo dos conteúdos programáticos atrás mencionados? *

Discordo bastante 1 2 3 4 5 Concordo bastante
☐ ☐ ☐ ☐ ☐

30. Relativamente ao estudo do conteúdo programático, foi proposto à turma a realização de um trabalho de grupo sobre os diferentes movimentos artísticos.

A realização desse trabalho contribuiu para compreender algumas especificidades da Arte do período estudado (isto é, Modernismos)? *

Não contribuiu 1 2 3 4 5 Contribuiu bastante
☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Anexo 10: Guião da visita de estudo realizada ao Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, com as turmas 12.º M e 12.º N, a 12 e 13 de dezembro de 2019

	Escola Secundária de Santa Maria Guião de Visita de Estudo à Fundação Calouste Gulbenkian 12 e 13 de dezembro de 2019
---	--

“Nos museus de arte moderna, a arte dos precursores não é a da revolução impressionista: é toda a arte rebelde à submissão aos espetáculos”

André Malroux, *O Museu Imaginário*, Lisboa, Edições 70, s.d., p. 222

OBJETIVOS DA VISITA DE ESTUDO

- Caracterizar o modernismo artístico português.
- Desenvolver as competências de observação, análise e comunicação, através do conhecimento do património histórico, artístico e arquitetónico.
- Estimular para a sensibilidade estética e artística dos alunos.
- Sensibilizar para a preservação do património histórico-cultural.
- Promover o trabalho individual e/ou de grupo e a sociabilidade entre alunos e docentes.

ATIVIDADES A REALIZAR

1. **Atenta** na citação: “*Eu sou um homem do meu tempo, um homem que não tem tempo de ser passado.*”, da autoria de António Ferro. **Explica** a citação, relacionando-a com as características dos desenhos de António Ferro que viste na exposição e a ideologia por si defendida.
2. **Observa** a secção sobre a Casa Portuguesa, de Raul Lino, e as fotografias da Exposição Internacional de Paris, de 1937. **Compara** as conceções arquitetónicas adotadas e **aponta** dois aspetos em que se distinguem.
3. **Pesquisa** alguns autores censurados durante o Estado Novo. **Seleciona** um desses autores e **explica** a necessidade de o regime censurá-lo.
4. **Explica** a importância do *Bristol Club* para a arte portuguesa da primeira metade do século XX.
5. **Atenta** na obra de Amadeo de Souza-Cardoso. **Salienta** a diversidade de correntes vanguardistas que é possível vislumbrar nos vários quadros.
6. **Aprecia** o contributo de outros artistas que, no século XX, se aventuraram em percorrer novos caminhos na arte. **Seleciona** três obras de arte e respetivos autores.
7. **Identifica** a obra de arte que mais te impressionou e **justifica** a tua escolha.

Anexo 11: Item do inquérito por questionário, realizado às turmas 12.º M e 12.º N, sobre as visitas de estudo realizadas

31. Relativamente às visitas de estudo realizadas à Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva e Coleção de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian... *

	Discordo Bastante	Discordo	Concordo	Concordo Bastante
O esclarecimento de conceitos técnicos e artísticos (desenho da perspetiva, por exemplo) na Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva, por parte do Serviço Educativo, foi fulcral para mudar a minha opinião sobre a Arte.	☐	☐	☐	☐
Apreciei esteticamente as obras de Arpad Szenes e Maria Helena Vieira da Silva antes de qualquer esclarecimento.	☐	☐	☐	☐
Apreciei esteticamente as obras de Arpad Szenes e Maria Helena Vieira da Silva depois dos esclarecimentos.	☐	☐	☐	☐
Considero ter sido importante ter visto ao vivo, no Centro de Arte Moderna, peças de arte já visualizadas em sala de aula, pois contribuiu para mudar a minha opinião sobre a Arte.	☐	☐	☐	☐
O exercício de selecionar uma obra de arte no Centro de Arte Moderna e justificar a minha escolha foi determinante para mudar a minha opinião sobre a Arte.	☐	☐	☐	☐
Considero que se tivesse sido confrontada(o) com informação acerca da obra de arte escolhida no Centro de Arte Moderna, teria tido uma experiência estética diferente.	☐	☐	☐	☐

Anexo 12: Planificações de aulas da turma 10.º P, na semana de 9 de março a 13 de março de 2020



Escola Secundária de Santa Maria
História da Cultura e das Artes

10.º P

PLANO DE AULA N.º 9 – 9 de março de 2020		Duração: 100 minutos		
Conteúdos: A arquitetura gótica – uma nova estética e alterações na estrutura formal dos edifícios. Caso Prático: A Catedral de Notre-Dame de Amiens. As variações do Gótico na Europa. Os primórdios do Gótico em Portugal.				
Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Experiências de Aprendizagem		Avaliação (Produto)
		Recursos	Atividades	
O Gótico: nascimento de uma nova estética. As alterações na estrutura formal dos edifícios. Caso Prático: a Catedral de Notre-Dame de Amiens.	Relacionar as inovações técnicas com o nascimento de uma nova estética. Identificar as principais alterações da estrutura formal da catedral gótica. Explicar as alterações à estrutura formal. Comparar a estrutura formal de um mosteiro românico com a de uma catedral gótica. Analisar formalmente a Catedral de Notre-Dame de Amiens como exemplo de arquitetura gótica.	<i>Powerpoint</i> Manual, pp. 232-233 <i>Powerpoint</i>	Correção do trabalho de casa. Explicação e sintetização dos conteúdos através do <i>Powerpoint</i>, privilegiando-se a análise de imagens. Realização de um exercício na aula referente à comparação de documentos. Os alunos deverão realizar individualmente este exercício. Algumas respostas serão lidas e avaliadas pelo professor, que fará seguidamente a correção. Análise dos documentos das páginas 232 e 233. Levantamento das interpretações dos documentos por parte dos alunos e sintetização através do <i>Powerpoint</i>.	Avaliação da responsabilidade e do domínio da disciplina e da língua materna. Participação dos alunos. Avaliação das capacidades de interpretação de documentos e confrontação de informações distintas. Aferição da capacidade de levantamento de informações e participação conjunta na construção do conhecimento.

As variações do Gótico na Europa. Os primórdios do Gótico em Portugal.	Identificar as principais características da arte gótica na Europa.		Apresentação das variantes góticas na Europa, conferindo especial atenção ao Gótico em Portugal, através da visualização e análise de imagens.	
--	---	--	--	--

PLANO DE AULA N.º 10 – 11 de março de 2020	Duração: 50 minutos
Conteúdos: O Gótico em Portugal – o Manuelino.	

Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Experiências de Aprendizagem		Avaliação (Produto)
		Recursos	Atividades	
O Gótico em Portugal: o Manuelino.	Contextualizar o manuelino, um estilo entre a Idade Média e o tempo novo. Referir as características principais da arquitetura manuelina.	<i>Powerpoint</i> Manual	Caracterização da arte manuelina através da análise de imagens e sintetização dos conteúdos através da apresentação <i>Powerpoint</i> . Realização da questão 2.c), do Grupo II, da página 238 do manual.	Participação dos alunos. Avaliação de conhecimentos.

PLANO DE AULA N.º 11 – 12 de março de 2020		Duração: 50 minutos	Atividade de motivação: Levantamento de ideias sobre a escultura românica e a escultura gótica, através da aplicação <i>Mentimeter</i> .	
Conteúdos: A escultura gótica – a humanização do céu. A escultura decorativa.				
Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Experiências de Aprendizagem		Avaliação (Produto)
		Recursos	Atividades	
A escultura gótica: a humanização do céu. A escultura decorativa.	Reconhecer o portal da Catedral de Amiens como expoente da escultura gótica.	Telemóvel	Realização da atividade de motivação. Os alunos terão acesso ao telemóvel e à internet para a realização desta atividade. Reflexão sobre os resultados apresentados.	Aferição de conhecimentos prévio e levantamento de ideias.
	Justificar a crescente autonomia da escultura em relação à arquitetura.	<i>Powerpoint</i>	Explicação e sintetização dos conteúdos através do <i>Powerpoint</i> , valorizando a análise de imagens.	Participação dos alunos.
	Caracterizar a escultura quanto à renovação iconográfica, à procura do realismo e do naturalismo.			

PLANO DE AULA N.º 12 – 13 de março de 2020		Duração: 100 minutos		
Conteúdos: A escultura gótica – a humanização do céu. A escultura tumular.				
Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Experiências de Aprendizagem		Avaliação (Produto)
		Recursos	Atividades	
A escultura tumular.	Justificar o nascimento de uma nova temática na escultura: a escultura funerária. Associar as características da escultura gótica à estatuária tumular.	Powerpoint	Revisão dos conteúdos da aula anterior. Explicação e sintetização dos conteúdos através do <i>Powerpoint</i> .	Participação dos alunos.
		Computador – Youtube Telemóvel	Visualização de um excerto do programa <i>Visita Guiada</i> , conduzido por Paula Moura Pinheiro, às Ruínas do Convento do Carmo (https://www.youtube.com/watch?v=JRLX-W_Hqil , minutos 22:05-30:48). O excerto está relacionado com o túmulo do rei D. Fernando I. No final da visualização, os alunos responderão a um questionário através do uso do seu telemóvel e da aplicação <i>Kahoot!</i> .	Motivação dos alunos e avaliação das capacidades de captação de informação por meios audiovisuais.
		Caderno de Atividades	Realização dos exercícios 1.1, 1.2, 1.3, 2.2 e 3.2 da Ficha 29 do Caderno de Atividades. Correção dos exercícios.	Avaliação da responsabilidade e dos conhecimentos dos alunos.

BIBLIOGRAFIA/WEBGRAFIA:

- COUTO, Célia Pinto do, ROSAS, Maria Antónia Monterroso, *Um novo Tempo da História 10*, Vol. 2, Porto, Porto Editora, 2019
- COUTO, Célia Pinto, ROSAS, Maria Antónia Monterroso, *O Tempo da História 10*, Vol. 2, Porto, Porto Editora, 2011
- JANSON, H. W., *A Nova História da Arte de Janson. A Tradição Ocidental* (9.ª ed.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010
- MARQUES, A. H. de Oliveira, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1974
- NUNES, Paulo Simões, *História da Cultura e das Artes*, Lisboa, Raiz Editora, 2013
- PEREIRA, Paulo, *História da Arte Portuguesa – Da Pré-História ao «modo» gótico*, Vol. I, s.l., Círculo de Leitores, 1995
- PINTO, Ana Lúcia, MEIRELES, Fernanda, CAMBOTAS, Manuela Cernadas, *História da Cultura e das Artes 10*, 2.ª Parte, Porto, Porto Editora, 2010
- *Visita Guiada* – RTP: https://www.youtube.com/watch?v=JRLX-W_Hqil

Anexo 13: Excertos do *PowerPoint* utilizado na leção dos conteúdos sobre Arquitetura Gótica e o Manuelino em Portugal à turma 10.º P, nas sessões de 9 a 13 de março de 2020



A Arquitetura Gótica

A Catedral: em louvor de Deus e dos homens

Construídas nas cidades, as catedrais são o reflexo da fé e do esforço da humanidade:

Deus era a luz

Participação dos homens na construção

GÓTICO

Contrariamente ao mosteiro românico, a catedral gótica apresenta paredes mais finas, que passam a delimitar e a proteger o espaço.

↓

Libertam-se da função de suporte

↓

Abertura de janelas

3. Paredes



EXERCÍCIO EM AULA

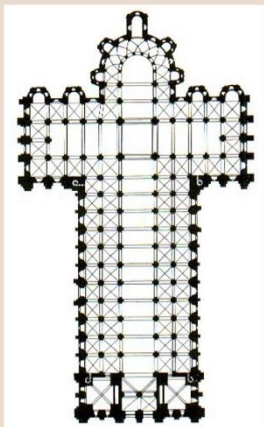


Figura 1: Planta da Igreja de Saint-Sernin, França, Século XI

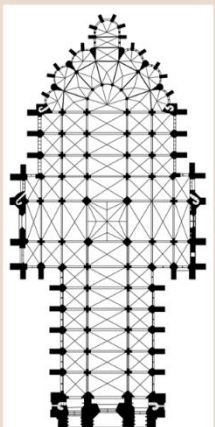


Figura 2: Planta da Catedral de Notre-Dame de Amiens, França, Século XIII

Compara os dois edifícios representados nas Figuras 1 e 2 no que respeita às respetivas plantas.

Na tua resposta, apresenta, de forma fundamentada, duas diferenças evidenciadas nas figuras.

CORREÇÃO DO EXERCÍCIO EM AULA

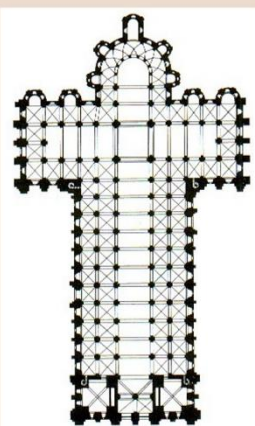


Figura 1: Planta da Igreja de Saint-Sernin, França, Século XI

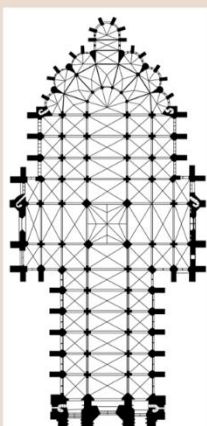


Figura 2: Planta da Catedral de Notre-Dame de Amiens, França, Século XIII

[Modelo da planta e naves]

Em *Saint-Sernin* de Toulouse, planta basilical em cruz latina com cinco naves / em *Notre-Dame de Amiens*, planta basilical em cruz latina com três naves.

[Transepto]

Em *Saint-Sernin* de Toulouse, transepto saliente / em *Notre-Dame de Amiens*, transepto mais largo mas menos saliente.

[Cabeceira]

Em *Saint-Sernin* de Toulouse, cabeceira simples / em *Notre-Dame de Amiens*, aumento da área da cabeceira da igreja.

[Cruzeiro]

Em *Saint-Sernin* de Toulouse, cruzeiro mais próximo da abside / em *Notre-Dame de Amiens*, cruzeiro mais próximo do centro da igreja.

O termo *Manuelino* surge no século XIX (Almeida Garrett), referindo-se à arte produzida durante o reinado de D. Manuel I.

O Manuelino em Portugal: estilo artístico ou estilo decorativo?

D. Manuel I (r. 1495-1521)

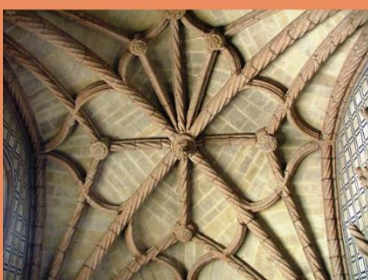
Centralização do poder régio

Expansão Ultramarina

Afirmação do poder do rei

Riquezas do reino

Arte Manuelina

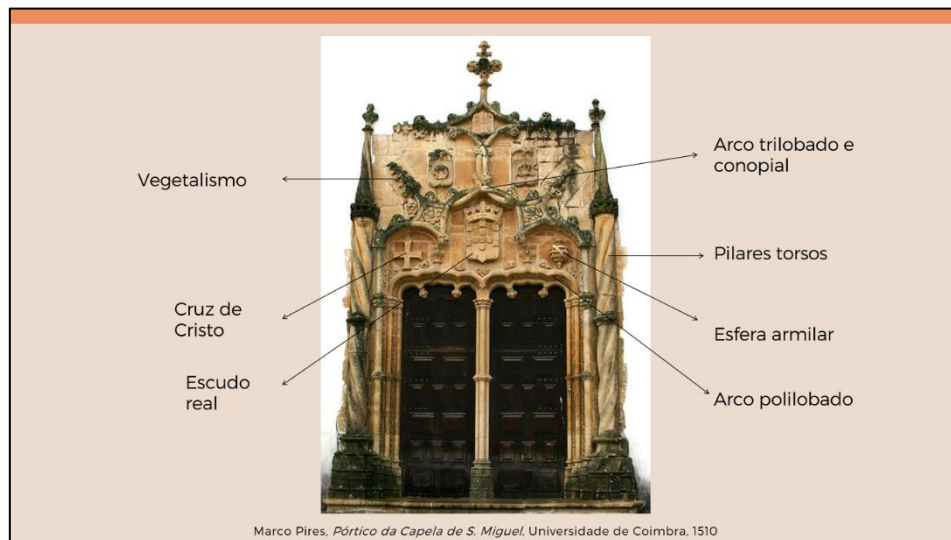


O Gótico tardio-manuelino

É uma época singular da arte portuguesa que conciliou várias tendências artísticas:

- O Gótico Flamejante;
- O Plateresco (Hispanico);
- As influências mudéjares.

É uma arte feita de estilos, com uma gramática decorativa própria.



O Manuelino: em síntese

Diversos tipos de arcos, abóbadas e portais	Heráldica
Ornamentação exuberante e exagerada	Motivos vegetalistas e náuticos
Símbolos religiosos	Ecletismo das temáticas

Anexo 14: Guião da Visita de Estudo Virtual ao Palácio Nacional de Sintra, com a turma
10.º P, realizada no dia 22 de junho de 2020

	Escola Secundária de Santa Maria		
	História da Cultura e das Artes	10.º P	22 de junho de 2020
	Guião de Trabalho da Visita de Estudo Virtual		
	Palácio Nacional de Sintra		

NOTAS SOBRE A VISITA DE ESTUDO

- Esta visita virtual tem como objetivo a consolidação de conhecimentos adquiridos na disciplina de HCA através de um caso prático, a valorização do património nacional e o desenvolvimento da experiência estética;
- Para a realização desta visita de estudo, **lê** atentamente este guião de trabalho e **realiza** as tarefas solicitadas;
- Vais ter de responder a formulários, a um questionário e a um inquérito por questionário:
 - a) Os formulários serão instrumentos de trabalho imprescindíveis para o desenvolvimento do Relatório Final de Mestrado em Ensino de História do Professor Miguel. Existirão dois formulários referentes à visita de estudo ao Palácio Nacional de Sintra, que não serão anónimos.
 - b) O questionário funcionará como avaliação dos conhecimentos adquiridos e construídos com os materiais disponibilizados;
 - c) O inquérito por questionário será sobre alguns dados pessoais e alguns dos trabalhos desenvolvidos ao longo do ano letivo com o Professor Miguel. Este inquérito por questionário é **anónimo e confidencial**, estando garantidas todas as condições de salvaguarda dos dados para fins estritamente científicos.

TAREFAS A REALIZAR

1.ª TAREFA

Carrega nos seguintes *links*:

- Visita virtual ao Palácio Nacional de Sintra (tens de fazer *scroll* até encontrares o Palácio), nomeadamente à *Ala Manuelina*, *Pátio Central*, *Gruta dos Banhos*, *Sala das Pegas* e *Sala dos Cisnes*: <https://www.cultuga.com.br/tour-virtual-palacios-portugal/>;
- Vídeo relativo aos vários espaços do Palácio Nacional de Sintra: <https://www.youtube.com/watch?v=zXaCJn1GQDw>
- Imagens da *Sala dos Brasões*: <https://descubralisboa.com/palacio-nacional-de-sintra/>

Explora os diversos espaços do Palácio Nacional de Sintra, antes de obteres qualquer informação ou conhecimento sobre o mesmo. Quando terminares, **não encerres** os *links*, porque vão ser precisos para explorares ao longo da visita.

2.ª TAREFA

Responde ao seguinte formulário. O objetivo é responderes de acordo com o que viste e apreciaste!

- *Link* do formulário: <https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?id=Sd1vwGf3zkS1CFycblsk1toOGZ5-QpRGruNqldzDEfpUNFQwV0JSMU1MVUtJM1NDWkpXUIEyTEE2Ni4u>

3.ª TAREFA

Visualiza excertos do vídeo que consta no seguinte *link*: <https://www.rtp.pt/play/p3373/e292137/visita-guiada>

Esses excertos são os que vão:

- a) do minuto 03:40 até ao minuto 06:05;
- b) do minuto 11:10 até ao minuto 14:10;
- c) do minuto 14:40 até ao minuto 19:45.

5.ª TAREFA

Responde ao seguinte questionário, de modo a verificares as tuas aprendizagens a visita virtual:

<https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?id=Sd1vwGf3zkS1CFycblsk1toOGZ5-QpRGruNqldzDEfpUQjJQU0ZSU0taNEZQU0Q1NVFEVEwzRTQwVC4u>

6.ª TAREFA

Responde ao seguinte formulário sobre a experiência da visita virtual ao Palácio Nacional de Sintra:

<https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?id=Sd1vwGf3zkS1CFycblsk1toOGZ5-QpRGruNqldzDEfpUN0JUOVdKWEVSTVU0RjA3VjVWQkc0Sk1FMS4u>

7.ª TAREFA

Responde ao seguinte inquérito por questionário. O inquérito é **anónimo e confidencial** e prende-se com objetivos estritamente científicos para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de História. Responde até ao dia 25 de junho de 2020: <https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?id=Sd1vwGf3zkS1CFycblsk1toOGZ5-QpRGruNqldzDEfpUQk40NVhORDVZTVhHWE9URjRRWFpFSENaWC4u>

Anexo 15: Questionário sobre a Visita de Estudo Virtual ao Palácio Nacional de Sintra
(10.º P)

1. A vila de Sintra foi sempre importante para a Coroa Portuguesa devido à proximidade de Lisboa, à paisagem e ao clima privilegiado por temperaturas amenas. Esta afirmação é ☐ Verdadeira. ☐ Falsa.
2. As grandes obras de intervenção no Palácio Nacional de Sintra foram realizadas nos reinados de <i>Selecione a opção correta.</i> ☐ D. Manuel I e D. João III. ☐ D. João I e D. Duarte. ☐ D. João I e D. Manuel I. ☐ D. Afonso V e D. João II.
3. Na Ala Manuelina, é possível observar elementos que associamos aos períodos artísticos do <i>Selecione a opção correta.</i> ☐ Renascimento e Maneirismo. ☐ Renascimento e Manuelino. ☐ Manuelino e Maneirismo. ☐ Tardo-Gótico e Manuelino.
4. Os azulejos utilizados na Ala Manuelina são característica da Arte Portuguesa do século XVIII. <i>Selecione a opção que classifica a situação descrita.</i> ☐ Verdadeiro. ☐ Falso.
5. A Sala dos Cisnes recebe esta designação devido ao seu teto decorado com a representação do animal. Esta opção serve interesses de propaganda política, numa época em que a maioria da população era analfabeta. <i>Selecione a afirmação que classifica a situação descrita.</i> ☐ Verdadeiro. ☐ Falso.
6. Segundo a heráldica, ciência que estuda os brasões de armas das famílias nobres, o cisne é um animal que está associado à família _____. <i>Selecione a opção que permite completar o espaço.</i> ☐ Gama ☐ Corte Real ☐ Lencastre ☐ Costa
7. No pescoço dos cisnes está pintado um gorjal em forma de coroa invertida, que significa a ilegitimidade do poder do rei D. João I. <i>Selecione a afirmação que classifica a situação descrita.</i> ☐ Verdadeiro. ☐ Falso.

8. No espaço exterior que faz a ligação entre a Sala dos Cisnes e a Sala das Pegas, e que dá acesso ao Pátio Central, os arcos utilizados nas portas destas salas são:

Selecione a opção correta.

- ☐ arco polilobado e arco conopial.
- ☐ arco trilobado e arco em ferradura.
- ☐ arco rebaixado e arco asa de cesto.
- ☐ arco ultrapassado e arco ogival.

9. Identifica a expressão que está escrita no teto da Sala das Pegas.

Introduza a sua resposta

10. As pegas representadas no teto da Sala homónima seguram uma divisa e têm uma rosa nas patas. Estes elementos associam-se aos reis

Nomeie os reis.

Introduza a sua resposta

11. À semelhança da Ala Manuelina, o programa de azulejos utilizado na Sala das Pegas é influência da arte _____.

Completa o espaço em branco.

Introduza a sua resposta

12. O programa azulejar da Ala Manuelina, da Sala das Pegas e da Sala dos Cisnes tinha, sobretudo, uma função decorativa.

- ☐ Verdadeiro.
- ☐ Falso.

13. A Sala dos Brasões resulta das intervenções feitas no Palácio durante o reinado de D. Manuel I e é um exemplo da riqueza do reino devido aos apontamentos em talha dourada. Esta afirmação é

- ☐ Verdadeira.
- ☐ Falsa.

14. Relativamente à Sala dos Brasões, "(...) ressalta um aspeto característico da sua governação - o exercício de um poder centralizador tendencialmente «absoluto» (...)» (in João Paulo Oliveira e Costa, D. Manuel I, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2005, p. 98).

As seguintes expressões permitem fundamentar o excerto transcrito:

- I. O poder centralizador do rei verifica-se pelo trabalho de azulejos figurativos.
- II. O papel centralizador do rei verifica-se pela centralidade do seu brasão de armas.
- III. O papel centralizador do rei verifica-se pela representação dos brasões dos nobres.

Selecione a opção que classifica as afirmações explicativas do excerto.

- ☐ I é verdadeira; II e III são falsas.
- ☐ II é verdadeira; I e III são falsas.
- ☐ I e III são verdadeiras; II é falsa.
- ☐ II e III são verdadeiras; I é falsa.

15. A azulejaria da Sala dos Brasões data do século _____.

Selecione a opção que permite completar o espaço.

- ☐ XVI
- ☐ XVII
- ☐ XVIII
- ☐ XIX

16. Os oito brasões que circundam o Brasão de Armas de D. Manuel I representam os seus oito filhos vivos, nascidos do casamento do rei com a infanta D. Maria. Dois desses brasões representam um losango bipartido, pois a parte branca seria para ser preenchida quando as filhas dos reis se casassem.

Selecione a opção que classifica a situação descrita.

- ☐ Verdadeiro.
- ☐ Falso.

Submeter

Anexo 16: Formulário *A sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra*,
a ser preenchido após a visita livre aos espaços do Palácio

A sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra

A primeira tarefa a ser realizada nesta visita de estudo virtual consistia na visualização e apreciação dos diversos espaços do Palácio Nacional de Sintra, antes de obteres qualquer informação histórica e artística sobre os mesmos.
Quando tiveres visitado os diferentes espaços, preenche este formulário com a maior honestidade e clareza.

Agradeço, desde já, a tua participação!

...

* Obrigatório

1. Nome da(o) aluna(o): *

Introduza a sua resposta

2. Alguma vez visitaste o Palácio Nacional de Sintra, não contando com esta visita virtual? *

☐ Sim.

☐ Não.

3. Alguma vez tiveste o interesse de visitar o Palácio Nacional de Sintra? *

☐ Sim.

☐ Não.

4. Justifica a tua resposta. *

Introduza a sua resposta

5. Das salas que exploraste, qual(ais) foi(ram) a(s) que mais gostaste? *

☐ Sala dos Cisnes.

☐ Sala Manuelina.

☐ Sala das Pegas.

☐ Sala das Galés.

☐ Capela.

☐ Sala dos Brasões.

☐ Cozinha.

6. Explica por que razão(ões) gostaste mais da(s) sala(s) que seleccionaste no item anterior. *

Introduza a sua resposta

7. E qual(ais) foi(foram) a(s) sala(s) que gostaste menos? Porquê? *

Introduza a sua resposta

8. Imagina a seguinte situação:

Um terramoto provocou danos no Palácio Nacional de Sintra. Algumas das salas necessitariam de trabalhos de restauro e tu serias chamada(o) a intervir nesse projeto.

Como é que procederias aos trabalhos de restauro: manterias o Palácio como estava antes do terramoto ou fazias conforme o teu gosto? Justifica a tua resposta. *

Introduza a sua resposta

Submeter

Anexo 17: Formulário *A sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra (II)*, a ser preenchido no final da Visita de Estudo Virtual

A sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra (II)

Após a realização da visita virtual ao Palácio Nacional de Sintra, responde a este formulário com a maior honestidade e clareza.

...

Olá, Miguel Ângelo. Ao submeter este formulário, o proprietário verá o seu nome e endereço de e-mail.

* Obrigatório

1. Nome da(o) aluna(o): *

Introduza a sua resposta

2. Recorda-te da(s) sala(s) que mais gostaste do Palácio Nacional de Sintra, antes de receberes qualquer informação.
Após a visita virtual, a tua opinião mantém-se? *

Ao longo da visita de estudo, podes ter passado a gostar de outra sala; podes ter gostado ainda mais da sala que seleccionaste; podes até nem ter gostado de sala nenhuma e com a visita continuaste a não gostar. Todas essas hipóteses são válidas.

☐ Sim.

☐ Não.

3. Justifica a tua resposta. *

Introduza a sua resposta

4. Esta visita virtual contribuiu para uma consciencialização do património histórico e artístico e para olhar para a Arte de outra forma? *

Selecciona um número do intervalo abaixo.

Não contribuiu ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 Contribuiu muito

Submeter

Anexo 18: Respostas das amostras obtidas de alunos que tiveram novas experiências estéticas após a visita de estudo

Aluna TA	
Formulário A <i>sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra</i> Itens 4 e 5	5. Das salas que exploraste, qual(ais) foi(ram) a(s) que mais gostaste? * ☒ Sala dos Cisnes. ☐ Sala Manuelina. ☐ Sala das Pegas. ☐ Sala das Galés. ☐ Capela. ☒ Sala dos Brasões. ☐ Cozinha. 6. Explica por que razão(ões) gostaste mais da(s) sala(s) que seleccionaste no item anterior. * gostei muito da sala dos cisnes porque gostei de ver a maneira como os cisnes estavam representados no teto, e a sala dos brasões foi a que eu achei mais interessante porque por ter tantas representações antigas acaba por captar a atenção.
Formulário A <i>sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra (II)</i> Itens 2 e 3	2. Recorda-te da(s) sala(s) que mais gostaste do Palácio Nacional de Sintra, antes de receberes qualquer informação. Após a visita virtual, a tua opinião mantém-se? * <i>Ao longo da visita de estudo, podes ter passado a gostar de outra sala; podes ter gostado ainda mais da sala que seleccionaste; podes até nem ter gostado de sala nenhuma e com a visita continuaste a não gostar. Todas essas hipóteses são válidas.</i> ☐ Sim. ☒ Não. 3. Justifica a tua resposta. * Eu continuei a gostar muito da sala dos cisnes e da sala dos brasões mas depois de fazer a visita virtual e depois de saber mais coisas sobre as salas todas eu continuei a gostar destas salas mas acrescento uma sala que é a sala das pegs porque antes eu não sabia o porque de ter pegs representadas mas agora depois de estar informada sobre o significado gostei dessa sala também

Aluna LT	
Formulário A <i>sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra</i> Itens 4 e 5	5. Das salas que exploraste, qual(ais) foi(ram) a(s) que mais gostaste? * ☐ Sala dos Cisnes. ☐ Sala Manuelina. ☐ Sala das Pegas. ☐ Sala das Galés. ☐ Capela. ☒ Sala dos Brasões. ☐ Cozinha. 6. Explica por que razão(ões) gostaste mais da(s) sala(s) que seleccionaste no item anterior. * Adorei a sala dos brasões pelo o seu amplo espaço e decoração no teto. O teto muito alto com uma forma interessante e com uma pintura muito linda com vários detalhes. Os azulejos na parede também são muito interessantes e decorativos.
Formulário A <i>sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra (II)</i> Itens 2 e 3	2. Recorda-te da(s) sala(s) que mais gostaste do Palácio Nacional de Sintra, antes de receberes qualquer informação. Após a visita virtual, a tua opinião mantém-se? * <i>Ao longo da visita de estudo, podes ter passado a gostar de outra sala; podes ter gostado ainda mais da sala que seleccionaste; podes até nem ter gostado de sala nenhuma e com a visita continuaste a não gostar. Todas essas hipóteses são válidas.</i> ☒ Sim. ☐ Não. 3. Justifica a tua resposta. * Depois de ver e perceber o significado da sala dos brasões, até comecei a achar mais interessante a forma de disposição com o rei no centro e com a luz mais forte ao centro!

Aluna LFF	
Formulário A <i>sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra</i> Itens 4 e 5	5. Das salas que exploraste, qual(ais) foi(ram) a(s) que mais gostaste? * ☒ Sala dos Cisnes. ☐ Sala Manuelina. ☐ Sala das Pegas. ☐ Sala das Galés. ☐ Capela. ☒ Sala dos Brasões. ☐ Cozinha. 6. Explica por que razão(ões) gostaste mais da(s) sala(s) que seleccionaste no item anterior. * Ambas por terem tantos detalhes no teto e serem chamativas.
Formulário A <i>sensibilidade estética e artística no Palácio Nacional de Sintra (II)</i> Itens 2 e 3	2. Recorda-te da(s) sala(s) que mais gostaste do Palácio Nacional de Sintra, antes de receberes qualquer informação. Após a visita virtual, a tua opinião mantém-se? * <i>Ao longo da visita de estudo, podes ter passado a gostar de outra sala; podes ter gostado ainda mais da sala que seleccionaste; podes até nem ter gostado de sala nenhuma e com a visita continuaste a não gostar. Todas essas hipóteses são válidas.</i> ☒ Sim. ☐ Não. 3. Justifica a tua resposta. * A que mais gostei tinha sido a Sala dos Cisnes e percebi que não era simplesmente decorativo e sendo assim queria saber o seu significado e quando descobri passei a achar ainda mais interessante.

APÊNDICE DOCUMENTAL

Imagem 1: Obra escolhida pela aluna MA, 12.º M – José Luís Neto, *S/Título (da série 22474)*, fotografia em papel de fibra, 2000, disponível em https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/s-titulo-da-serie-22474-149606/ (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021)



Imagem 2: Obra escolhida pelo aluno AR, 12.º M – Malangatana, *Porque a alma vive eternamente*, óleo sobre tela, 1970, disponível em https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/porque-a-alma-vive-eternamente-147340/ (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021)



Imagem 3: Obra escolhida pela aluna BS, 12.º M – Manuel Filipe, *Guerra*, Mina sobre papel, 1945, disponível em https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/guerra-148578/ (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021)



Imagem 4: Obra escolhida pelo aluno BR, 12.º N – Rui Toscano, *No Saying Yes*, instalação sonora, 2003, disponível em https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/no-saying-yes-137516/ (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021)

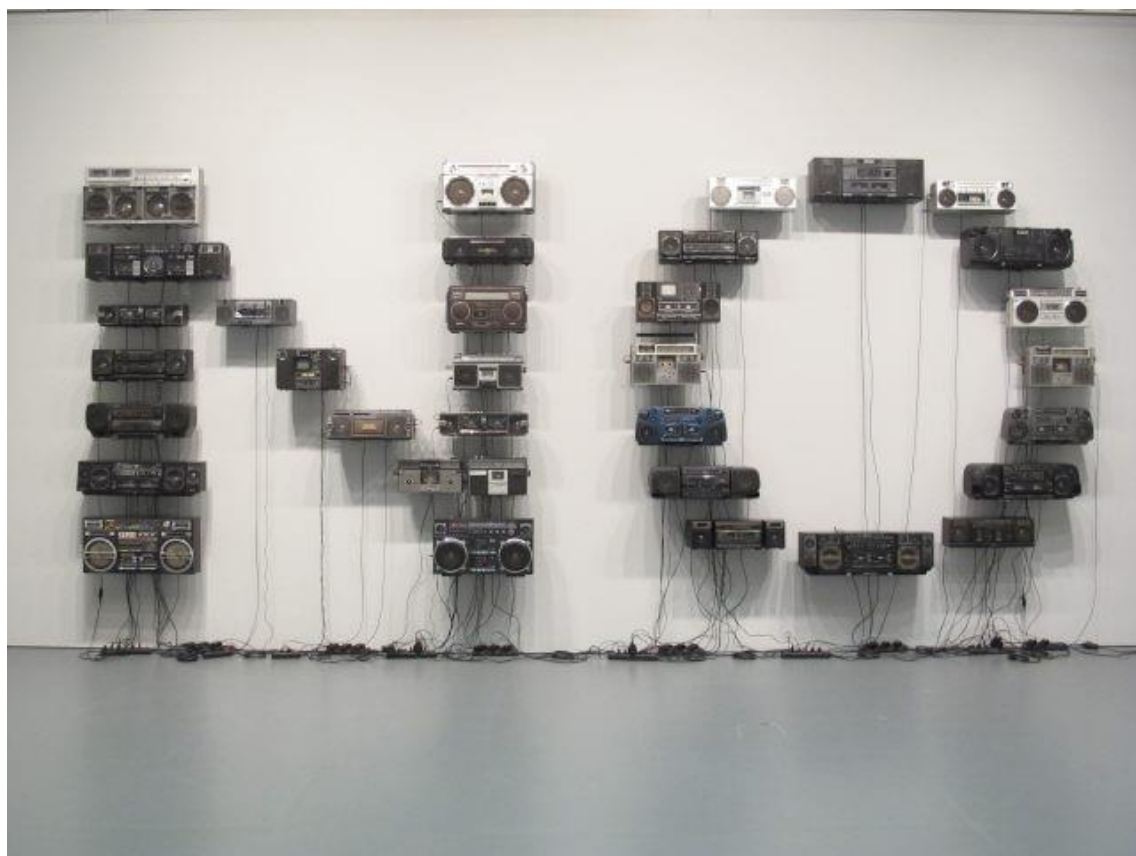


Imagem 5: Obra escolhida pela aluna CF, 12.º N – José de Almada Negreiros, *As Banhistas*, Óleo sobre Tela, 1925, disponível em https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/as-banhistas-pintura-decorativa-cafe-a-brasileira-do-chiado-138964/ (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021)



Imagem 6: Obra escolhida pelo aluno FD, 12.º N – Luísa Jacinto, *Threshold V*, acrílico e óleo sobre tela, 2017, disponível em <http://www.luisajacinto.com/en/work/2017/2017-threshold-v/> (consultado pela última vez a 2 de agosto de 2021)



